



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

DAVID GIL SILVA ESTEVES

A ESPIRITUALIDADE MARIANA DO SACERDOTE

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

Porto
2023

ÍNDICE

ÍNDICE	1
RESUMO	3
ABSTRACT	3
SIGLÁRIO E ABREVIATURAS	5
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: A FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DA ESPIRITUALIDADE MARIANA DO SACERDOTE	Erro! Marcador não definido.
1. MARIA NAS BODAS DE CANÁ.....	17
2. MARIA JUNTO À CRUZ E A PRESENÇA DO DISCÍPULO AMADO	21
2.1. «Mulher, eis o teu Filho».....	22
2.2. «Eis a tua Mãe»	26
3. ANUNCIAÇÃO E ENCARNAÇÃO	28
3.1. «Eis a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua Palavra!»	30
CAPÍTULO 2: A ESPIRITUALIDADE MARIANA DO SACERDOTE NO MAGISTÉRIO DA IGREJA	37
1. ÀS PORTAS DO CONCÍLIO VATICANO II - O PRÉ CONCÍLIO	38
1.1. O Papa Leão XIII.....	38
1.2. O Papa Pio X	40
1.3. O Papa Pio XI.....	42
1.4. O Papa Pio XII.....	45
2. CONCÍLIO VATICANO II.....	48

2.1. <i>Lumen Gentium</i>	49
2.2. <i>Presbyterorum Ordinis</i>	52
3. A ESPIRITUALIDADE MARIANA DO SACERDOTE NO PÓS-CONCÍLIO	54
3.1. O legado de Papa Paulo VI.....	55
3.2. Maria e o sacerdote em João Paulo II.....	60
CAPÍTULO 3: A ESPIRITUALIDADE MARIANA NO EXERCÍCIO DO	
MINISTÉRIO PRESBITERAL	65
1. UMA PASTORAL SACERDOTAL EM LINHA EVANGELIZADORA	68
1.1. A vontade Divina e a vontade humana.....	71
1.2. A mediação de Maria na pastoral do sacerdote	72
1.3. A ternura de Mãe para a vida espiritual do sacerdote	73
1.4. Maria educadora da fé	77
2. A PASTORAL DA CARIDADE	79
2.1. A entrega de si mesmo	82
2.2. Disponibilidade pastoral.....	82
2.3. A alegria do anúncio.....	83
2.4. A fidelidade e a paciência nas tribulações e dificuldades	86
2.5. A união com a Igreja	88
CONCLUSÃO	91
BIBLIOGRAFIA	97
1. FONTES	97
Sagrada Escritura	97
Magistério	97
2. ESTUDOS	101
Documentos da internet.....	106

RESUMO

A presente dissertação tem como tema principal a espiritualidade sacerdotal numa dimensão mariana. Todos temos uma dimensão espiritual, para muitos conhecida, para outros desconhecida. Muitos dos nossos problemas humanos acontecem por uma deformação espiritual, por um declínio da vida interior. Procuramos as melhores maneiras de explorar o mundo, o universo, mas no que toca ao mundo interior exploramos pouco. O sacerdote como cidadão do céu, mas habitante do mundo, necessita cada vez mais de redescobrir a sua interioridade. Para um serviço bem efetuado e com sentido, o presbítero precisa de ter uma vida espiritual bem estruturada. Com este trabalho tentaremos mostrar que esse caminho pode ser feito com a ajuda e companhia de Maria, Mãe de Jesus. O percurso que vamos efetuar terá três etapas: bíblica, magistério e pastoral. Nestes três temas iremos apresentar argumentos válidos para que o sacerdote entenda o quanto Maria é importante para a nossa vida espiritual.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade, Jesus Cristo, Maria, Mãe, Sacerdote.

ABSTRACT

The main theme of this dissertation is priestly spirituality in a Marian dimension. We all have a spiritual dimension, known to many, unknown to others. Many of our human problems are caused by a spiritual deformation, by a decline in inner life. We look for the best ways to explore the world, the universe, but when it comes to the inner world we explore little. Priests, as citizens of heaven but inhabitants of the world, increasingly need to rediscover their interiority. In order to serve well and with meaning, priests need to have a well-structured spiritual life. With this work we will try to show that this journey can be made with the help and companionship of Mary, the Mother of Jesus. The journey we are going to take will have three stages: biblical, magisterial and pastoral. In these three themes we will present valid arguments so that the priest understands how important Mary is for our spiritual life.

KEYWORDS: Spirituality, Jesus Christ, Mary, Mother, Priest.

SIGLÁRIO E ABREVIATURAS

Sagrada Escritura

1 Tm	Primeira Carta a Timóteo
Heb	Carta aos Hebreus
Jo	Evangelho segundo São João
Lc	Evangelho segundo São Lucas
Mc	Evangelho segundo São Marcos
Mt	Evangelho segundo São Mateus
Gn	Livro do Génesis
2 Sm	Segundo Livro de Samuel
Ex	Livro do Êxodo
Fl	Carta aos Filipenses
1 Cor	Primeira Carta aos Coríntios
2 Cor	Segunda Carta aos Coríntios
1 Ts	Primeira Carta aos Tessalonicenses
Rm	Carta aos Romanos
1 Jo	Primeira carta de João
Tg	Carta de Tiago
Gl	Carta aos Gálatas
Ap	Livro do Apocalipse
Ef	Carta aos Efésios
Is	Livro de Isaías
Act	Livro dos Atos dos Apóstolos
AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento

Magistério

CS	Carta Encíclica <i>Ad Catholici Sacerdotii</i>
----	--

DC	Carta Encíclica <i>Deus Caritas est</i>
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
FP	Carta Encíclica <i>Fin dal principio</i>
FT	Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>
HA	Exortação Apostólica <i>Haerent Animo</i>
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
MC	Exortação Apostólica <i>Marialis Cultus</i>
MN	Exortação Apostólica <i>Menti Nostrae</i>
MV	Bula <i>Misericordiae Vultus</i>
OT	Decreto <i>Optatam Totius</i>
PDV	Exortação Apostólica pós-sinodal <i>Pastores Dabo Vobis</i>
PG	Exortação Apostólica pós-Sinodal <i>Pastores Gregis</i>
PO	Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i>
RM	Carta Encíclica <i>Redemptoris Mater</i>
SC	Carta Encíclica <i>Sacerdotalis Caelibatus</i>
SM	Exortação Apostólica <i>Signum Magnum</i>

Outras

BAC	Biblioteca de Autores Cristianos
EVD	Editorial Verbo Divino
A. O.	Apostolado da Oração
OCD	Ordem dos Carmelitas Descalços
SNL	Secretariado Nacional de Liturgia
Cf.	Conferir
Ed.	Edição ou editado
Vol.	Volume
Trad.	Tradutor
DZ	Denzinger

INTRODUÇÃO

O mundo da espiritualidade é difícil de compreender quando misturado com o subjetivismo, individualismo, gnosticismo, pelagianismo, pietismo, e outras correntes que surgiram e vão surgindo no mundo pantanoso atual da espiritualidade. A espiritualidade cristã não se mistura com estas correntes, precisamente, porque é uma espiritualidade que se deixa guiar pelo Espírito de Deus (cf. Gl 5, 18). Na vivência de uma espiritualidade cristã temos uma referência, um objetivo. Jesus Cristo é a sua maior referência, o objetivo é viver uma vida digna de ser chamado cristão. Cristão é aquele que se compromete a viver como Cristo viveu, que se deixa modelar por Ele, que se conforma com a sua mensagem, ou seja, a «espiritualidade é viver o que somos em Cristo».¹ Na vivência de uma verdadeira espiritualidade cristã a pessoa torna-se responsável, comprometida, o seu coração renova-se (cf. 2 Cor 4, 16), tornando-se uma pessoa nova (cf. Rm 6, 4), ou seja, identifica-se com Deus que é Espírito. Se Ele é Espírito «os que o adoram é necessário que o adorem em espírito e verdade» (Jo 4, 24). «Todo o ser humano vive espiritualmente»,² precisamente porque é de dentro que brotam os nossos sentimentos, comportamentos, motivações, sobressaem os dons, crises, medos, receios, paixões, é de dentro que vem a criatividade, que brota a inteligência, que sai as maiores ideias, como, também, os maiores disparates. O mundo interior é um mundo inexplorado por muitos, mas não deixa de ser universal e ambíguo.

O estado do mundo está como está não por uma crise de fé, mas por uma falta de vida interior. Esta falta leva a uma crise de fé. Não queremos apresentar com este estudo um certo espiritualismo, mas uma vida no espírito que nos faz comprometer com a nossa história e com o mundo. Tornando-nos mais humanos, mais sensíveis ao que nos rodeia, procurando oferecer alternativas melhores, como a paz, a alegria, o cuidado, a compaixão. Uma espiritualidade que transforme a pessoa e faça dela uma testemunha viva de Cristo no meio de uma sociedade que ignora cada vez mais a Igreja, o cristianismo, a religião.

¹ Juan Esquerda Bifet, *Teología de la espiritualidad sacerdotal* (Madrid: BAC, 1976), XIV.

² Enzo Bianchi, «La vida espiritual cristiana», *Selecciones de Teología* 39, n. 156 (2000): 291.

Muitos sacerdotes encontram-se na mesma situação, a origem das suas crises é por falta de uma vida espiritual. Donde brotam os escândalos, as vidas duplas, a falta de coerência, o individualismo, os abusos de poder e muitas outras coisas que não dignificam o sacerdote no seu ministério? Tudo acontece porque se esquecem que tem uma vida interior, um mundo onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e alma.³ O sacerdote necessita urgentemente de recordar que é habitado por Deus. Por essência Deus habita na nossa alma e é dentro dela que se quer manifestar. Depois desta tomada de consciência é que pode mudar o mundo que o rodeia. Para mudar o mundo exterior ou o mundo de alguém, precisa primeiro de mudar o seu mundo. É precisamente isto que queremos apresentar com este trabalho. O sacerdote ao cultivar a sua vida interior, numa constante amizade com Jesus Cristo, poderá eventualmente converter muitos corações, destruir barreiras, construir pontes, unir pessoas, alegrar corações, ajudar os mais necessitados, estar mais atento ao que o rodeia, ser mais sensível, ser mais compadecido com os problemas alheios, ter o cuidado necessário na sua pastoral, saber educar o povo, santificar-se, humanizar-se, saber dialogar, saber escutar, ter mais ternura nos tratos, ser um homem orante, praticando um verdadeiro testemunho, na prática dos mandamentos, na assiduidade aos sacramentos, cultivando-se com a formação permanente, com a leitura, procurando sempre a verdade, em tudo ser um autêntico pastor.

Portanto, com este nosso estudo, queremos que o sacerdote compreenda que para alcançar estes objetivos, numa peregrinação de vida interior, necessita da presença especial de Maria, Mãe de Jesus. É necessário, na atualidade, um sério redescobrimto de Maria na vida existencial e espiritual, não só dos presbíteros, mas de todos os cristãos. Esperemos que esta redescoberta de Maria no seio da Igreja e na vida de cada batizado tenha sempre um fundamento bíblico mais profundo e adequado para os tempos de hoje. Que a relação com Maria que vamos propor ao sacerdote não seja utilizada como um acessório, virando para um sentimentalismo ou infantilidade, o que queremos é que se torne madura, sólida, profunda e comprometida.

Por isso, o estudo aqui realizado destina-se a todos aqueles que, de certa forma, têm ou querem ter uma relação de amizade mais autêntica e mais profunda com Jesus, por que só quando tivermos, diante do nosso olhar espiritual, a imagem mais perfeita e clara da Virgem Maria, poderemos ser melhores cristãos, com ela aprendemos a saber melhor o que devemos ser.⁴ Só uma coisa desejamos aos que se vão abeirar deste trabalho, como dizia santo Afonso Maria de Ligório na introdução da sua obra *Glórias de Maria*, que a leitura deste trabalho abraze cada leitor a ter um maior amor a Jesus por Maria. Acreditamos, pois, nas palavras do

³ Cf. Teresa de Jesus, *As Moradas*, em *Obras Completas*, 5º ed. (Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2015), 446.

⁴ Cf. Karl Rahner, *María, Madre del Señor* (Barcelona: Editorial Herder, 1967), 50.

Papa Paulo VI ao dizer que «a nossa época pode bem dizer-se era de Maria» (SM 13), ou como dizia João Paulo II: «Nós todos, [...], os que formamos a geração hodierna dos discípulos de Cristo, desejamos unir-nos a Ela de modo particular» (Carta Encíclica *Redemptor Hominis*, nº 22) e como dizia o Papa Francisco: «Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, Cristo conduz-nos a Maria; conduz-nos a Ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe» (EG 285). Portanto, à luz destas palavras começamos este estudo e o que mais desejamos é que ilumine e frutifique o coração de cada leitor. Que cada um ao ler este trabalho possa ter no fim uma relação diferente com Maria.

Com este labor, é nossa intenção evitar todo o tipo de devocionismos e exageros em torno desta figura singular da história cristã, precisamente porque, a espiritualidade não se confunde com as devoções.⁵ Vamos tentar propor e convidar cada um a fazer uma experiência de uma relação mais profunda com Maria que supere todo o tipo de analogias, exemplos ou modelos que a ela possamos associar, pois «a experiência ultrapassa a doutrina».⁶ Em diálogo sincero, confiante e terno com Maria, abrindo-nos à fé, iremos com este trabalho ajudar a configurar a vida espiritual do sacerdote com a de Maria. O sacerdote que estiver disposto a entrar nesta aventura teológica e espiritual siga estas palavras redigidas por São Afonso Maria de Ligório: «“A terna devoção a Nossa Senhora é uma das graças que Deus normalmente concede àqueles a quem Ele deseja cumular com os seus favores”».⁷

Ao iniciar a leitura deste trabalho é preciso ter em conta que Maria, Mãe de Jesus, é uma figura muito importante na vida de todos os batizados, em especial na dos sacerdotes. Ela é importante na medida que «ocupa depois de Cristo o lugar mais elevado e também mais próximo de nós» (LG 54). Para nós é uma graça podermos aprofundar este tema tão atual nos dias de hoje: a importância de Maria na vida espiritual (do sacerdote). Hodiernamente, é urgente aprender a conhecer melhor Maria, a Mãe de Jesus, o Filho de Deus humanado. Isto porque, «o que o cristão de hoje deseja é um encontro autêntico e pessoal com Maria, livre de hipotecas e visões ultrapassadas, baseado no contacto assíduo com o Evangelho e expresso num diálogo continuamente renovado com ela».⁸

⁵ José Cristo Rey García Paredes, «Maria en la espiritualidad de los ministros ordenados», em *Espiritualidad Sacerdotal – Congreso*, ed. Comisión Episcopal del Clero (Madrid: Editorial de la conferencia episcopal española, 1989), 280.

⁶ Francesco Franzini, «Sacerdotes», em *Nuevo Diccionario de Mariología*, ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo, trad. Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo (Madrid: Ediciones Paulinas, 1988), 1797.

⁷ Francisco Maria López Melús, *Maria de Nazaret la verdadera discípula* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1999), 23.

⁸ Stefano de Fiores, «Maria», em *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, ed. Augusto Guerra, 2ª ed. (Madrid: Ediciones Paulinas, 1983), 850.

A Igreja, no seu Magistério, é prudente e cautelosa quando fala desta mulher, tendo em vista, por exemplo, o trabalho ecuménico.⁹ Precisamente porque, ao longo dos séculos, houve muitas exageradas interpretações no que se refere à sua figura, ao seu papel, ao tipo de relações e à sua importância na vida existencial de cada cristão. Por isso, Maria é apresentada, maioritariamente, em último lugar em muitos escritos do Magistério ou associada com a Igreja. Nesta obra, Maria não será colocada em último plano, ela é a figura principal, em união com o seu Filho. De facto, a espiritualidade mariana não é paralela à espiritualidade cristã. Para não cairmos no erro dessa associação, é preciso dizer que a espiritualidade mariana é uma modalidade de espiritualidade cristã.¹⁰ Portanto, quando dissermos espiritualidade mariana vamos, precisamente, nesta linha. A espiritualidade mariana é essencial na vida do sacerdote ou, mesmo, de cada cristão? Certamente poderá ser importante, mas não é a única espiritualidade existente no mundo cristão. Viver uma espiritualidade mariana pode ajudar cada batizado, cada crente, a encontrar-se com os valores evangélicos, e isso é o mais importante, pois as espiritualidades que a Igreja propõe tem a sua raiz no Evangelho e são dadas como um dom de Deus.

A relação com Maria torna-se estéril, se optarmos unicamente por uma simples devoção popular ou devocional; ou se seguirmos por uma abordagem de componente ideológica, é preciso, também, aprender a ter uma relação existencial, de comportamentos espirituais semelhantes, sem purismo de fé e racionalismo teológico,¹¹ mas de tudo, assumirmos uma devoção filial, sem receio de desonrar o Filho ao honrar a Mãe,¹² pois isso é, precisamente, o que Jesus nos dá: um verdadeiro espírito filial para com aquela que, por ser Sua, é nossa Mãe.¹³ Se assim for, aprenderemos a ser melhores em humildade, escuta, acolhimento, ternura, atenção, misericórdia, disponibilidade e, também, na tolerância. Ora, esta lista de qualidades, e certamente outras, é aquilo que é pedido a cada sacerdote nos dias de hoje, o mundo assim o exige. Uma das missões do sacerdote é mostrar o rosto de Deus aos homens, e esta missão só poderá ser autêntica se for unida a Maria, como dizia já o professor Francisco Maria Melús: «Na medida em que Nossa Senhora tiver um lugar e um espaço nos nossos

⁹ Cf. Luís Rocha e Melo, S.J., *O vento sopra onde quer* (Braga: Secretariado Nacional A. O., 2001), 277.

¹⁰ Cf. Stefano de Fiores, *María Madre de Jesús – Síntesis histórico-salvífico* (Salamanca: Secretariado Trinitario, 2002), 349.

¹¹ Ivone Margarida Bock e Maria Angela Almeida, «Mariologia e Ideologia», *Revista de Cultura Teológica*, n. 7 (1994): 49, <https://doi.org/10.19176/rect.v0i7.14131>

¹² Cf. Luís Maria Grignon de Montfort, *Tratado da verdadeira devoção à Virgem Maria* (Anápolis: Fraternidade Arca de Maria, 2002), 82.

¹³ Cf. P. María Eugenio del Niño Jesus, *Quiero ver a Dios*, trad. P. Juan Montero, OCD (Madrid: Editorial de espiritualidad, 2002), 222.

corações, nas nossas famílias, como tem nos nossos santuários..., seremos capazes de revelar aos homens o verdadeiro rosto de Deus».¹⁴

É necessário aprender a ser como as crianças que confiam sempre na sua mãe. Elas dão a mão e confiam que a mãe as guia sempre pelo melhor caminho, por isso, nunca devemos largar a mão de Maria.¹⁵ É possível viver uma vida olhando para o rosto verdadeiro de Maria e receber desta relação os frutos do Espírito: o amor, alegria, paz, paciência, benevolência, bondade, fidelidade, mansidão e autodomínio (cf. Gl 5, 22). Com Maria aprende-se a viver uma vida teologal mais plena. Pois, como diz Stefano de Fiores: «A história certifica que todos aqueles que entraram verdadeiramente no caminho espiritual mariano produziram o fruto do Espírito...».¹⁶ Além destes frutos do Espírito, com ela, também, podemos revestir-nos das suas virtudes mais conhecidas: a fé, a obediência, humildade, caridade, sabedoria, fortaleza, piedade, orante, solicitude vigilante, delicadeza, pureza. Com isto podemos afirmar como dizia São Paulo VI: «Destas virtudes da Mãe se poderão também revestir os filhos...» (MC 57).

No entanto, se, por um lado, é sabido que Jesus é o único caminho que nos leva ao Pai (cf. 1 Tm 2, 5), por outro, sabemos que Maria é o melhor caminho que nos leva ao Filho (cf. DZ 3274). Maria é perita em humanidade, por isso «é o caminho mais acessível, mais semelhante ao nosso. O seu é o caminho da fé, da escuridão, da esperança e do amor».¹⁷ Maria é figura importante na história da salvação, porque é Mãe do Sumo Sacerdote (cf. Heb 8, 1), e se os sacerdotes são representantes de Cristo, ou seja, estão ao seu serviço,¹⁸ então são semelhantes a Maria, a serva do Senhor. Há um axioma que se aplica especialmente ao sacerdote: «O que Maria é, nós devemos tornar-nos».¹⁹ A missão do sacerdote só será mais completa se tiver Maria como suporte, e, Maria, a mulher atenta às necessidades de cada um, procura sempre ajudar quem a ela recorre. Por isso o sacerdote é convidado «a olhar para Maria como o modelo perfeito da sua existência».²⁰

A vida espiritual do sacerdote tem várias dimensões, que são constitutivas: trinitária, cristológica, pneumatológica, eclesial, sacramental e, também, mariana. Ora, é precisamente esta dimensão que vamos explorar neste trabalho, sem deixar de lado as outras dimensões. Ao abordar este tema de estudo, é preciso esclarecer que não iremos aprofundar todos os

¹⁴ Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 388.

¹⁵ Francisco Xavier Nguyen Van Thuan, *O Caminho da Esperança – testemunhar com alegria a pertença a Cristo* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2007), 193.

¹⁶ Fiores, *María Madre de Jesús – Síntesis histórico-salvífico*, 347.

¹⁷ Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 16.

¹⁸ Cf. Gisbert Greshake, *Ser sacerdote hoy* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006), 127.

¹⁹ Greshake, *Ser sacerdote hoy*, 448.

²⁰ Bento XVI, «Audiência Geral», quarta-feira, 12 de agosto de 2009, acessado a 15 de abril de 2023, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090812.html

elementos relacionados com a espiritualidade sacerdotal, nem com a espiritualidade mariana. Dos temas que vamos pesquisar, iremos correlacioná-las: o que Maria tem a dar ao sacerdote e o que o sacerdote tem a aprender com Maria, ou seja, olhar para as características de uma espiritualidade sacerdotal e compará-la com a espiritualidade mariana ou fixarmo-nos nos exemplos espirituais de Maria e ligar à espiritualidade e vida do sacerdote. Portanto, ao longo do trabalho iremos relacionar muitos temas que são específicos de Maria e vividos pelo sacerdote.

A categoria do sacerdócio não é só específica do sacerdote ordenado na ordem ministerial, porque a noção do sacerdócio abrange o sacerdócio comum dos fiéis. Mas, neste estudo vamos cingir-nos ao sacerdócio ministerial. Sempre que utilizamos o termo sacerdócio ou sacerdote iremos nesta linha. Outra interpretação que surja será contextualizada. Não haverá, também, distinções relevantes entre o sacerdote diocesano e religioso, pois ambos, como dizia Jacques Bur, fazem parte de um único presbiterado, não há dois presbiterados.²¹ Outra situação a ter em conta é que na leitura do nosso trabalho muitas vezes vamos referir-nos a todos os batizados, porque o sacerdote também está inserido pelo batismo no sacerdócio comum dos fiéis e este papel de Maria na vida de cada um é para todos e não é só reservado ao ministro sagrado.

Sendo assim, o presente trabalho encontra-se organizado em três capítulos, com a intenção primária de tentar devolver ao leitor a certeza de que Maria tem uma presença viva e eficaz na nossa caminhada espiritual para o Pai. No primeiro capítulo iremos abordar a fundamentação bíblica mariana associada à espiritualidade sacerdotal mariana, ou seja, vamos extrair elementos bíblicos essenciais sobre Maria e associá-los à vida espiritual do sacerdote. As passagens bíblicas que iremos abordar são as seguintes: Maria nas bodas de Caná; Maria junto à cruz com o discípulo amado; Maria na Anunciação e na Encarnação. Em todas estas passagens encontramos elementos cruciais que nos ajudam a perceber que Maria tem uma presença importante na nossa caminhada espiritual.

No segundo capítulo, vamos encontrar reflexões sobre o Magistério que abordam temas sobre a espiritualidade sacerdotal que se relacionam diretamente com a pessoa de Maria, com a sua vida, história, o seu legado espiritual. Serão destacados temas como a imitação das virtudes, o valor da escuta e da meditação da Palavra de Deus, a dimensão pneumatologia, a santidade, a oração e o celibato/castidade. Tudo isto são conteúdos que brotam da experiência mariana e que se ligam ao ministério sacerdotal do presbítero. Iremos apresentar documentos de papas que foram dirigidos diretamente aos sacerdotes e deles extrair o que achamos

²¹ Cf. Jacques Bur, *A espiritualidade sacerdotal*, trad. Margarida Maria O. Gonçalves (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997), 22.

pertinente para a nossa associação com Maria. Este capítulo será dividido em três apartados, um pré-conciliar, outro conciliar e, por último, pós-conciliar.

Os papas anteriores ao Concílio Vaticano II mostraram progressivamente indícios de mudança no seio da Igreja, mudanças estas que vieram a despontar no Concílio, era urgente uma reflexão sobre o papel da Igreja na sociedade, era necessário haver uma análise mais profunda nas questões litúrgicas e teológicas, havia também o desejo de entrar em diálogo com as outras Igrejas de denominação cristã, o que se queria no fundo era abrir a Igreja ao diálogo com o mundo. Por esta razão achamos pertinente abordar documentos que surgiram neste período da história da Igreja. Outro motivo desta escolha foi porque o Concílio Vaticano I não foi concluído e todos os papas seguintes tiveram, pelo menos, um documento sobre o sacerdócio.

No Concílio Vaticano II surgiram tratados muito importantes para a vida da Igreja, não iremos analisar todos, vamos focar-nos em dois: *Lumen Gentium* e *Presbyterorum Ordinis*. Nestes documentos vamos extrair as reflexões que existem em torno da figura de Maria e de temas que foram anteriormente abordados pelos papas.

Encerramos este capítulo com duas grandes figuras da história da Igreja: Paulo VI e João Paulo II. Ambos apresentaram documentos específicos sobre Maria e o sacerdócio. São duas figuras muito importantes e com reflexões extraordinárias sobre o papel de Maria na vida de qualquer cristão. Nelas encontramos argumentos válidos para o nosso tema de estudo.

No terceiro capítulo, estará concentrado o cerne da nossa reflexão. Vamos apresentar elementos importantes de uma pastoral mariana no exercício do ministério. Será como uma concentração de tudo o que foi dito nos capítulos anteriores. O objetivo é dar ao presbítero maneiras práticas de pastorear com uma marca mariana. Como fio condutor desta reflexão pastoral encontraremos dois temas: a evangelização e a caridade pastoral. Dentro destes temas serão apresentados assuntos ao qual nós achamos serem pertinentes para a vida prática do sacerdote.

Por último, encontrareis a conclusão, logo a seguir apresentamos a bibliografia com as respetivas obras que ajudaram à nossa reflexão. Obras de teólogos, exegetas, santos, e documentos de papas e do Magistério e, também, revistas teológicas, documentos e reflexões retiradas da internet, tudo será apresentando na respetiva bibliografia.

Com a nossa investigação deparamo-nos com pouca bibliografia sobre a espiritualidade mariana do sacerdote, foi necessário abordar leituras que nos falam sobre a espiritualidade sacerdotal e daí retirar o que se falava sobre Maria. Por outro lado, abordar tratados sobre Maria e retirar o que fala sobre o sacerdote. Além dos documentos do Magistério e da leitura de alguns santos, a maior parte das outras leituras são reflexões recentes.

Deste modo, a nossa Dissertação tem como tema apresentar Maria como figura importante no ministério do presbítero, pois todo o seu ministério só tem razão de ser se for vivido com uma vida interior, na relação íntima com Jesus e procurando sempre ajudar cada um que se aproxima a salvar a sua alma. A configuração com Cristo só ocorre se o presbítero tiver uma vida espiritual íntegra, sincera, verdadeira, real, fiel e, acima de tudo, que seja uma forma de humanizar. Isto só sucederá se o sacerdote abrir o seu coração ao espírito de Maria e com ela caminhar junto sem nunca vacilar na confiança, procurando juntos o seu bem e o dos outros. Maria surge como uma figura que nos acompanha e ajuda a sermos melhores cristãos e humanos.

Com este trabalho pretendemos que os sacerdotes obtenham as características próprias da maternidade e paternidade espiritual. Então, como poderá o ministro sagrado ter uma espiritualidade mariana? Como será essa espiritualidade? Que relação existe entre a espiritualidade mariana e a espiritualidade sacerdotal? Que efeitos terá para a vida do ministro? Na atualidade é útil este aprofundamento para uma pastoral da espiritualidade mariana do sacerdote? Maria têm ou não um papel importante na vida do sacerdote? Tudo isto são perguntas que vão sendo respondidas ao longo deste estudo.

CAPÍTULO 1: A FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DA ESPIRITUALIDADE MARIANA DO SACERDOTE

A Sagrada Escritura é como a água, é um elemento essencial na vida de todo o Cristão. A Palavra de Deus move-nos, inspira-nos e indica-nos caminhos, estrutura-nos e converte-nos em Filhos de Deus. É nestes escritos, inspirados pelo Espírito Santo (cf. DV 11), que encontramos o necessário para compreendermos a história da Salvação de Deus para com o Seu povo. Manifestamente, temos um Deus criador que nos indica um caminho de fidelidade no amor, um amor a Deus e aos homens e que se reflete em obras, ou seja, temos uma criação amorosa, como dizia Simone Weil: «Deus criou por amor, para o amor. Deus não criou outra coisa senão o próprio amor e os meios de conseguir o amor. Criou todas as formas de amor. Criou seres capazes de amar a todas as distâncias possíveis».²² Contudo, deu-nos a liberdade e isso levou o homem, pelo orgulho, ao desprezo da realidade a que foi chamado. Na sua vontade desarticulou-se daquele que lhe soprou o Espírito da vida. Ao negar a sua verdadeira realidade existencial, foi provocada uma cisão com a vontade divina, não na totalidade, mas na essência da sua vivência.

Maria entra em cena como a mulher da obediência à vontade de Deus, a mulher que aceitou o projeto de amor do Deus criador e confiou no desígnio salvífico de Deus na sua vida. Com isto, liga-se inteiramente à história do povo de Israel e a toda a humanidade, o que faz dela a «nova Eva», a mulher que veio restabelecer a originalidade do ser humano, a nossa essência distorcida retoma o seu vigor. Eva cooperou com Adão para a nossa ruína, enquanto Maria coopera com Cristo para a nossa salvação.²³

Ao começarmos com estas palavras, queremos introduzir este capítulo dizendo que toda a formação teológica tem como elemento essencial a Sagrada Escritura, ela é a alma da formação do presbítero (cf. OT 16). Por isso, se a mariologia é uma disciplina teológica, então sem a Palavra de Deus a mariologia não tem sentido, assim, o estudo da Sagrada Escritura há de ser, também, como que a alma da mariologia (cf. DV 24). J. Michl dizia: «Qualquer

²² Simone Weil, *À porta do farol faz escuro*, trad. Manuel Simões (Braga: Editorial A. O., 1991), 64.

²³ Cf. Cándido Pozo, *María, nueva Eva* (Madrid: BAC, 2005), 348.

teologia de Maria deve partir da Sagrada Escritura».²⁴ Portanto, para uma compreensão da mariologia é necessário começar com a sua fundamentação bíblica. Isto aplica-se a todas as áreas de estudo que englobam a teologia, nomeadamente, a teologia do sacerdócio e a teologia mariana.

Deste modo, por onde começar esta fundamentação bíblica da espiritualidade mariana do sacerdote? Primeiro é preciso esclarecer que o objetivo neste capítulo não é apresentar um tratado de mariologia ou fazer uma exegese detalhada das passagens bíblicas marianas, nem muito menos aprofundar o tema da espiritualidade sacerdotal, mas compreender que, ambas as áreas, sem a Palavra de Deus, não têm qualquer sentido. Por isso, iremos abordar algumas passagens bíblicas marianas e retirar delas o essencial para a defesa da nossa tese, visto que o nosso objetivo é fazer uma ligação entre a teologia sacerdotal e teologia mariana, ou, mais concretamente entre a espiritualidade sacerdotal e espiritualidade mariana. Então, por onde começar? Poderíamos começar pelo livro do Génesis e terminar com o livro do Apocalipse. No entanto, vamos limitar-nos à opinião da maioria dos exegetas, cingindo-nos ao Novo Testamento (NT) e, acima de tudo, abordar as partes que vão ajudar ao nosso tema de investigação. Dizia Settimio Cipriani: «Pois bem, acreditamos que, examinando o Novo Testamento, podemos encontrar elementos que validam a doutrina de uma maternidade espiritual de Maria estendida a todos os homens».²⁵

As fontes fundamentais de uma mariologia partem da maternidade divina e da concepção virginal, ambas declaradas nos Evangelhos.²⁶ Tendo isto em conta, poderíamos partir de vários critérios, mas para o que toca à nossa exposição, iremos olhar, não só à passagem de Lucas, mas também iremos ao Evangelista João, com as passagens das bodas de Caná e Maria junto à cruz. O objetivo é retirar temas que nos liguem à espiritualidade sacerdotal, por exemplo, o testemunho como serviço, caridade, disponibilidade, desprendimento, abertura, diálogo, entrega, generosidade, magnanimidade, confiança, misericórdia, humildade, ternura e escuta. O sacerdote, nos tempos de hoje, necessita de recordar que a sua missão é servir e não ser servido (cf. Mt 20, 28). Esta categoria é muito importante para os tempos de hoje, o sacerdote precisa de lembrar ao que foi chamado. Para a sua vida espiritual e para uma pastoral nos tempos de hoje, é necessário meditar bem sobre estas virtudes. O tema do serviço pode levar-nos a pensar só nas coisas práticas, mas é muito mais do que algo externo,

²⁴ J. Michl, «Maria», em *Dicionário de Teologia Bíblica*, trad. Helmuth Alfredo Simon, 2ª ed., vol. II (São Paulo: Edições Loyola, 1978), 665.

²⁵ Settimio Cipriani, «Madre nuestra», em *Nuevo Diccionario de Mariologia*, ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo, trad. Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo (Madrid: Ediciones Paulinas, 1988), 1201.

²⁶ John L. Mckenzie, «Maria», em *Dicionário Bíblico*, trad. Álvaro Cunha, 6ª ed. (São Paulo: Paulus, 1983), 586.

acomete-nos a algo mais intrínseco. Este e outros temas iremos tratar pormenorizadamente mais à frente.

Sabemos bem que a Sagrada Escritura tem como figura central Jesus Cristo o Filho de Deus,²⁷ Ele é o Alfa e o Ómega, princípio e fim de todas as coisas (cf. Ap 22, 13), por isso está subjacente e presente em toda a Palavra de Deus, porque, por meio d'Ele todas as coisas surgiram, e sem Ele nem uma só coisa do que existe surgiu (cf. Jo 1, 3). Maria é uma figura relativa a Cristo, não tem o mesmo peso do seu Filho e, também, nem parte fazia dos discursos do *kerigma* primitivo.²⁸ Contudo, nem por isso deixa de ter um papel importante na vida de cada cristão. É como se dissesse: Ela é semelhante a Cristo como a lua é ao Sol,²⁹ e como a Lua não é nada sem o Sol, Maria não é nada sem Cristo. Jesus veio para salvar o seu povo, Maria coopera nessa obra de salvação, despertando o amor em cada coração, e, sem nunca retirar, nem acrescentar a dignidade e eficácia do único mediador, que é Cristo (cf. LG 61-62). Tudo isto, efetivamente, porque a pedagogia divina assim o pretendeu: encarnar no seio da Virgem e fazer-se homem. Podia ter feito de outra maneira? Podia, mas não o fez, na liberdade gratuita do seu amor assim o projetou.³⁰

Portanto, qual a importância que tem Maria para a vida de cada sacerdote ministro? Por que necessitamos de Maria na nossa vida espiritual? Como nos acompanha no caminho da nossa vida de fé, esperança e caridade? Com este capítulo queremos, pois, entrar em aspetos bíblicos fundamentais que nos ajudem no aprofundamento deste tema em estudo. Tentaremos responder, ao longo do trabalho, a estas perguntas respeitando as bases bíblicas que as sustentam. Não seguiremos a ordem dos relatos do Evangelho, mas uma lógica de pensamento.

1. MARIA NAS BODAS DE CANÁ

Não pretendendo fazer uma análise da passagem de São João, abordaremos exegeticamente alguns aspetos do relato e tentaremos extrair o que de importante tem para a vida espiritual do presbítero, pois «a verdadeira interpretação procura o que se esconde por detrás da letra do texto. É aqui que se encontra o espírito, o sentido mais profundo, o mistério».³¹ Nas Bodas de Caná temos inteiramente um significado cristológico. Jesus vai

²⁷ Cf. Fiore, *María Madre de Jesús – Síntesis histórico-salvífico*, 54.

²⁸ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 103.

²⁹ Lorenzo de Brindis, *Marial – María de Nazaret «Virgen de la Plenitud»*, trad. Agustín Guzmán Sancho e Bernardino de Armellada (Madrid: BAC, 2004), 418.

³⁰ Cf. Bruno Forte, *María, la mujer icono del misterio* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015), 237.

³¹ Cf. Ignacio de la Potterie, *María en el misterio de la alianza* (Madrid: BAC, 1993), 232.

efetuar algo muito importante, suscitar a fé nos discípulos.³² Com esta passagem, temos o início dos sinais de Jesus, a hora da primeira manifestação da glória de Jesus chegou³³ e quem desencadeou seu início foi Maria.³⁴ Maria não sabia quando era o momento, mas, como humana que era, pressentiu a falta de algo, por isso, além de desencadear a cristofania, revelase nela uma sensibilidade material, ou melhor, intercede pelos mais necessitados, enquanto Jesus desperta a sensibilidade espiritual, para a vontade de Deus,³⁵ com uma perspectiva de futuro.³⁶ Isto quer dizer que a hora de Jesus em São João é referente à Paixão e Ressurreição.³⁷ Portanto, um dos aspetos importantes é que Maria está presente no início dos sinais, e também estará no fim da sua hora, quando tudo estiver consumado (cf. Jo 19, 30). O início, então, começa com um sinal,³⁸ a água transformada em vinho, algo que servirá para despertar a fé dos discípulos e dos convivas. Mas, antes de ir ao clímax desta narração,³⁹ que sabemos nós dos sinais de Jesus? Servem para despertar a fé dos que os veem. Expliquemos melhor.

Todos os sinais que Jesus efetuava serviam para mostrar a presença do Pai no meio dos homens, Jesus era um com o Pai (cf. Jo 10, 30), Ele amava o Pai (cf. Jo 14, 31), como o Pai o amava (cf. Jo 15, 9). As obras efetuadas por Jesus estavam em consonância com o Pai (cf. Jo 14, 9-11), e serviam para cumprir a vontade do Pai a respeito dos desígnios salvíficos determinados (cf. Jo 6, 38). Era necessário cumprir com as escrituras (cf. Jo 5, 17-18), e assim fez Jesus com a sua vinda ao mundo: dar testemunho da presença do Pai na vida de cada um, ou seja, dar testemunho da Verdade (cf. Jo 19, 37). A sua mensagem veio revelar-nos um Deus próximo, uma presença constante nos corações de cada um (cf. Lc 17, 21), veio dar uma nova esperança ao povo que andava nas trevas (cf. Mt 4, 16), veio para dar vida e vida em abundância (cf. Jo 10, 10). Por isto tudo, os sinais efetuados por Jesus tinham sempre a intenção de converter e despertar a fé, nunca para se exhibir.

Tivemos a necessidade de destacar estas verdades da fé para nos introduzir no ponto culminante do acontecimento das Bodas de Caná. Clarifiquemos melhor, quando Maria olha e vê a necessidade que havia de vinho, cheia de confiança, expressa a sua preocupação a Jesus e

³² Cf. Fiores, *María Madre de Jesús – Síntesis histórico-salvífico*, 113.

³³ Cf. Potterie, *María en el misterio de la alianza*, 228.

³⁴ Cf. Potterie, *María en el misterio de la alianza*, 243.

³⁵ Cf. Jacques Servais, *Hans Urs Von Balthasar – textos de Ejercicios Espirituales* (Bilbao, Santander: Ediciones Mensajero, S.A.; Editorial Sal Terrae, 2009), 149.

³⁶ Cf. Aristide Serra, «Biblia (Juan)», em *Nuevo Diccionario de Mariologia*, ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo, trad. Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo (Madrid: Ediciones Paulinas, 1988), 354.

³⁷ Cf. Pozo, *María, nueva Eva*, 247.

³⁸ Iremos utilizar o termo sinal, porque assim é da linguagem joanica, os textos sinóticos utilizam outro termo, o mais corrente é o milagre. Sinal tem um significado mais profundo.

³⁹ Juan Manuel Martín-Moreno, *Personajes del cuarto Evangelio*, 3ª ed. (Henao: Editorial Desclée de Brouwer, S.A.; Universidad Pontificia Comillas, 2010), 82.

tenta d'Ele retirar algo.⁴⁰ Maria sabia que o seu filho poderia efetuar grandes obras, como fazer milagres,⁴¹ embora nunca os tenha visto, contudo, não há nada que prove que ela queria pedir um prodígio,⁴² mas não neguemos que conhecia bem as escrituras (cf. Is 52, 15). No entanto, Maria não sabia qual era o momento, a hora, por isso, quando Ele lhe responde, ela entrega-se à sua vontade e também diz aos que estavam com ela para fazerem o que Ele nos dissera (cf. Jo 2, 5). Portanto, Jesus com o sinal quer despertar a fé dos que dele se aproximam, quer romper com os laços familiares, deixar o convite a segui-Lo para onde fosse, e convidar cada um a abandonar o que é terreno⁴³ para nos focarmos no essencial: «...os que ouvem a palavra de Deus e a observam» (Lc 11, 28). Aqui temos a confirmação do que dissemos em cima, Jesus tem o papel principal em toda a Sagrada Escritura, e Maria um papel de segundo plano,⁴⁴ não podemos negar isto.

Foquemo-nos por uns instantes nos atos de Maria. Em sentido material, ela vê nas bodas que faltava algo essencial, o vinho, que é sinal de alegria.⁴⁵ Isto demonstra que está atenta ao que se passa à sua volta. Nesta primeira cena podemos deduzir que Maria não quer o povo triste e sem esperança e, além disso, é uma mulher cheia de compaixão (cf. LG 58) pelo seu semelhante. Maria ensina-nos a pedir com confiança,⁴⁶ precisamos de pedir sem medo em oração, mesmo que o nosso pedido não seja atendido não podemos desanimar. Por isso, é preciso despertar o que está adormecido (cf. Ef 5, 14), acender a falta de fé (cf. Mt 17, 20) para não adormecer na razão, é necessário insistir, bater à porta (cf. Mt 7, 7).

Em sentido mais figurativo, temos outras interpretações, por exemplo, a questão do vinho novo como símbolo da nova lei de Cristo, da sua palavra reveladora, que veio reinterpretar a lei de Moisés e cumprir com as profecias.⁴⁷ A água transformada em vinho, significa a mudança do paradigma de uma lei judaica dada por Moisés, para uma nova realidade cristã, evangélica. Uma mudança de mentalidade, uma nova maneira de viver os mandamentos de Deus, um olhar diferente ao sistema social e religioso que havia, tudo isto liga simbolicamente com o vinho novo. Ora, Maria entra nesta cena com a mesma perspectiva, sabendo da realidade do Espírito Santo,⁴⁸ ela vê e percebe a sua ausência e pede que venha imediatamente em auxílio dos necessitados. Olhar para esta passagem com esta dimensão

⁴⁰ Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 223.

⁴¹ Aristide Serra, «Biblia (Juan)», 351.

⁴² Cf. Aristide Serra, «Biblia (Juan)», 351.

⁴³ O supérfluo, o que é desprezível, sem sentido, o vazio.

⁴⁴ Cf. Pozo, *Maria, nueva Eva*, 248.

⁴⁵ «...o vinho que alegra o coração dos humanos» (Sl 104, 15).

⁴⁶ Cf. Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 223.

⁴⁷ Cf. Aristide Serra, «Biblia (Juan)», 352.

⁴⁸ «O Espírito Santo virá sobre ti...» (Lc 1, 35).

pneumatológica, não é aceite por muitos exegetas.⁴⁹ Portanto, Maria intercede com fé, vê as necessidades, as preocupações dos seus filhos e como que participa na vida nova do filho, ela preocupa-se com a necessidade de substituir o velho pelo novo.⁵⁰ Por isso, podemos afirmar que, «“No seu ato de fé e na sua oração, Maria aparece como representante da humanidade em sofrimento...”».⁵¹

Depois da atenção de Maria, temos a reação do Filho e o conselho da Mãe. A resposta de Jesus à sua Mãe, parece demasiado fria, mas não é, pois «não há nenhuma hostilidade entre Jesus e Maria»,⁵² o seu sentido é mais amplo.⁵³ Não vamos aprofundar demasiado a resposta de Jesus, vamos só referir que o significado cristológico fundamental que se retira desta perícopa é que nela encontramos a revelação da missão messiânica de Jesus, que é simbolizado no vinho novo.

Foquemo-nos por mais uns instantes na resposta de Maria: «O que Ele vos disser, fazei-o» (Jo 2, 5). Maria com estas palavras liga-se à antiga Aliança, como já dissemos, liga-se a toda a humanidade. Pois, no AT temos passagens que nos mostra um mediador e uma resposta do povo (cf. Ex 19, 1-8), então, «Maria pede aos servos que adotem para com Jesus uma atitude que é, na realidade, a atitude da Aliança, isto é, a perfeita submissão à vontade de Deus».⁵⁴ No rito de ordenação do presbítero, ele responde ao convite a tomar consciência, a imitar e a conformar-se com o mistério da cruz de Cristo. Não teremos aqui uma ligação com as palavras de Maria? Se o objetivo do sacerdote é submeter-se à vontade de Deus, então temos aqui uma manifestação perfeita da espiritualidade mariana sacerdotal. Outro facto que se pode deduzir das palavras de Maria sobre a obediência a Deus, é o despertar-nos para o serviço. A alusão aos servidores é uma referência explícita aos verdadeiros discípulos de Jesus.⁵⁵ Este tema será posteriormente abordado.

Em suma, que podemos retirar de essencial para a espiritualidade do presbítero? Primeiro de tudo, o tema da fé. Sem a fé não pode haver vocação. Jesus quando mostra o sinal vem mostrar a primeira etapa a ter para o seguir, a fé. A vocação não existe sem este elemento. E, para mais, precisa de ser alimentada diariamente. O sacerdote precisa de viver em espírito de serviço. Serviço que se transforma em obediência a Deus e à sua vontade. Este sentido é encaminhado para procurar viver no estado de homem novo e sair da sua condição

⁴⁹ Cf. Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 226.

⁵⁰ Manuel Madureira Dias, *Maria de Nazaré, Mãe de Deus e Mãe nossa* (Fátima: SNL, 2021), 24.

⁵¹ Aristide Serra, «Bíblia (Juan)», 351.

⁵² Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 224.

⁵³ Não iremos aprofundar a resposta que Jesus deu a sua Mãe, ficaria muito extenso. Era preciso analisar o motivo de lhe chamar mulher, compreender o significado da hora, era preciso ir às traduções e ver o seu sentido, comparar as interpretações que existem, para uma melhor compreensão temos o livro: Ignacio de la Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 223-28.

⁵⁴ José Cristo Rey García Paredes, *Mariología* (Madrid: BAC, 1995), 142.

⁵⁵ Cf. Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 249.

de homem velho. O fermento velho entristece-nos, precisamos de um fermento novo que nos alegre e que nos anime, Maria está disposta a ajudar nisso, pois ela é a mulher atenta e, além disso, é Mãe. Que necessidade temos nós de pedir, quando ela por si só já mostra que está atenta ao que falta a toda a humanidade?

O sacerdote precisa de aprender com Maria a estar atento ao próximo, as necessidades do mundo são exigentes, por isso, esta atenção de Maria deve despertar a sensibilidade espiritual do sacerdote, ou seja, precisa de procurar viver uma vida espiritual séria e digna da sua vocação para que o seu testemunho interno seja manifesto aos que recorrem a ele. Esta é a vontade de Deus a respeito de todos os homens: que nos amemos uns aos outros como Ele nos amou (cf. Jo 13, 34). Desta caridade mútua procede todo o bem da sociedade. Queremos o bem natural e material do próximo, mas sobretudo, queremos a sua salvação eterna, pois o bem sobrenatural do irmão vale mais do que todo o Universo.

É possível ainda abordar a questão da alegria, elemento essencial para os tempos de hoje. Hodiernamente parece que está tudo numa extrema melancolia. E isso também afeta a vida do presbítero. O vinho das bodas é um sinal dessa alegria transbordante que é preciso reanimar em muitos sacerdotes que parece viverem numa eterna Sexta-Feira Santa, não estamos a dizer com isto que precisa de beber vinho literalmente, mas que se torne em ébrio⁵⁶ pelo Espírito Santo, um homem feliz na sua vocação e cheio de algo para dar, não esteja com as talhas vazias. O tema da alegria será abordado com mais pormenores no terceiro capítulo.

2. MARIA JUNTO À CRUZ E A PRESENÇA DO DISCÍPULO AMADO

Nesta derradeira hora onde o Filho consumara toda a missão na terra morrendo no madeiro, temos junto a Ele as personagens de Maria e João o discípulo amado.⁵⁷ Figuras estas importantes para o decorrer da história da Igreja. Maria foi a mulher que teve o privilégio de conceber Jesus e dar início à Sua passagem entre os homens. Na Encarnação Maria teve nos seus braços aquele pequeno bebé, abriu o coração para o acolhimento de todo aquele inefável acontecimento, cheia de alegria e no silêncio contemplava toda a sua beleza. Junto à cruz Maria também recebe o Filho nos braços, mas chagado, ensanguentado, cheio de feridas, sem beleza para contemplar, aqui o seu coração ficou trespassado, cumpre-se a profecia de Simeão (cf. Lc 2, 35). Maria esteve no início da vida de Jesus humanado, como também esteve presente na sua consumação, na sua morte. Alegre pelo seu nascimento, triste pela sua partida. Maria esteve no início da vida pública de Jesus, na sua hora. Na cruz chegou a hora

⁵⁶ *Figurado*: apaixonado.

⁵⁷ Sabemos da presença de mais personagens junto à Cruz, mas vamos só abordar estas.

derradeira, cumpriu-se a Escritura, era chegado o momento pneumatológico da entrega do Espírito ao Pai e o momento eclesiológico da entrega do Espírito à Igreja. Para este nosso trabalho o que importa retirar é que temos o início de uma missão específica de Maria: «a missão universal de maternidade dos discípulos de Jesus».⁵⁸

Maria com a maternidade espiritual quer continuar a cooperar para a salvação de todos. No início da sua contribuição para a salvação tornou-se um instrumento nas mãos do Altíssimo, «o Poderoso fez em mim grandes coisas» (Lc 1, 49). Agora quer continuar a ser um instrumento nas mãos do Deus de Israel, só que agora é para regenerar a vida espiritual de muitos. Maria foi na ordem da graça a mulher escolhida para dar o Filho à humanidade, agora é escolhida para caminhar com cada filho numa peregrinação de fé, até que chegue o derradeiro dia em que se há de manifestar a Sua glória (cf. Mt 16, 27).

Com esta passagem temos a ligação perfeita para o que chamamos de comunhão de interesses. Interessa a Maria a salvação de todos, como interessa ao sacerdote (discípulo) receber Maria como sua Mãe. É precisamente isso que vamos efetuar com os seguintes apartados. Vamos extrair o que de facto significam as palavras de Jesus quando entrega Maria como Mãe e o dever que o discípulo tem para com ela.

2.1. «Mulher, eis o teu Filho»

Ao iniciar esta parte, devemos ter em conta o que Jesus disse à sua Mãe: «Mulher, eis o teu filho» (Jo 19, 26). Este filho que se refere é o discípulo amado. Quem é este discípulo mencionado no quarto Evangelho? Por que motivo se afirma que Jesus deu Maria por Mãe a todos (os discípulos) e não foi só ao discípulo amado? Sobre a primeira questão, a interpretação mais consensual, mas ambígua,⁵⁹ é de que o discípulo amado é o Evangelista São João. O próprio São João Paulo II na sua Encíclica *Redemptoris Mater* assim o diz: «Este homem aos pés da Cruz é João» (RM 23). Além disso, na tradição de alguns textos apócrifos afirma-se o nome de João como o discípulo preferido devido à sua virgindade.⁶⁰ São Jerónimo numa das suas cartas e São Beda numa das suas homílias afirmam ambos que foi pela virgindade de João que levou Jesus a dar-lhe Maria por Mãe, pois ela também era virgem.⁶¹

⁵⁸ Fiores, *María Madre de Jesús – Síntesis histórico-salvífico*, 118.

⁵⁹ Cf. Raymond E. Brown et al., *Maria en el Nuevo Testamento* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982), 204.

⁶⁰ Cf. Belarmino Bagatti, Florentino García, *La vida de Jesús en los Apócrifos del Nuevo Testamento* (Jerusalén: Franciscan Printing Press, 1978), 94.

⁶¹ Cf. Marcelo Merino Rodríguez, *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica – Nuevo Testamento 4b – Evangelio según San Juan (11-21)*, ed. Thoma C. Oden. (Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2013), 407-9.

Quem é, então, o discípulo amado? Pergunta esta que não é de uma falta de honestidade intelectual.⁶² A maioria dos exegetas não respondem com toda a leveza, mas é claro que todos se inclinam para João.⁶³ Porque não é então tão verosímil? Por várias razões, claro que não vamos elencar todas, mas uma delas é porque o Evangelista não menciona um nome. Ou seja, no Evangelho de São João, temos passagens que nos falam de um discípulo que Jesus amava e que era amigo (cf. Jo 20, 2), contudo, sem um nome específico. Porque não coloca o nome? Referindo-se a esta parte do Evangelho (cf. Jo 19, 25-27), alguns Padres da Igreja, como por exemplo, João Crisóstomo, afirma que foi por humildade que não colocou.⁶⁴ Outras correntes posteriores deixam em aberto o assunto, pois há outras interpretações, isto porque no Evangelho de São João, por exemplo, na exegese moderna, realçou-se bem a ideia de que João tem a tendência constante de apresentar as pessoas como símbolos ou tipos.⁶⁵ O que está em causa aqui não é saber a autenticidade de quem escreveu o Evangelho, mas, perceber que o discípulo amado além de ser uma figura real não deixa de ser um símbolo. A carga simbólica é importante para o que queremos aprofundar, diz Bruno Forte: «A cena da Mãe junto à cruz e as palavras que Jesus moribundo dirigiu a ela e ao discípulo amado contêm um denso valor simbólico».⁶⁶ Claro que não vamos aprofundar todo o simbolismo que está associado a esta cena do Evangelho. O que queremos abordar é o simbolismo do discipulado.⁶⁷

Ao abordar esta perícopes em linha simbólica, não queremos desvalorizar a sua historicidade, ambas andam juntas.⁶⁸ Tendo isto em conta, então, vamos desenvolver o termo discípulo no Evangelho de São João. O evangelista nunca utiliza o termo apóstolo, mas só discípulo. O discípulo é aquele que está sempre à escuta, é aquele que se inclina para ouvir o Mestre (cf. Jo 13, 25). A diferença entre ambos é que um está sempre a aprender, não é algo formulado, mas uma maneira em que se vive, assim como diz Juan Manuel Martín-Moreno: «O seguidor de Jesus é antes de mais nada aquele que "ouve", que está na escola de Jesus. Nunca se forma nesta escola, nunca se deixa de aprender. Um discípulo é muito mais do que um aluno. A categoria definidora dos membros da Igreja Joanina é discípulo e não apóstolo. apóstolo é simplesmente uma função; discípulo, uma forma de ser».⁶⁹

⁶² Cf. Moreno, *Personajes del cuarto Evangelio*, 37.

⁶³ Cf. Moreno, *Personajes del cuarto Evangelio*, 31.

⁶⁴ Cf. Marcelo Merino Rodríguez, *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica – Nuevo Testamento 4b – Evangelio según San Juan (11-21)*, 407.

⁶⁵ Cf. Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 263.

⁶⁶ Forte, *María, la mujer icono del misterio*. 103.

⁶⁷ Cf. Raymond E. Brown, *La comunidad del Discípulo amado – estudio de la eclesiología Juanica* (Salamanca: Ediciones Sigueme, 1991), 191.

⁶⁸ Cf. Moreno, *Personajes del cuarto Evangelio*, 26.

⁶⁹ Moreno, *Personajes del cuarto Evangelio*, 28.

Esta categoria de discípulo é fundamental para os tempos de hoje, o sacerdote precisa de se ver como um discípulo necessitado, hodiernamente é verdadeiramente necessário renunciar aos abusos de poder e ao clericalismo, pois ambas são uma subversão⁷⁰ da verdadeira missão do presbítero.⁷¹ Todavia, também não se podem deixar invadir pela inércia, indiferença e um certo temor, o sacerdote foi chamado a exercer o múnus de pai, pastor e mestre, contudo, sem deixar de ser um verdadeiro discípulo. Tal como se afirma no Decreto *Presbyterorum Ordinis*: «Embora os sacerdotes do Novo Testamento, em virtude do sacramento da Ordem, exerçam no Povo e para o Povo de Deus o múnus de pais e mestres, contudo, juntamente com os fiéis, são discípulos do Senhor...» (PO 9). O Sacerdote não perde autoridade se viver como um discípulo, pelo contrário, ao exercer a sua função corretamente, vivendo em humildade e coerência, e uma dedicação desinteressada pelo seu rebanho e com um espírito de serviço, santificando-se santifica (cf. Dicastério para o clero, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, nº 25).

O sacerdote tem uma identidade própria que não pode esquecer, ele é sinal pessoal de Cristo, o sacerdote é consagrado (cf. Jo 10, 36) e enviado por Cristo (cf. PO 2) para prolongar a sua função sacerdotal e missionária (cf. PO 6). E para uma ligação mais plena com Jesus o discípulo abre o seu coração a Maria e acolhe-a na fé, para com isso encher-nos com as suas virtudes recebidas do seu Filho, e desse modo aperfeiçoar-nos mais. Esta é a linha da exegese tradicional, Ignacio de la Potterrie confirma-o ao dizer: «a Mãe de Jesus é acolhida pelo Discípulo num espaço interior já constituído para ele pela sua relação com Jesus; ele acolhe-a como sua Mãe, na fé; ela vem assim acrescentar "os seus bens" que lhe vieram de Jesus e aperfeiçoar o seu estado de "Discípulo a quem Jesus amava"». ⁷²

Ora, com esta interpretação, podemos dar uma resposta à segunda pergunta, porque é que a maioria dos exegetas interpreta esta passagem como se Jesus tivesse dado Maria por Mãe a todos os discípulos e não só ao discípulo amado? A exegese sobre este assunto é muita, mas o discípulo amado ao ser interpretado de modo simbólico representa o modelo ideal dos discípulos com quem todos os crentes se devem identificar.⁷³ Portanto, se o sacerdote ministro é um discípulo, necessita de olhar para o Mestre do discípulo amado e dele aprender a ser um verdadeiro discípulo «pois um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos» (Mt 23, 8). Ora, como discípulo, precisa constantemente de estar à escuta da Palavra como fez Maria, podemos interligar esta escuta com a formação contínua (cf. PO 7), pois a formação é estar constantemente na escola de Jesus e ser modelado por Ele e não se deixar levar por qualquer

⁷⁰ Em sentido *figurado*: perversão; adulteração.

⁷¹ Cf. João Eleutério, «A ministerialidade na Igreja: Subversões e “redescobertas”», em *Uma anatomia do poder eclesial*, ed. João Eleutério (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2022), 25.

⁷² Ignacio de la Potterrie, *La verdad de Jesús – estudios de cristología joanea* (Madrid: BAC, 1979), 218.

⁷³ Cf. Moreno, *Personajes del cuarto Evangelio*, 38.

vento de falsas doutrinas (cf. Heb 13, 9), a sua identidade cristológica identifica-o com uma maneira própria de ser, um discípulo deve estar em constante renovação, sempre em atitude de rejuvenescimento, para que na sua vida seja notório a sua adesão pessoal a Jesus.⁷⁴ Nesta linha de renovação vai, também, o Cardeal Martini, diz ele dirigindo-se a uns diáconos que vão ser ordenados:

Não considereis que a vossa formação termina com o momento da ordenação [...]. A formação não está terminada porque a atitude de amar Jesus acima de tudo para ser livre de servir os outros com um coração generoso, tem de ser reconquistada todos os dias, e é reconquistada na contemplação amorosa de Jesus, o Senhor, que dia após dia nos reforma e nos transforma em homens para os outros.⁷⁵

Deste modo, como já dissemos em cima, se a mariologia não é nada sem a teologia, se Maria não é nada sem Jesus, então, na escola de Jesus não pode faltar a disciplina de Maria.⁷⁶ Porquê? Pelo simples facto de que Jesus não pode negar a sua Mãe e como não a quer deixar só, oferece-a ao discípulo para que ele cuide dela. O discípulo ao recebê-la⁷⁷ como Mãe, torna-se irmão de Cristo, assim diz Raymond E. Brown: «Ao salientar não só que a sua Mãe se tornou a Mãe do discípulo amado, mas também que este se tornou seu filho, o Jesus joanino proclama logicamente que o discípulo é o seu verdadeiro irmão».⁷⁸

Depois desta reflexão, podemos concluir dizendo que a mensagem do Evangelho na escola Joanina tem um sentido mais além do que meros exclusivismos, é uma mensagem para todos e por isso o desafio está em saber que o discípulo amado poderá ser um de nós. Os temas Joaninos são ricos de sentido simbólico e para este assunto «temos a condição mesma do discípulo e o amor de Jesus pelo discípulo».⁷⁹ Efetivamente, temos aqui uma mensagem a todos os batizados, se formos fiéis e testemunhas verdadeiras de Jesus, podemos ser os seus amados e amigos; para justificar este pensamento, Potterie afirma o seguinte: «O discípulo a quem Jesus amava representa assim os discípulos de Jesus que, como tais discípulos, são acolhidos em comunhão com Cristo».⁸⁰ Para esclarecer bem a ideia de que não há exclusivismos por parte de Jesus, é preciso deixar claro o que diz o professor de exegese bíblica Aristide Serra:

⁷⁴ Cf. Moreno, *Personajes del cuarto Evangelio*, 38.

⁷⁵ Carlo Maria Martini, *Un tesoro en vasijas de barro*, trad. Ricardo Lázaro Barceló (Estella – Navarra: Editorial Verbo Divino, 2022), 42.

⁷⁶ Cf. George Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje* (Prior velho: Paulinas Editora, 2015), 315.

⁷⁷ Sobre isto houve várias perspectivas ao longo da tradição exegética. O termo em grego é *εις τὰς ἰδίας* e em latim *in sua*, levaram a muitas interpretações, em sentido material, moral e espiritual. Obra a ler para se compreender bem este assunto é a de Ignacio de la Potterie, *La verdad de Jesús – estudios de cristología joanea* (Madrid: BAC, 1979), 189-219.

⁷⁸ Brown, *La comunidad del Discípulo amado – estudio de la eclesiología Juanica*, 191.

⁷⁹ Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 263.

⁸⁰ Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 264.

A maioria dos exegetas modernos, contudo, são de opinião que esta expressão não significa tanto uma preferência especial por Jesus, mas sim o estado daquele que, observando a palavra do Evangelho, vem encontrar-se na esfera do amor do Pai e do Filho. O discípulo "a quem Jesus amou" seria, portanto, o "tipo" de todo o outro discípulo que é amado por Cristo por causa da sua fé.⁸¹

2.2. «Eis a tua Mãe»

Partimos agora do momento em que Jesus disse na cruz ao discípulo amado: «Eis a tua Mãe» (Jo 19, 27). Aqui encontramos uma nova função para a Mãe de Jesus na economia da salvação e, também, surge uma abertura filial do discípulo a Maria, ou seja, uma relação existencial no âmbito espiritual, assim o diz Ignacio de la Potterie referindo-se a esta passagem do Evangelho: «[toda ela] revela uma nova dimensão da maternidade de Maria, uma dimensão espiritual, e uma nova função da Mãe de Jesus na economia da salvação; mas, correlativamente, revela ao mesmo tempo que a primeira tarefa dos discípulos é serem filhos de Maria».⁸² Walter Kasper vai numa linha idêntica ao abordar esta passagem:

...as cenas mariológicas relevantes abarcam [...] o conjunto dos evangelistas e outorgam a Maria [...] um lugar destacado na história da salvação. Com isto, as escassas linhas sobre Maria que se encontram na Sagrada Escritura evidenciam que à Mãe de Jesus corresponde uma posição importante e um significado singular na história de Deus com os seres humanos.⁸³

Deste modo, encontramos uma orientação para o nosso tema de estudo: todos os discípulos de Jesus, onde se incluem, efetivamente, os sacerdotes, devem receber Maria como sua Mãe e com ela ter uma relação próxima, pois, com ela nos podemos tornar filhos de Deus e da Igreja.⁸⁴ Além disso, com a sua maternidade, aprendemos a ser melhores discípulos, precisamente, porque Jesus propõe Maria como modelo, como mestra de alguém que aceita a Palavra de Deus na sua vida, que ajuda os que caminham na fé, que leva cada discípulo a acreditar mais no seu nome e a fazer possível uma filiação como uma filiação divina.⁸⁵ Portanto, nesta vinculação a Maria encontramos uma nova comunidade de discípulos que precisam de recebê-la como se recebe a palavra, de aceitá-la como se aceita Jesus,⁸⁶ de viver as virtudes teológicas como ela as viveu, tudo para restaurar a nossa vida sobrenatural, assim como está escrito na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: «[Maria] padecendo com Ele

⁸¹ Aristide Serra, «Bíblia (Juan)», 365.

⁸² Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 262.

⁸³ Walter Kasper, *A misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, trad. Beatriz Luiz Gomes (Cascais: Lucerna, 2015), 248.

⁸⁴ Cf. Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 268.

⁸⁵ Cf. Mercedes Navarro Puerto, *Maria, la mujer – ensayo psicológico-bíblico* (Madrid: Publicaciones Claretianas, 1987), 143-4.

⁸⁶ Cf. Puerto, *Maria, la mujer – ensayo psicológico-bíblico*, 144.

quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural» (LG 61).

Consequentemente, Maria ao tornar-se Mãe de todos os discípulos, torna-se Mãe de todos os membros da Igreja, portanto, com a maternidade de Maria, que é estendido de Jesus a todos os seus discípulos, aparece assim como o início da maternidade da Igreja.⁸⁷ Todavia, Maria, na ordem da graça (cf. LG 61), ajuda-nos a ter uma melhor relação com Deus, a uma melhor vivência com a Igreja e a ter uma profunda e estruturante espiritualidade. Para uma melhor compreensão desta ideia temos o texto do padre Potterie que afirma: «Como indivíduo, ela é a Mãe de Jesus, e torna-se Mãe de todos nós, a Mãe da Igreja. Mas a sua maternidade corporal em relação a Jesus é prolongada numa maternidade espiritual em relação aos crentes e em relação à Igreja».⁸⁸ Com o mesmo pensamento vai também Hans Urs von Balthasar que diz, justificando-se com o argumento de Santo Agostinho:

Ora, a missão de Maria está justamente na sua maternidade, e assim se torna claro que não no sentido corpóreo, mas “no sentido espiritual, ela é realmente Mãe também dos membros de Cristo, porque com a sua dedicação e amor cooperou para fazer com que os fiéis nascessem na Igreja”.⁸⁹

Em suma, depois desta reflexão em torno da passagem Joanina, que é essencial para percebermos a importância que tem Maria na vida de cada sacerdote, podemos dizer com clareza que a espiritualidade sacerdotal não é completa se não tiver esta dimensão mariana na sua vida, Jesus ao entregar Maria ao discípulo e este por sua vez tornar-se filho de Maria e irmão de Jesus, faz do sacerdote um membro itinerante da obra da redenção.

Ao abordar esta passagem Joanina, sabemos bem que é preciso ter em conta algumas particularidades; o objetivo foi tentar à luz da passagem retirar elementos essenciais para a proclamação da maternidade espiritual de Maria para com todos os fiéis.⁹⁰ A estreita ligação que existe entre esta perícopa abordada e as Bodas de Caná é essencial para o apoio desta tese e os exegetas dizem que entre elas temos uma grande inclusão.⁹¹ E, para mais, esta parte do Evangelho (cf. Jo 19, 25-27) é muito importante, porque logo de seguida Jesus conclui a sua tarefa, afirmando: «...para que fosse consumada a Escritura...» (Jo 19, 28). Ou seja, como diz Stefano de Fiores: «A perspectiva histórico-salvífica aparece no versículo seguinte, onde Maria está aos pés da cruz como sinal do cumprimento das Escrituras, ou seja, do plano de Deus

⁸⁷ Cf. Louis Bouyer, *El cuarto Evangelio – Introducción al Evangelio de Juan*, trad. Plácido Gil Imirizaldu (Barcelona: Editorial Estela, S.A., 1967), 292.

⁸⁸ Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 268.

⁸⁹ Hans Urs von Balthasar et al., *O culto a Maria hoje* (São Paulo: Edições Paulinas, 1980), 320.

⁹⁰ Cf. Aristide Serra, «Bíblia (Juan)», 359.

⁹¹ Cf. Aristide Serra, «Bíblia (Juan)», 359.

para a salvação da humanidade».⁹² Por outro lado, abordamos a fórmula/esquema de revelação, em que não foi colocado todo o seu sentido exegético, mas apenas para se perceber que esta passagem é muito importante. Com este esquema, Jesus revela que Maria é a Mãe de todos os crentes representados no discípulo presente a seu lado, e, também, revela a atitude filial que o discípulo adota a partir das palavras de Jesus.⁹³

3. ANUNCIAÇÃO E ENCARNAÇÃO

Podemos desde já destacar que o relato da Anunciação é um dos textos mais importantes do novo testamento sobre a Encarnação, pois nele encontramos a fundamental doutrina da concepção virginal e a maternidade de Maria.⁹⁴ Podíamos fazer uma profunda análise exegética sobre a perícopa de São Lucas, e lê-la do ponto de vista da teologia e da espiritualidade mariana do sacerdote, mas, cingir-nos-emos à resposta de Maria «Eis a serva⁹⁵ do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra!» (Lc 1, 38). Porquê este versículo? Precisamente, porque com a resposta de Maria o mistério da Encarnação realiza-se (cf. RM 13). Ao olhar a esta resposta, como nos pode transportar à espiritualidade do sacerdote? Maria teve uma atitude humilde perante o Anjo, entregou-se confiando na proposta revelada e respondeu na medida da sua fé, ora, é esta atitude, de humildade, de entrega e de confiança que o sacerdote deve ter na sua missão do dia a dia, sem nunca perder a fé, esperança e a caridade. O objetivo neste apartado é retirar das respostas e atitudes de Maria o melhor para a vida do sacerdote, não queremos flutuar no ar com supostas ideias especulativas, iremos retirar desta resposta a sua teologia e iremos da letra ao espírito dela. Fazemos nossas estas palavras de Ignacio de la Potterie: «A verdadeira exegese comporta dois momentos: analisar o texto como "texto", com a maior precisão possível, mas com o objetivo de penetrar na sua alma, para captar o seu espírito, a sua vida profunda, à luz da fé».⁹⁶

⁹² Fiores, *María Madre de Jesús – Síntesis histórico-salvífico*, 117.

⁹³ Cf. Aristide Serra, «Biblia (Juan)», 360.

⁹⁴ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 45.

⁹⁵ Em grego a palavra que traduz serva é *δοῦλη*, que também pode ser escrava. A maioria dos biblistas se inclinam para a tradução serva, e nós também o iremos fazer. Deixamos algumas interpretações para cada tradução: dos que traduzem serva, entendem alguns que a resposta de Maria está em consonância com a passagem de Isaías 42, 1 («Eis o meu servo, que Eu amparo, o meu eleito, que Eu preferi»). Portanto, Maria tem a consciência que ao responder sabe qual vai ser uma das suas missões: carregar consigo o misterioso servo de Yahvé. Outros vão na linha da escrava, que nos transporta para uma liberdade alcançada na relação dialogante com Deus, ela se sente animada por um Deus que lhe respeita, por isso declara-se como propriedade Sua. Para uma melhor compreensão destas interpretações temos as obras seguintes: Carlo Maria Martini, *El Evangelio de María* (Santander: Editorial Sal Terrae, 2009), 18-9.; Xabier Pikaza, *La madre de Jesús – introducción a la mariología*, 191-2.; Francisco Maria López Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1999), 191-2.

⁹⁶ Potterie, *María en el misterio de la alianza*, 33.

Maria ao conceber Jesus no seu ventre torna-se Mãe de Cristo Sacerdote, precisamente, porque «Cristo é sacerdote pelo próprio facto da Encarnação, desde a sua conceção humana»⁹⁷ e, se o sacerdote está em íntima conexão com Jesus (cf. PDV 24), Maria torna-se Mãe de cada sacerdote ministro. No diretório para o ministério e a vida dos presbíteros nº 84 diz-se o seguinte: «Existe uma “relação essencial entre Mãe de Jesus e o sacerdócio dos ministros do Filho”, derivante daquela que existe entre a maternidade divina e o sacerdócio de Cristo». Portanto, Maria ao assumir o compromisso de ser Mãe do Filho de Deus, abre o seu coração não só ao Filho, mas a todos os que por Ele serão salvos, ou seja, torna-se Mãe de todos os que acreditam no seu Filho, ela abre-se ao mistério do amor de Deus, pois, por meio dela tornamo-nos filhos adotivos do Pai (cf. Gl 4, 4-5). Por conseguinte, é chamada «Mãe sacerdotal», precisamente, por causa da relação íntima com o Filho que é Cristo Sacerdote, e, também, com a Igreja como povo sacerdotal, e, deste modo, com o sacerdote ministro.⁹⁸

Outro assunto relacionado com esta passagem, que importa abordar, é que Maria dá uma resposta livre ao Anjo, sem um pedido de consentimento de ninguém, nem do seu esposo José, o que nota uma grande liberdade. Maria era uma virgem desposada, a saber, uma mulher aberta ao diálogo com um varão, mas dona de si e aberta ao mistério da vida, na sua liberdade, decidiu, entretanto, compartilhar com alguém este mistério, neste caso o noivo José. Do mesmo modo que Maria foi livre na sua abertura a Deus e do compromisso para com São José, de igual modo se abre a cada ministro para com eles caminhar à luz da fé, ou seja, cada ministro, juntamente com Maria, deve percorrer o caminho da fé, confiando nela e recebê-la espiritualmente, dentro de uma linha superior da intervenção de Deus.⁹⁹

Para se entender melhor esta ideia é preciso conhecer a história do povo hebreu, em que fazia parte da cultura o domínio do homem sobre a mulher. A mulher tinha de se justificar perante o seu marido, e com esta atitude de Maria o paradoxo acontece. Deste modo, encontramos uma mudança de mentalidade cultural. Desta vez é o varão que precisa de procurar respostas ao sucedido, ou seja, precisa de percorrer o caminho da fé, confiando e aceitando o que está a suceder. Portanto, podemos associar tudo isto à vida do sacerdote que, como São José, precisa de abrir-se ao caminho da fé, confiando e entregando-se a todo o desígnio que Deus planeou para a sua vida. Aqui deixamos o desafio ao sacerdote: confiar que Maria ajuda a uma melhor vivência espiritual comprometida e de semelhança em linha da fé. No momento certo, que desconfiemos da intervenção de Maria na nossa vida espiritual,

⁹⁷ Bur, *A espiritualidade sacerdotal*, 32.

⁹⁸ Cf. Bifet, *Teologia de la espiritualidad sacerdotal*, 236.

⁹⁹ Cf. Xabier Pikaza, *La madre de Jesús – introducción a la mariología* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1990), 190-1.

devemos ter uma atitude de discernimento.¹⁰⁰ É necessário analisar e verificar o que de positivo ela nos traz à vida espiritual, se cairmos na tentação de difamá-la, precisamos de aprender com São José, que «recebe a Mãe e o Filho como um dom de Deus, percorrendo com eles um caminho de solidariedade livre e criativa».¹⁰¹

3.1. «Eis a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua Palavra!»

Analisemos melhor a resposta de Maria ao Anjo. O sacerdote quando se entrega totalmente numa vida de amor a Cristo na Igreja e no mundo carrega consigo a responsabilidade de configurar-se com Cristo, para a construção e edificação do seu corpo, que é a Igreja (cf. PO 12). Alcançar a santidade e ter uma verdadeira relação de amizade com Jesus é, nos tempos de hoje, paradoxal e cada vez mais incompreensível, e aumenta mais esta ideia, quando os exemplos não são os melhores da parte de alguns membros da Igreja. Então, com a resposta de Maria ao Anjo, o que podemos retirar para a vida do ministro sacerdotal? A nosso ver é necessário aprofundar e avivar três categorias fundamentais que se retiram desta resposta: servir, confiar e entregar-se.

Maria é a serva/escrava humilde do Senhor e cheia de confiança entrega-se dizendo o seu «*Fiat*». O termo servo não é o mesmo de serviço ou servir, são termos muito amplos, Maria com a sua resposta não significa que está ao serviço do Senhor, mas que é a serva do Senhor, que é diferente. No entanto, se olharmos para a forma adjetival da palavra servo, encontramos no seu significado alguém que presta serviço. Mas, não é isto que encontramos com esta expressão de Maria. Expliquemos melhor, uma coisa é estar ao serviço de alguém, de um patrão, de uma empresa, outra coisa é dizer que é servo de alguém. Quando saio do meu emprego, já não estou ao serviço de alguém, contrariamente, se for servo de alguém, é um estado contínuo, ou seja, a função é de escravo, criado, servente, oprimido, sem liberdade. A resposta de Maria não nos leva a um sentido tão negativo, mas, de uma entrega total, uma mulher livre que se sente com pretensão de se dar religiosamente a alguém com confiança, temos um despojamento total de si. Portanto, o que encontramos aqui é uma expressão

¹⁰⁰ Estas são algumas das atitudes de discernimento a ter em conta: 1) Se estou em constante atenção a Deus e ao Espírito Santo, em atitude de conversão radical; 2) Se a minha relação com Deus é aberta e livre; 3) Reconhecer o senhor como fonte de todo o bem e não estar em atitude de fechamento de mim mesmo, ou seja, não ser o epicentro das minhas razões; 4) ter uma atitude constante de fé em oração. Um livro a ler para entender melhor estas e outras atitudes de discernimento é o de Marko Rupnik, *El Discernimento* (Burgos: Monte Carmelo, 2015), 31-45.

¹⁰¹ Pikaza, *La madre de Jesús – introducción a la mariología*, 191.

autenticamente religiosa, a sua adesão total é um gesto de acolhimento, em nome de toda a humanidade, da nova visitação que Deus está a iniciar.¹⁰²

Admitindo tudo isto, então, qual é o termo que mais se coaduna ou associa com a vida espiritual do sacerdote? Servo ou serviço?¹⁰³ Ambas se coadunam, mas a maneira de servir de Maria não é mesma do sacerdote. O que se pode encontrar semelhante entre o sacerdote e Maria é o que está *a priori*, que são as atitudes e as tarefas, embora ambos tenham finalidades diferentes. Expliquemos melhor: se formos pela categoria de servo, o ministro é um servo do Senhor, pois ele entrega-se totalmente, numa consagração livre, da mesma maneira de São Paulo... (cf. Fl 1, 1). Com este termo entramos na espiritualidade do sacerdote, precisamente, porque há uma aceitação e escolha livre, algo que vem de dentro. Religando sempre com a resposta de Maria, há duas atitudes que surgem: a humildade para reconhecer a obra de Deus e o amor para aceitar o desafio que é proposto, ou seja, a missão que lhe é dada. Por isso podemos dizer que a atitude de serviço reside na caridade e na humildade. No que se refere à tarefa a efetuar, o testemunho é uma categoria fundamental. O sacerdote é um homem de Deus, homem da fé, da esperança, o homem da Igreja, por isso, a «verdadeira e específica tarefa do serviço sacerdotal consiste em ser testemunha de um outro mundo, em ser testemunho de Deus...».¹⁰⁴ A categoria do testemunho será abordada com mais detalhes no terceiro capítulo.

Se olharmos para a vida de Jesus Cristo, foi precisamente estas atitudes de humildade, de amor e testemunho que o acompanharam. Olhemos para o hino cristológico: a atitude de humildade com o esvaziamento de si mesmo e tomar a condição de servo; atitude de um amor incondicional pelo homem, ao ponto de se tornar semelhante a ele, e, com o seu testemunho de obediência, a sua tarefa, deu a vida até à morte e morte de Cruz (cf. Fl 2, 7-8). Maria ao dizer que era a serva do Senhor mostra estas atitudes, «porque pôs o olhar na humildade da sua serva» (Lc 1, 48), e, para mais, a «Virgem é por um lado a mais alta realização histórica do Evangelho e a mulher que, pelo domínio de si, pelo sentido de responsabilidade, a abertura aos outros e o espírito de serviço, pela fortaleza e pelo amor, se realizou mais completamente no plano humano» (Dicastério para a Cultura e Educação, *A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual*, nº 15). Ora, portanto, podemos afirmar com este argumento que ao ser serva está inteiramente ao serviço do Senhor. Algo que se liga inteiramente com a vida do sacerdote. Contudo, o tema do serviço é muito amplo, no entanto, versemos um pouco sobre ele.

¹⁰² Cf. Elio Peretto, «Sierva», em *Nuevo Diccionario de Mariologia*, ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo, trad. Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo (Madrid: Ediciones Paulinas, 1988), 1855.

¹⁰³ Ainda existem mais termos que se podiam aprofundar, como por exemplo, servir, servidor, serviçal.

¹⁰⁴ Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 44.

Sobre o serviço não podemos esquecer as palavras do Papa Francisco: «Nunca nos esqueçamos disto! Para os discípulos de Jesus, ontem, hoje e sempre, a única autoridade é a autoridade do serviço, o único poder é o poder da cruz».¹⁰⁵ Para uma compreensão da identidade sacerdotal numa relação com Cristo temos três aspetos fundamentais: a do pastor, a autoridade e a missão. Contudo, há uma outra que está em todas elas, que é a *diakonia*. Com esta categoria podemos afirmar como diz Saturnino Gamarra: «A pastoral, a autoridade/poder, o envio e a missão; todos devem ser informados pelo serviço».¹⁰⁶ Desta forma, podemos alegar que o sacerdote, com ligação ao que o Santo Padre disse num discurso aos diáconos da sua diocese, deve ter

uma espiritualidade do serviço: *disponibilidade dentro e abertura fora*. Disponível por dentro, com um coração, pronto para dizer sim, dócil, sem fazer a vida girar em torno da própria agenda; e aberto por fora, olhando para todos, especialmente aqueles que são deixados de fora, aqueles que se sentem excluídos.¹⁰⁷

Portanto, aqui encontramos uma ligação com as três categorias fundamentais, quando o sacerdote se entrega ao serviço deveria estar sempre em regime de prontidão, quando confia deveria ser dócil, atitude de quem se deixa guiar, e por fim, entrega-se, atitude que o leva a uma abertura a Deus que o ama, e ao próximo que o rodeia, por isso, as palavras são óbvias, disponibilidade dentro e abertura fora.

Continuemos a nossa linha de interpretação. Quando Maria responde ao Anjo a dizer, «Eis a serva do Senhor», ela deixa-se tocar pela vontade de Deus na sua vida, ela expressa um sentimento de entrega total. Ao dizer-se serva exprime uma atitude de fé, humildade e de amor. Acontece uma conformação com o misterioso desígnio de Deus a seu respeito. Maria abre-se à relação com Deus e com esta abertura, confirma-nos o segredo do homem:¹⁰⁸ um ser aberto ao Transcendente.¹⁰⁹ Por isso, «leva-nos até ao mistério de Deus que se reflete e se realiza através do compromisso do homem que o aceita».¹¹⁰

Sobre este aspeto cristológico é preciso ter em conta que Cristo fez-se homem e veio introduzir-se na história da humanidade, contudo, é preciso passar da história de Cristo a uma consciência de Cristo, e só assim, Deus torna-se Senhor da vida, o Reino torna-se operacional,

¹⁰⁵ Francisco, «Discurso da Comemoração do Cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos» em 17 de outubro de 2015, acedido a 2 de maio de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html

¹⁰⁶ Saturnino Gamarra, *Manual de Espiritualidad Sacerdotal* (Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2008), 113.

¹⁰⁷ Francisco, «Discurso aos diáconos permanentes da diocese de Roma, com seus familiares», acedido a 3 de maio de 2023, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/june/documents/20210619-diaconi.html>

¹⁰⁸ Não é uma novidade, pois, o povo da antiga Aliança já tinha a noção de uma Deus absolutamente transcendente. Aqui apresentamos a concessão individual de abertura ao divino e não tanto a noção de povo.

¹⁰⁹ Cf. Olegario González de Cardedal, *Cristologia* (Madrid: BAC, 2001), 343.

¹¹⁰ Xavier Pikaza, *A teologia de Lucas* (São Paulo: Edições Paulinas, 1978), 25.

a salvação acontece. Para tomar esta consciência é preciso conhecê-lo, daí a necessidade de uma abertura livre em que Deus pode agir. Todavia, para o seu sucesso, é preciso o consentimento de alguém, neste caso o sacerdote ministro. Portanto, o sacerdote, a exemplo de Maria, dando o seu consentimento, entrega-se ao diálogo e cria um espaço no seu interior que o transporta a uma relação mais intensa e consistente com o seu Criador. Este diálogo implica aceitar a vontade de Deus na sua vida, a escuta da Palavra em atitude de liberdade e de fé e, também, de uma constante oração o que depois o leva a uma melhor relação com o próximo. Deus necessita do sim constante do sacerdote, para que venha sempre à sua vida, pois, o homem, não só é aberto ao Transcendente, como, também, tem a capacidade de se fechar em si mesmo, ao outro e a Deus, tudo fruto da sua liberdade. Bento XVI dizia que «Deus não age contra a nossa liberdade».¹¹¹

Como vemos, temos funções e entregas diferentes, Maria abriu-se ao Transcendente, e não precisou de o fazer mais vezes, a partir do momento que consentiu, tornou-se Mãe do Divino, o que a leva a ser uma mulher especial. Entendendo tudo o que se passou com ela, não se tornou passiva, mas, pelo contrário, teve a necessidade de partilhar e de manter-se fiel, pois, foi conquistada pelo amor do seu filho. O sacerdote precisa constantemente de renovar a sua fé, esperança e caridade. Necessita de formação permanente, de uma aceitação diária da sua vocação, pois não pode pensar que, a partir do momento que está ordenado, as dificuldades e fragilidades não venham a surgir, é necessário procurar viver em fidelidade e em contínua conversão.

Existem analogias entre Maria e o Sacerdote, vejamos um exemplo, Maria, a Imaculada, foi a mulher escolhida para nascer o Salvador, ou seja, dar Deus à humanidade. O sacerdote, também, tem uma função semelhante, além de oferecer Jesus no Sacramento da Eucaristia, que é um dom de Deus (cf. PDV 17), também deve fazer nascer Cristo, mediante o anúncio,¹¹² obras e exemplos, nas vidas e no coração de cada pessoa que encontram e com quem partilham, ou seja, dar Cristo à humanidade e conduzir a humanidade a Deus.¹¹³ Com isto, podemos olhar para Maria como a modelo de cada sacerdote, aqui começamos a entrar no centro de uma espiritualidade mariana do sacerdote.¹¹⁴ Este assunto trataremos mais a frente noutro capítulo.

Continuando na linha do serviço, perguntamos, qual é a atitude mais importante a ter por parte do sacerdote? A atitude mais sublime que o ministro sagrado pode ter é a do amor para com o Senhor da história e da vida. Torna-se um serviço de amor, como dizia Santo

¹¹¹ Bento XVI, «Audiência Geral», quarta-feira, 12 de agosto de 2009.

¹¹² Cf. Carmelo de Cristo Redentor, *In persona Christi – O sacerdote no coração do Carmelo* (Marco de Canavezes: Edições Carmelo, 2010), 191-2.

¹¹³ Cf. Francesco Franzini, «Sacerdotes», 1794.

¹¹⁴ Cf. Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 315.

Agostinho, *amoris officium*.¹¹⁵ Jesus Cristo conquista o seu presbítero com amor, assim como fez com Maria, e o que mais pretende é que ele responda com amor, como fez Maria. Faz parte da sua identidade presbiteral, a sua vocação é amar, assim como o Pai o ama. Esta consideração é de natureza teológica, a vocação ao sacerdócio está radicada e encontra a sua razão de ser em Deus, no seu desígnio de amor (cf. Dicastério para o clero: *O dom da vocação presbiteral*, nº 30). Foi por causa desta atitude que «Deus e a pessoa mais perfeita da história, Maria, entraram num diálogo amoroso. A sua palavra de oração e de encontro continua a ser uma palavra salvadora para todos nós».¹¹⁶ Maria com um só ato, uma só frase, faz com que Deus entre no mundo. O sacerdote para responder ao chamamento inicial e seguir a vontade de Deus necessita de dizer o seu sim constantemente na oração, precisa de ativar a sua fé com um encontro contínuo de amizade e reacender o amor de Deus para não perder a esperança. Por fim, a Palavra de Deus deve ser o seu alimento quotidiano, para nunca se sentir desamparado e desnutrido espiritualmente. A vocação ao sacerdócio deve ser alimentada com estes elementos. Cardeal Martini diz algo semelhante a este pensamento: «...a resposta inicial ao chamamento de Jesus, a do dia da ordenação, deve ser continuamente renovada e reafirmada durante os anos de sacerdócio em numerosas outras respostas, todas elas enraizadas e animadas pelo "sim" da Ordem».¹¹⁷ Realizando tudo isto, continuará a efetuar¹¹⁸ um dos seus serviços mais sublimes: apresentar Jesus Cristo todos os dias na Eucaristia. Logo, podemos afirmar que sacrifício, sacerdócio e Encarnação estão interligados. Sobre este pensamento destacamos as palavras de Bento XVI:

Por conseguinte, o "sim" de Maria é a porta através da qual Deus pôde entrar no mundo, fazer-se homem. Assim, Maria está real e profundamente comprometida no mistério da Encarnação, da nossa salvação. E a Encarnação, o fazer-se homem do Filho, estava desde o início finalizada para o dom de si; ao doar-se com muito amor na Cruz, para se fazer pão pela vida do mundo. Assim, sacrifício, sacerdócio e Encarnação caminham juntos, e Maria está no centro deste mistério.¹¹⁹

O mistério da Encarnação é um dom, uma graça especial dada à virgem Maria. Ela foi predestinada desde o seu seio materno, ela recebeu a graça de poder transportar em si o autor da vida. No entanto, não podemos negar que ambos os evangelistas têm a sua maneira própria de interpretar este acontecimento. Karl Rahner diz que «Lucas vê a grandeza e o significado da Santíssima Virgem não tanto no facto de ela ser a Mãe de Deus, mas apresenta-nos esta

¹¹⁵ Cf. João Paulo Pimentel, *O sacerdócio – um serviço de amor* (Lisboa: Paulus Editora, 2012), 5.

¹¹⁶ Pikaza, *La madre de Jesús – introducción a la mariología*, 19.

¹¹⁷ Martini, *Un tesoro en vasijas de barro – la espiritualidad del sacerdote*, 129-30.

¹¹⁸ Pois, mesmo que não consiga viver tudo em sublimidade, não perde o poder de consagrar e apresentar Jesus pela via do Sacramento. Mas, a nosso ver, mais tarde ou mais cedo, se não aceitar esta realidade na sua vida de uma contínua renovação da sua vocação, abandonará a sua função original e se perderá em subterfúgios de agenda, falta de sensibilidade litúrgica e pastoral, ativismo puro, etc.

¹¹⁹ Bento XVI, «Audiência Geral», quarta-feira, 12 de agosto de 2009.

Santíssima Virgem, abençoada entre todas as mulheres precisamente por causa do sim da sua fé obediente».¹²⁰ Com esta resposta positiva, Maria torna-se Mãe por um ato livre e pessoal. Em relação a São Mateus, não temos um relato sobre a Anunciação a Maria, mas a José, que nos transmite mais realismo.¹²¹ O autor do Evangelho centra-se mais na figura de José, desejando apresentar Jesus como o Messias descendente da estirpe de David; já Lucas, centra-se na descendência de Maria, pois deseja afirmar que Jesus é Filho de Deus, cumprimento das escrituras, «eis que uma Virgem conceberá...».¹²² Sobre João, já mencionamos noutra parte as suas interpretações. Portanto, vemos em ambos os evangelistas ligação com o AT, por isso, podemos afirmar, Maria está inteiramente ligada ao mistério da aliança.

Quando abordamos a maternidade divina de Maria e o seu respetivo anúncio, entramos nos planos de Deus para a salvação do seu povo, análise esta que nos transporta para um dos géneros literários propostos da exegese: um relato de vocação de Maria, ou seja, «Maria é aqui chamada de forma singular a colaborar na realização do plano divino de salvação através da Encarnação do seu filho».¹²³ Com este relato, recordamo-nos das alianças que Deus fez com o seu povo. A passagem do diálogo entre Deus e Abraão insere-se no plano salvífico de Deus. É num diálogo onde Deus faz uma aliança com Abraão e promete-lhe que será pai de inúmeros povos (cf. Gn 17, 4). De modo semelhante, fez com Moisés dando-lhe as tábuas da lei, o Livro da Aliança (cf. Ex 24, 3-7), por outro lado, a promessa feita ao Rei David (cf. 2 Sm 7), etc.

Para os tempos de hoje, Deus Pai faz uma aliança com o seu povo através do consentimento de Maria e sendo assim, torna-se Mãe de muitos. Ambas as figuras referidas deram o seu consentimento para a salvação do povo. Portanto, olhando para toda a realidade histórico salvífica, podemos ver Maria como nossa Mãe. Karl Rahner diz o seguinte: «Quando nos aproximamos da maternidade divina de Maria no seu sentido mais pleno, ou seja, tomando toda a realidade de Maria como pertencente à história da salvação, compreendemos imediatamente que a sua maternidade nos diz respeito, que Maria é de facto a nossa Mãe».¹²⁴

O tema da aliança levar-nos-ia a outros assuntos, por exemplo, o título de Maria como arca da Nova Aliança, que se relaciona inteiramente com a arca que o povo de Israel transportava como objeto de culto, é aqui que encontramos a divina maternidade como fundamento supremo do culto de veneração a Maria.¹²⁵ Outro exemplo, o *Magnificat*, onde

¹²⁰ Rahner, *María, Madre del Señor*, 69.

¹²¹ Cf. Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 67.

¹²² Cf. Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 68.

¹²³ Potterie, *Maria en el misterio de la alianza*, 36.

¹²⁴ Rahner, *María, Madre del Señor*, 78.

¹²⁵ Cándido Pozo, *Maria en la Escritura y en la fe de la Iglesia*, 3ª ed. (Madrid: BAC, 1979), 160.

encontramos uma sinfonia de toda a história da salvação,¹²⁶ etc. Mas, fiquemos com esta afirmação: Maria apresenta-se como herdeira de Abraão, cumpridora da lei mosaica e Mãe do verdadeiro messias descendente da estirpe de David. Com o seu *Fiat*, liga-se a toda a história de um povo e abre-nos a porta para a salvação. Maria participa com Jesus na plenitude dos tempos, resume e concentra a longa história do povo eleito e, através do exemplo de Maria vislumbra-se o elemento unificador da Bíblia a partir do olhar amoroso que Deus dirige ao homem para suscitar nele uma resposta amorosa, sendo assim, ela torna-se o parceiro humano do encontro de Deus com a humanidade.¹²⁷ Isto significa, que Maria está ligada à história da humanidade e, logicamente, à história de cada um. Algo semelhante foi abordado no apartado sobre as Bodas de Caná.

¹²⁶ Cf. Maria Ko, *Magnificat – el canto de María de Nazaret* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005), 92.

¹²⁷ Cf. Fiore, *María Madre de Jesús – Síntesis histórico-salvífico*, 63-5.

CAPÍTULO 2: A ESPIRITUALIDADE MARIANA DO SACERDOTE NO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Ao iniciarmos este capítulo sobre a espiritualidade mariana do sacerdote no magistério da Igreja, necessitamos de destacar os limites do nosso estudo. O magistério da Igreja é muito amplo e tem muito onde recolher, mas, cingir-nos-emos ao contexto do Concílio Vaticano II, onde prestaremos atenção não só ao Concílio em si, mas ao pré e pós-Concílio. No que se refere ao pré-Concílio, vamos ocupar-nos de alguns textos de anteriores papas que tratam ou se aproximam de um pensamento sobre a espiritualidade mariana do sacerdote. Não podemos, pois, pensar numa espiritualidade sacerdotal conciliar sem primeiro ir às suas raízes.¹²⁸ Sobre o Concílio Vaticano II, vamos abordar alguns documentos conciliares relativos ao nosso tema. No pós-Concílio, iremos destacar, acima de tudo, os pensamentos dos Papas Paulo VI e João Paulo II, que foi um Papa especialmente mariano.

Antes de entrarmos diretamente em cada uma das partes, vamos destacar o que achamos ser essencial para a abordagem de uma espiritualidade mariana do sacerdote no magistério. Num primeiro momento, é preciso frisar a importância da imitação das virtudes de Maria. A fé, a esperança e a caridade sempre foram as virtudes por excelência de Maria. O sacerdote imita o Mestre, por isso pode imitar a Cristo nas atitudes e sentimentos que teve para com a sua Mãe: o valor da palavra de Deus, que Maria guardava e meditava no seu coração; a sua relação profunda e real com Cristo, incentiva cada sacerdote a uma maior devoção a Maria, a viver nesta atitude constante de escuta e meditação da Palavra; a dimensão do Espírito na vida do presbítero, entendida por Maria ao longo da sua jornada terrestre. Ninguém melhor do que Maria para nos ensinar a reconhecer o Espírito Santo nas nossas vidas. A santidade é para o presbítero o objetivo essencial a alcançar na sua peregrinação na terra. Aceitar a vontade de Deus na sua vida é aceitar e responder ao chamamento de Deus a ser santo, como Ele é santo. Maria foi a mulher que aceitou a vontade de Deus na sua vida, ou seja, conformou-se com o projeto

¹²⁸ Cf. Gamarra, *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, 242.

de santidade que Deus propõe. A oração é outra componente essencial para a vida do sacerdote. Precisamos de olhar para a mulher que saboreou, experimentou, gozou, da presença do seu Filho na sua existência. Maria foi uma mulher de profunda oração, sempre unida ao Filho, de corpo, alma e coração. A mulher que teve a relação de amizade mais profunda e elevada de todas, ninguém melhor do que ela para nos ensinar a viver numa relação de amizade com este Deus-Homem. Maria tem um especial amor pelos sacerdotes.

1. ÀS PORTAS DO CONCÍLIO VATICANO II - O PRÉ CONCÍLIO

No período entre o Concílio Vaticano I e II, houve tentativas de renovação e de dar continuidade ao que ficou incompleto. O primeiro Concílio foi interrompido e não concluído devido à guerra franco-prussiana e à posterior ocupação de Roma; em 20 de outubro de 1870, o Papa Pio IX suspendeu o Concílio com a bula *Postquam Dei munere*, que juridicamente só se encerrou com a convocação do Concílio Vaticano II. O período posterior ao Concílio Vaticano I foi um período de acontecimentos negativos, com as guerras que avassalaram os povos, com as ascensões dos regimes totalitários, o mundo tornou-se um espaço mais pobre em conteúdos de dignidade e moral. Com o avançar das ciências, das indústrias, houve transformações nas sociedades, culturas e mentalidades, tudo isto veio trazer desafios cada vez maiores à Igreja. Era preciso haver uma reforma para que a Igreja estivesse no mundo, aberta ao diálogo e aos desafios colocados pela sociedade, era necessário um urgente *aggiornamento* em palavras de Papa João XXIII. É neste horizonte de reforma, que marcou este período da história, que abordaremos alguns escritos dos papas sobre o nosso tema de estudo. Não iremos abordar todos os conteúdos de cada escrito, mas vamos nos centrar no que consideramos ser essencial para a nossa abordagem de uma espiritualidade mariana do sacerdote.

1.1. O Papa Leão XIII

O Papa que substituiu no pontificado o Papa Pio IX¹²⁹ foi Leão XIII. Foi um homem que se preocupou com várias causas, uma delas foi dar continuidade à condenação do Socialismo que emergia no seu tempo. Contudo, o Papa Leão XIII escreveu uma pequena Encíclica em 1902 com o título *Fin dal principio*. Esta Carta foi dedicada ao clero italiano e tinha como intenção a sua própria educação. Nela encontramos itens essenciais para uma

¹²⁹ Foi o papa que em 1864 manifestou a ideia da convocação de um Concílio e, a sua respetiva suspensão em 1870.

espiritualidade sacerdotal, como por exemplo, o sacerdócio católico ser, na sua origem, sobrenatural e imutável no seu caráter. O sacerdote precisa de trabalhar pela saúde eterna das almas, é preciso que se preocupe sempre pelos interesses supremos da espécie humana e que seja um intermediário entre o céu e a terra levando as pessoas ao conhecimento das realidades eternas (cf. FP 3). A importância sobrenatural dada não só aos presbíteros, mas a todos os cristãos, é uma realidade bem ligada à de Maria, a mulher por excelência que se abriu ao sobrenatural e com essa experiência permitiu que o Divino se tornasse homem e assim ser o caminho de salvação para todos.

Estes elementos retirados da Encíclica de Leão XIII continuam válidos para os tempos de hoje. O sacerdote não pode negar a sua essência vocacional: ela é de origem divina. A partir do momento da sua ordenação recebe uma capacitação que faz dele um instrumento nas mãos de Deus, adquire uma habilitação que o põe efetivamente em condições de fazer as vezes de Cristo e referir-se a Ele com a sua representação sacramental,¹³⁰ ou seja, recebe um caráter indelével. Logo, se faz as vezes de Cristo, torna-se um sinal visível de uma realidade invisível o que faz dele um colaborador, na ordem da graça, na salvação de toda a humanidade. O ministro sacerdotal torna-se um mediador, participando na única mediação de Cristo. Na verdade, «na sua função de representar visivelmente Jesus Cristo como lugar da mediação entre o divino e o humano, de único mediador entre Deus e os homens, o sacerdote deve ser um homem de Deus e um homem para os homens».¹³¹ Ora, isto está diretamente ligado com a mensagem que o Papa Leão XIII deixou na Carta.

Continuando a olhar para a Encíclica, notamos ainda outras especificidades da espiritualidade própria do ministro. Ora, quando diz que o sacerdote é sobretudo mestre, médico, pastor de almas e guia para um fim determinado (cf. FP 5), está a referir-se diretamente ao serviço pastoral, que está na raiz da espiritualidade sacerdotal. O sacerdote recebe dons que fazem dele um homem de Deus, um homem com a autoridade e poder de Cristo. Ao exercer este ministério pastoral, o sacerdote está a alimentar a sua espiritualidade, porque a sua espiritualidade nasce precisamente do exercício do seu ministério.¹³² Contudo, para a sua eficácia, implica que haja uma fidelidade e uma íntima união com Cristo. Os sacerdotes são chamados a ser amigos de Cristo,¹³³ pois, nenhum presbítero consegue exercer o seu *múnus* sacerdotal na totalidade ou na perfeição, se não viver profundamente esta realidade de amizade verdadeira com Jesus.

¹³⁰ Cf. Greshake, *Ser sacerdote hoy*, 354.

¹³¹ Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 56.

¹³² Cf. Ángel Cordovilla Pérez, «*Como el Padre me envió, así os envío yo*» – Teología y espiritualidad del ministerio apostólico presbiteral (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2019), 229.

¹³³ Cf. Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 146.

Para uma definição de pastor e guia, é necessário entender que um pastor reúne as suas ovelhas, e um guia condu-las, ou seja, leva-as por um caminho melhor, e trá-las novamente para o seu redil. Com esta linguagem bucólica, campestre, utilizada muitas vezes por Cristo, podemos entrar na vida e espiritualidade do sacerdote. Porque, a missão do sacerdote é, precisamente, reunir e conduzir o povo de Deus em ordem à edificação e crescimento do corpo de Cristo. Reúne na Igreja uma fraternidade de irmãos, onde se aprofunda o mistério da comunhão, educa na fé cada batizado e colabora para que cada um se deixe guiar pelo Espírito Santo em ordem a aprofundar a descoberta da sua vocação.¹³⁴

O Papa Leão XIII nesta Carta salientou alguns perigos que muitos sacerdotes podem encontrar e devem evitar durante o seu ministério. Por isso, insiste, avisando o sacerdote para que seja fiel à sua vocação, que observe diligentemente as suas condutas, que seja exemplar e que procure, através dos estudos académicos, aprofundar o essencial para a sua missão no mundo como ministro de Deus. Os efeitos de uma má conduta levam ao menosprezo pelas coisas eternas, por isso o Papa diz: «A conduta exemplar dos que presidem [...] é a linguagem mais eloquente e persuasiva para inspirar na alma a convicção dos seus deveres e o amor ao bem» (FP 11).

Tudo isto transporta-nos a Maria, a mulher exemplar, a mulher por excelência do Altíssimo, arquétipo de toda a boa conduta, a mulher que nos ensina a viver as virtudes, ela representa a humanidade inteira nos valores da fidelidade a Deus, ela contém um abismo de dons e de graças, como dizia São Luís Maria de Montfort: «...a profundidade de sua humildade e de todas as suas virtudes e graças é um abismo insondável».¹³⁵ Maria é modelo de todas as virtudes, mas a mais sublime é a fé. A Virgem Santíssima ajuda-nos a acolher, nos nossos corações, o necessário para um melhor conhecimento do Divino. John Henry Newman dizia num dos seus sermões: «Santa Maria é o nosso modelo de fé, quer no acolhimento quer no estudo da Verdade Divina».¹³⁶

1.2. O Papa Pio X

Dando continuidade aos sucessores de Pedro, surge a figura de Pio X, homem que decidiu reformar a cúria romana em meados do ano 1907. Além do seu famoso Catecismo que tinha como intenção um melhor ensino da Doutrina Cristã, devido à ignorância religiosa que se verificava entre os fiéis, também teve uma Exortação Apostólica dedicada ao clero com o

¹³⁴ Cf. Pérez, «Como el Padre me envió, así os envío yo» – Teología y espiritualidad del ministerio apostólico presbiteral, 230-1.

¹³⁵ Montfort, *Tratado da verdadeira devoção à Virgem Maria*, 15-6.

¹³⁶ John Henry Newman, *O coração do mundo – Antologia de escritos* (Coimbra: Edições Tenacitas, 2021), 222.

título *Haerent Animo*. Nas primeiras linhas desta Exortação estabelece o seu fundamento e começa logo por dizer que o futuro da Igreja depende da qualidade dos eclesiásticos. Exorta o sacerdote a viver uma vida santa a exemplo de Cristo. Podíamos resumir toda a Exortação nestas palavras: «Só uma coisa serve absolutamente para unir o homem a Deus, para o tornar grato a Deus e um ministro não indigno das suas misericórdias: a santidade de vida e de costumes» (HA 11).

Mas, além desta máxima, contém outros elementos importantíssimos para a vida do sacerdote, ou seja, para a sua santificação. Um deles é a vida de oração, em que o Papa diz claramente: «Não há dúvida de que existe uma tal relação entre a oração e a santidade que uma não pode existir sem a outra» (HA 13). Outro elemento é a meditação, é preciso exercer este importante lucro para se alcançar as virtudes e viver nelas constantemente, é preciso dedicar tempo a meditar nas coisas do alto e nas coisas eternas. Para destacar a importância de ter uma vida de meditação, deixamos as palavras que o papa colocou de São Bernardo:

"A meditação purifica a fonte de onde brota, isto é, o intelecto. Depois regula os afetos, dirige as ações, corrige os defeitos, reforma os costumes, eleva e ordena a vida: numa palavra, confere o conhecimento das coisas divinas e humanas. A meditação esclarece as coisas confusas, preenche as lacunas da mente, liga as ideias dispersas, examina os segredos, investiga a verdade, examina o verosímil, expõe a ficção e a falsidade. Preordena as ações a realizar, chama à responsabilidade as já realizadas para que nada permaneça na mente que seja incorreto ou ambíguo. Prevê na prosperidade o infortúnio, no infortúnio evita a impressão excessiva, e esta é uma infusão de fortaleza, a da prudência" (HA 15).

No meio destas importantes atividades do sacerdote, a oração e a meditação, é preciso olhar para Maria, pois ela foi a mulher que meditava tudo no coração, ela acolhia a Palavra e estava com ela, a Palavra repousava nela, pois ela amava o Verbo. O teólogo Hans Urs Balthasar explica bem esta realidade: «Aquele que reza deve tomar a Palavra em si, repousar e estar nela, deixá-la estar e repousar nele, como Maria, a Mãe do Senhor, que guardava e meditava todas as palavras no seu coração. Fazia-o por amor ao Verbo (à Palavra) que era seu Senhor e seu Filho».¹³⁷

Estes dois elementos são muito importantes para a vida do sacerdote, a oração e meditação. É preciso orar para criar vínculos com o Deus que nos ama e nos enche de graças. Quanto mais nos damos, mais Ele se dá, quanto mais nos entregamos, mais Ele se entrega. Na meditação das coisas do alto obtemos a graça de conhecer o amor de Cristo (cf. Ef 3, 18-19). Tudo isto é necessário para educar e cultivar dentro de nós uma relação com Deus pura e sem mancha, pois é muito fácil cair nas seduções do mundo. O Papa Pio X dizia o seguinte: «Como é fácil, mesmo para os corações religiosos, ficarem envoltos na poeira do mundo! Vê-

¹³⁷ Servais, *Hans Urs Von Balthasar – textos de Ejercicios Espirituales*, 148.

se, pois, como é necessário voltar diariamente à contemplação das coisas do céu, para que a mente e a vontade se fortaleçam contra as seduções do mundo» (HA 16). Portanto, é preciso perseverar na oração e na meditação. Orar é estar em diálogo com Deus e meditar é estar em contacto com a Sua Palavra. Mas, como orar, como meditar? Sobre o seu método ou como orar sem cessar como dizia o Apóstolo, deixamos as palavras contidas no livro *Relatos de um peregrino russo*, «depende de um hábito natural adquirido».¹³⁸ Meditar implica viver na sua Palavra recordando os feitos de Jesus para nossa salvação.

Para concluir a reflexão sobre este documento do Papa Pio X, destacamos as palavras finais do Papa referentes a Maria. O Papa diz que os sacerdotes, a exemplo de Maria, deviam perseverar, unidos na oração, para se revestirem da virtude do alto; virtude que lhes transmitiu muito mais abundantemente com as suas orações, e aumentou e fortaleceu com conselhos, para que os seus trabalhos fossem coroados dos mais felizes sucessos (cf. HA 38). Como vimos, com este conselho, a oração deve ser semelhante à de Maria que perseverou, uniu-se perfeitamente ao seu Filho e foi revestida com as virtudes do alto. A oração é um exercício importante na vida do sacerdote, ela está inteiramente unida à identidade cristã. Não é possível pensar a vida cristã sem a oração, é importante e necessário aprofundar este exercício, porque, como diz Saturnino Gamarra, «acompanhar um cristão, tendo em vista o futuro, é acompanhá-lo na oração».¹³⁹

1.3. O Papa Pio XI

A figura que vamos abordar de seguida é o Papa Pio XI. O seu pontificado foi de dezassete anos, que o levou às portas da segunda guerra mundial, além de, também, ter-se deparado com a guerra civil espanhola e com as ascensões das ideologias políticas violentas: o nacional-socialismo da Alemanha de Hitler e o comunismo da União soviética de Stalin. Durante este longo pontificado teve várias intervenções na sociedade, uma delas foi o ter sido fundador e construtor do Estado do Vaticano, com os famosos *Pactos de Latrão*. Durante o seu papado deixou-nos um enorme legado, escreveu várias Encíclicas, uma delas é a *Ad Catholici Sacerdotii*, onde vai exaltar a sublimidade do sacerdócio católico e a sua providencial missão no mundo (cf. CS 6). O conteúdo desta Carta vai numa linha idêntica à dos seus antecessores (cf. CS 7). Que podemos encontrar sobre a espiritualidade mariana do sacerdote? Não vamos explorar todo o seu conteúdo, mas iremos abordar temas que nos ligam ao essencial do nosso estudo.

¹³⁸ *Relatos de um peregrino russo ao seu pai espiritual*, trad. Maria Teresa Ferreira, 4ª ed. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2021), 45.

¹³⁹ Gamarra, *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, 258.

Ao ler a Carta verificamos que contém elementos que os anteriores papas já tinham abordado, como por exemplo, a santidade, as virtudes a ter do sacerdote e a formação necessária para um melhor cumprimento do estado a que foi chamado. Contudo, nesta Carta foi colocado a palavra celibato, não referida pelos antecessores, o qual é uma graça fundamental na vida do sacerdote. Celibato e castidade têm significados diferentes, mas ambos devem caminhar juntos na vida do sacerdote. O Papa Pio XI dá como exemplo a vida de Maria e José (cf. CS 34). O exemplo não é pelo seu noivado, mas pelas suas vidas castas, com a opção radical de se absterem de relações sexuais. A virgindade, a castidade e o celibato são valores inestimáveis para uma maior entrega às coisas do alto, como dizia São Paulo «Quem não tem esposa, cuida das coisas do Senhor, como há de agradar ao Senhor» (1 Cor 7, 32). Não vamos apresentar um tratado sobre o celibato,¹⁴⁰ mas destacar que é um dom muito importante para a vida espiritual do sacerdote, porque «entrar na pessoa do padre é atingir os níveis onde a experiência do celibato está presente».¹⁴¹

Maria é a mulher casta por excelência, pura e imaculada. Com esta disposição podemos ligar diretamente com a vida célibe do sacerdote. Ora vejamos: Maria adorava a Deus, era cumpridora dos mandamentos do Senhor e fiel à sua Palavra; ela aderiu a Cristo, aprovou o projeto de Deus de ser Mãe do Messias; ela foi uma mulher de uma grande relação com o Espírito Santo, deixando-se modelar e encher por Ele; pertencia à comunidade crente, seguia o caminho com os Apóstolos e as santas mulheres que os acompanhavam. Ora, com esta exposição apresentamos algumas características essenciais para uma vida cristã no celibato: adorar a Deus, aderir a Cristo, relacionar-se com o Espírito, pertencer a uma comunidade crente.¹⁴²

É óbvio que sobre este tema haveria muito a dizer, mas o nosso objetivo é dar a entender que o celibato é um dom de Deus e que, olhando para a vida de Maria, os sacerdotes possam aprender a viver uma vida casta, pois ela é a Virgem Imaculada.¹⁴³ Assim como Maria foi pura no coração, assim o sacerdote deve procurar viver a *puritas cordis*. Como é importante e precioso ao sacerdote viver neste estado, assim dizia Santo Efrém «"Não basta ao sacerdote e ao que o seu nome exige para oferecer o corpo vivo (de Cristo) ter a alma pura, a língua limpa, as mãos lavadas e o corpo adornado, mas deve ser sempre completamente puro, porque é constituído mediador entre Deus e o género humano"» (CS 35). É exigido ao

¹⁴⁰ É sabido que o celibato sacerdotal é um elemento obrigatório na Igreja latina ocidental, na Igreja oriental não há a obrigatoriedade do celibato, só se encontra como opção. Não vamos explicar o porquê das suas diferenças. Neste trabalho, iremos abordar o celibato com as linhas orientadoras do rito Católico ocidental.

¹⁴¹ Gamarra, *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, 328.

¹⁴² Cf. Juan María Uriarte, *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*, 2º ed. (Maliaño – Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2020), 121.

¹⁴³ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 283.

sacerdote uma transformação de todo o seu ser, não basta uma renovação espiritual ou moral, «mas uma renovação ontológica que vai até às próprias raízes do ser».¹⁴⁴

O sacerdote deve viver as bem-aventuranças, onde se inclui a dos puros de coração. Além de uma pureza de corpo, é uma limpeza de coração. É necessário sair do homem velho corrompido pelo seu pecado e voltar à vida nova em Cristo que por meio de Maria renova todas as coisas. Jesus foi modelado por Maria no seu ventre, sinal da nova humanidade, porque Cristo é o novo Adão a figura da nova criação. Ora, esta nova criação começa no ventre puro e santo de Maria que foi agraciada para receber o homem novo, a vida nova. Maria, pelo seu sim, abriu-se à graça do alto e não se deixou seduzir pela serpente como fez Eva, o que faz de Maria a nova Eva, a Mãe da humanidade. Ora, isto tudo para dizer que o sacerdote, com a presença de Maria, tem a ajuda necessária para viver esta vida nova no seu dia-a-dia. Uma vida nova implica viver a castidade proposta por Cristo. Dizia assim Francisco Melús: «...neste momento da história, uma nova era está a começar e a presença de Maria, o exemplo da sua vida, ajudará nestes tempos a criar uma vida nova».¹⁴⁵

Portanto, como graça do alto, o celibato, só pode ser entendido no amor a Deus, porque quem não tem amor ao que lhe ama, nunca conseguirá entender o mistério sublime que está por detrás do celibato, «porque o amor transforma o amante naquilo que ele ama».¹⁴⁶ Se o sacerdote amar a castidade a sua vida transforma-se numa vida casta. Como vemos, é exigente a vida do sacerdote, e nos dias de hoje muito mais.

Abordar a Encíclica falando só do celibato seria redutor, pois há muitas outras ideias importantes relacionadas com a vida espiritual do sacerdote. Foi nossa a opção de abordar este tema, já que é mencionado nesta Carta. Todavia, há um outro tema que achamos pertinente abordar e relacionar o tema da pobreza com a vida de Maria.

Maria foi a mulher pobre, que procurou os interesses do seu Filho, não procurou os tesouros da terra, mas, viveu procurando os tesouros do alto. Como mulher livre, não se apegou ao efêmero, mas ao que perdura para sempre. Maria viveu desapegada dos bens da terra, os seus maiores bens eram as virtudes. A riqueza do seu amor fê-la abrir-se à humanidade inteira e com isso deixar-se modelar pelo seu Filho Criador. Maria, nas Bodas de Caná, preocupou-se com as necessidades do próximo, pois o seu coração não estava vazio, mas cheio de compaixão e ternura, com sede da novidade e da renovação do coração do povo. Maria é o refúgio dos pobres, ela indica-nos o caminho, dá-nos a conhecer o seu Filho. Os preferidos de Jesus são os pobres, os humildes, aqueles que tem o coração livre para acolher as suas palavras. Com isto encontramos a pastoral de Maria, preocupa-se com os pequenos,

¹⁴⁴ Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 384.

¹⁴⁵ Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 382.

¹⁴⁶ Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 383.

pobres e humildes. Assim dizia o Cardeal Christoph Schönborn: «Penso que para nós, padres, a pastoral de Maria é a pastoral dos pequenos e dos humildes, dos pobres».¹⁴⁷

Ora, se olharmos para a vida do sacerdote, verificamos as mesmas vivências. A vida do ministro de Cristo deve ser de um desapego total daquilo que não preenche a vida, deve ter uma vida plena de riquezas do alto. Estar vazio das coisas terrenas faz com que o sacerdote esteja mais disponível e atento aos que dele se aproximam, o sacerdote tem de ser capaz de distribuir o necessário aos que se encontram vazios do sentido da vida, aos pobres dos tempos modernos e aos necessitados de palavras de conforto e de ternura, a sua disponibilidade deve partir do esvaziamento de si mesmo e só assim poderá encontrar afeto por todos. O Papa Pio XI dizia na sua Encíclica «...o desinteresse sincero conquista para o sacerdote a vontade de todos, tanto mais que a este desprendimento dos bens da terra, quando provém da força íntima da fé, se une sempre uma terna compaixão por toda a espécie de infelizes, que faz do sacerdote um verdadeiro pai dos pobres...» (CS 40).

1.4. O Papa Pio XII

De seguida, abordamos a figura de Eugénio Pacelli, mais conhecido por Pio XII. Teve um pontificado longo de dezanove anos, mas foi um dos pontificados mais difíceis e dramáticos. Era um experiente diplomata, um homem erudito e poliglota. O Papa Pio XII procurou sempre as melhores vias para a paz e evitar a guerra. Mesmo durante a guerra tentou o melhor que podia diplomaticamente para apaziguar o conflito. Ele tem uma frase famosa: «Nada se perde com a paz. Tudo pode ser perdido com a guerra».¹⁴⁸ Foi um homem de silêncio, mas um silêncio sofrido, orante, entristecido, não foi passivo aos acontecimentos, era um homem prudente, assim como a Igreja sempre foi. O Papa Pacelli trabalhou com todos os meios à sua disposição para aliviar a miséria dos refugiados, dos bombardeados, dos famintos, dos perseguidos, dos judeus; era um homem consolador e atento aos estragos da guerra. Mais se podia dizer sobre esta grande figura do séc. XX, que muitas vezes foi mal-entendida na história. Mas falemos do essencial, ele tem um legado muito vasto, escreveu sobre vários temas; a nós, interessa-nos a Exortação Apostólica *Menti Nostrae*, que foi dedicada ao clero do mundo católico e o seu tema de fundo era a santidade da vida sacerdotal.

Este tema é fundamental para a vida do ministro de Cristo. Maria viveu a sua vida neste estado, por isso, com ela, modelo da santidade, podemos aprender a ser santos. Na Exortação,

¹⁴⁷ Cardeal Christoph Schönborn, *A alegria de ser padre* (Prior velho: Paulinas Editora, 2010), 123.

¹⁴⁸ Pio XII, «Radiomensagem “un’ora grave” do Papa Pio XII aos governantes e aos povos do iminente perigo de guerra», acedido a 14 de junho de 2023, https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf_p-xii_spe_19390824_ora-grave.html

o Papa vai destacar um ponto que os outros antecessores não colocaram nas cartas que mencionamos: a importância de uma ardente devoção a Nossa Senhora. E vai ser utilizada a frase, *Maria, Mãe dos sacerdotes* (cf. MN 129). Além desta novidade, o Papa aborda temas já referidos antes, menciona o caráter indelével que se recebe aquando da ordenação, que é um dom do alto, até utiliza a expressão *alter Christus* (cf. MN 7). Insiste na vida reta do sacerdote e na necessidade de viver uma vida santa. Apresenta um programa de vida necessário ao sacerdote para que permaneça na fidelidade à sua vocação. Insiste na formação inicial, como uma etapa importante para a vida do futuro sacerdote.

Não vamos abordar todas as etapas da Exortação, mas focamo-nos nesta devoção a Maria que o Santo Padre Pio XII deseja que cada sacerdote possua. Ele começa por dizer que os sacerdotes são filhos de Maria e que devem cultivar uma sã devoção para com ela, e confiar nela, na sua proteção e propõe a cada um que recite o Rosário, pois, por esta devoção se medita nos mistérios do Redentor (cf. MN 48), neste exercício de piedade encontramos o compêndio de todo o Evangelho (cf. MC 42).

No capítulo anterior deste trabalho, já fomos colocando esta verdade sobre o sacerdote ser filho de Maria e que deve confiar nela, como uma criança confia na sua mãe. Aqui surge algo que não foi abordado ainda: a devoção a ter com Maria. A devoção mais popular da piedade mariana é a meditação do Rosário. Não abordamos a história desta devoção, mas explicamos a sua finalidade:¹⁴⁹ a meditação dos mistérios do Rosário é um louvor a Cristo, e Maria abre-nos o caminho para Ele.¹⁵⁰ Não vamos fazer um tratado sobre o Rosário neste trabalho, mas queremos destacar a sua importância para a vida do sacerdote.

Quando o Papa diz que por esta devoção se medita nos mistérios da salvação, então está a confirmar que Maria nos conduz a Jesus. Esta devoção não pode ser só um balbuciar de palavras, mas tem de penetrar no coração e criar raízes de fidelidade, unir estreitamente à vida, ministério, paixão e glória do Senhor. Assim diz o teólogo Aloys Klein: «Quem reza o Rosário da maneira devida sente-se chamado pessoalmente, sente-se preso e inserido no destino e no curso da vida do Redentor».¹⁵¹

Efetivamente, com esta afirmação podemos dizer claramente que, com a oração do Rosário, cada sacerdote experimenta na sua própria existência o alimento para uma vida saudável no amor a Deus e aos homens. A oração do Rosário tem de nos levar à

¹⁴⁹ Referimo-nos ao que é descrito teologicamente no magistério, porque ao longo de séculos relacionou-se com a piedade popular, como por exemplo, rezar o terço para acabar com a guerra; para um bom êxito de algo muito urgente para acontecer. O melhor texto a ler para compreender a evolução que se foi tendo teologicamente sobre o Rosário no magistério é: Ennio Domenico Staid, «Rosario», em *Nuevo Diccionario de Mariologia*, ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo, trad. Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo (Madrid: Ediciones Paulinas, 1988), 1733-7.

¹⁵⁰ Cf. Balthasar et al., *O culto a Maria hoje*, 269.

¹⁵¹ Balthasar et al., *O culto a Maria hoje*, 270.

contemplação.¹⁵² Se não for assim, não passa de um balbuciar de palavras, uma repetição inútil que nos assemelha a alguns judeus do tempo de Jesus em que Ele lhes desferiu fortemente com as palavras: «...pois pensam que, pelo seu muito falar, serão escutados» (Mt 6, 7). Não tem sentido e nada serve para salvação da sua alma, quando esta particular devoção não nos impele a fazer a vontade de Deus, passa a ser como as pessoas que Jesus fala no Evangelho: «Nem todo aquele que me diz: “Senhor, Senhor”, entrará no Reino dos céus, mas o que faz a vontade do meu Pai que está nos céus» (Mt 7, 21).

Outra particularidade desta Exortação é a ligação que o Papa Pio XII faz do Sacramento Eucarístico com a Virgem Maria para um cultivo mais profundo das virtudes. Diz assim o Papa:

E se à devoção a Jesus sacramentado unirem uma filial devoção a Maria, devoção que seja cheia de confiança e de abandono nela, e que excite a alma à imitação das suas virtudes, então a Igreja se regozijará porque não poderá mais faltar o fruto de um ministério ardente e zeloso num sacerdote cuja adolescência foi alimentada pelo amor a Jesus e a Maria (MN 97).

Como vemos, o Papa exorta para que na formação dos sacerdotes se proponha o uso frequente da oração do Rosário, instrumento importante para se assemelhar a Maria nas virtudes. Mas também destaca a eficácia do Sacramento como um sinal visível e importante na existência sacerdotal, é no Sacramento da Eucaristia que o sacerdote se identifica mais, faz parte integral do seu ministério. Na comunhão sacramental com Cristo o sacerdote obtém uma união mais perfeita, onde recebe o amor que brota do coração do amado. É pela Eucaristia que Jesus continua a apresentar-se ao povo e faz do Sacramento um sinal visível de uma realidade invisível. Com este sacramento o ministro de Cristo alimenta a sua fé, por isso, precisa de vivê-lo bem, integrá-lo no ministério é essencial para nutrir a sua espiritualidade. Para uma adequada espiritualidade eucarística o professor George Augustin diz no seu livro: «É essencial para a nossa fé e para o nosso ministério, e sobretudo para a nossa vida de sacerdotes, que descubramos continuamente a riqueza deste dom e que tomemos consciência disso».¹⁵³

É pelo dom da Eucaristia que a Igreja se renova continuamente, é por este Sacramento que a Igreja existe, sem ela não tinha sentido algum, porque a Eucaristia é o centro de toda a existência, é o coração de toda a Igreja, é à volta deste Sacramento que o povo se alimenta e se reveste de Cristo. Viver bem o Sacramento leva a uma união mais perfeita, à fraternidade desejada, à plenitude do amor. A Igreja é um corpo onde os seus membros se reúnem à volta

¹⁵² Cf. Ângela de Fátima Coelho, *Dentro da Luz – um itinerário para compreender a mensagem de Fátima*, 2ª ed. (Fátima: Santuário de Fátima, 2022), 159.

¹⁵³ Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 244.

do banquete eucarístico¹⁵⁴ e o que é oferecido nela sustenta cada um, porque há um só pão, nós, embora sendo muitos formamos um só corpo, pois participamos dum único pão (cf. 1 Cor 10, 17). É deste modo que a Eucaristia faz a Igreja, como mistério e casa de comunhão. A dimensão sacramental é muito importante na vida e espiritualidade do sacerdote, pois esta é uma das suas missões: oferecer Cristo e fazê-lo crescer no coração de cada batizado. Não existe sacerdócio sem Eucaristia, precisamente, porque é um Sacramento de comunhão, não é para ser feito isoladamente, mas para os fiéis que querem receber este Sacramento nas suas vidas, por isso dizia Bruno Forte, «...onde há sacerdócio ministerial ordenado, na continuidade ininterrupta da sucessão apostólica, há Eucaristia...».¹⁵⁵

Numa outra parte da Exortação, o Papa vai destacar a necessidade de cada sacerdote confiar as suas dificuldades a Maria (cf. MN 129). Todos nós os batizados temos dificuldades ao longo da jornada da vida de alcançar a santidade. Primeiro, ninguém a alcança sozinha, é preciso caminhar juntos, partilhar as lutas do caminho, para que possamos crescer em virtudes e em graça. A vida do presbítero não é por si só livre de perigos e dificuldades, mas, de uma grande responsabilidade, seja no campo do testemunho ou da pregação, sempre lhe é exigido mais, pois, «a todo aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido, e a quem muito se confiou, mais lhe será pedido» (Lc 12, 48). Por isto, devem confiar-se inteiramente a Maria que ama cada sacerdote, imagens vivas do seu filho Jesus. O Papa é claro, para alcançar a santidade de vida o sacerdote precisa de se confiar inteiramente a Maria, «Mãe do Eterno Sacerdote, e Mãe, portanto, de todos os sacerdotes católicos» (MN 129).

Em suma, como vimos, para uma vivência melhor das virtudes tão desejadas para a vida do sacerdote, é preciso cultivar uma relação com Maria através de uma assídua recitação do Rosário, e o seu resultado é ter uma maior ligação com os mistérios da salvação. Por fim, é necessária a relação da Eucaristia com Maria, para o cultivo das ditosas virtudes no coração do presbítero. Ambas as devoções são precisas para a vida do sacerdote, para alimentar a sua fé, esperança e caridade.

2. CONCÍLIO VATICANO II

Depois de abordarmos o pensamento de alguns papas sobre uma espiritualidade sacerdotal na ligação com Maria, onde já demonstravam algum carácter de mudança e de renovação para a Igreja, queremos agora abordar o contexto do Concílio Vaticano II e os respetivos documentos que tratam do nosso tema em questão. O nosso objetivo, como

¹⁵⁴ Cf. Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 245.

¹⁵⁵ Bruno forte, *Sobre o sacerdócio ministerial*, trad. P. Américo Casado (Lisboa: Edições Paulistas, 1993), 9.

temos vindo a esclarecer, é aproximar a espiritualidade sacerdotal da espiritualidade mariana, ou melhor, Maria do sacerdote. Que paralelismos encontramos nos documentos do Concílio? Em primeiro lugar apresentamos os documentos que vamos tratar. Temos a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Neste documento encontramos um capítulo específico que nos fala sobre Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Depois temos outros não menos importantes: o Decreto *Presbyterorum Ordinis* que nos fala sobre o ministério e a vida dos sacerdotes, podíamos, também, abordar o Decreto *Optatam Totius* sobre a formação sacerdotal, mas não iremos fazer. Nestes documentos conseguimos obter muita luz sobre a relação do sacerdote com Maria.

2.1. *Lumen Gentium*

Ao começar a ler a Constituição Dogmática, vemos a importância que se dá ao Povo de Deus, ao ponto de esclarecer que todos os batizados participam do único sacerdócio de Cristo, ou seja, o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial, ambos participam do único sacerdócio e esse é o de Cristo (cf. LG 10). Neste ensinamento sobre o mistério do Povo de Deus está contido o quadro fundamental da renovação sacerdotal do nosso tempo.¹⁵⁶ Nele encontramos o fundamento do ministério de serviço, pois o sacerdote nesta perspetiva não é superior aos que não são ordenados, pelo contrário, tem uma natureza intrinsecamente comunitária e missionária.¹⁵⁷ Por isso, podemos afirmar que o sacerdote, em virtude do Sacramento da Ordem, exerce um ministério paterno em relação aos irmãos. Ora, Maria é o paradigma do serviço inerente ao ministério do sacerdote, ela foi a mulher obediente à sua missão e na sua convicção permaneceu fiel, a serva do Senhor.¹⁵⁸

Como pano de fundo podemos efetuar uma ligação entre o sacerdote presbítero e Maria. Maria esteve nos inícios da Igreja e participou deste único sacerdócio de Cristo.¹⁵⁹ Assim como o sacerdócio ministerial tem o seu fundamento na relação com Cristo, assim o fundamento da vida do sacerdócio comum dos fiéis também é Cristo. Maria mostra isso muito bem na relação com Jesus, na sua entrega e comunhão. Não queremos dizer que Maria pertença à casta do povo sacerdotal, porque ela não pertenceu nem pertence ao sacerdócio

¹⁵⁶ Gabriel Richi Alberti, «Significado do Concílio Vaticano II para a renovação sacerdotal da nossa época», em *Para uma teologia fundamental do sacerdócio – Atas do Simpósio promovido pelo Centre de Recherche et d'Anthropologie des Vocations*, Cidade do Vaticano, Sala Paulo VI, 17-19 de fevereiro de 2022, ed. Cardeal Marc Ouellet, vol. 1 (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 83.

¹⁵⁷ Cf. Alberti, «Significado do Concílio Vaticano II para a renovação sacerdotal da nossa época», 94.

¹⁵⁸ Cf. Alberti, «Significado do Concílio Vaticano II para a renovação sacerdotal da nossa época», 95.

¹⁵⁹ Sobre este tema existe muito a explorar e esclarecer, mas não o vamos fazer aqui. O que se entende, de facto, à primeira vista é a união que deve haver entre todos. É preciso perceber o que se entende como sacerdócio de Cristo. Para um melhor esclarecimento sobre o tema do sacerdócio de Cristo, sacerdócio comum dos fiéis e sacerdócio ministerial, achamos que, na atualidade, esta obra é a que explica melhor o seu sentido: George Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 102-48.

hierárquico, a sua função é outra.¹⁶⁰ No entanto, os teólogos e os mariólogos, nesta perspetiva, olham para «Maria como figura prototípica da Igreja ministerial e carismática, na medida em que nela coincidem serviço e carisma, ministério e santidade».¹⁶¹ No entanto, não queremos neste trabalho explorar o tema Maria – Igreja, mas, sacerdote e Maria, embora se saiba que onde está o sacerdote e Maria está a Igreja.

Mas, afinal, onde temos uma ligação entre o sacerdote e Maria neste contexto? O sacerdote oferece-se a si mesmo por causa do Reino de Deus, portanto, como diz Francesco Franzini: «Todo o cristão que se oferece a si mesmo ou ao seu próprio corpo, no sentido da existência, a Deus, encontra em Maria o modelo, o tipo».¹⁶² Maria é perfeita na oração, na ação de graças, na entrega de si mesma. No amor, na fé, Maria revela ao sacerdócio ministerial como Jesus deve ser dado na Igreja e para a Igreja. Nesta forma tipológica de Maria no seio do povo sacerdotal encontramos um fundamento essencial para uma verdadeira espiritualidade dos sacerdotes.¹⁶³ E quem vai fundamentar esta ligação é o Papa Paulo VI, numa das suas audiências onde explica a razão pela qual os papas são tão devotos de Maria.¹⁶⁴ A sua pergunta é esta: Que relações e distinções existem entre a maternidade de Maria, universalizada pela dignidade e caridade da posição que lhe foi atribuída por Deus no plano da Redenção, e o sacerdócio apostólico, constituído pelo Senhor para ser um instrumento de comunicação salvífica entre Deus e os homens? Ambos são portadores da comunicação salvífica entre Deus e os homens. Só que em graus diferentes, uma pela Encarnação e outro pelas ordens sacras.

Depois desta breve passagem, iremos agora fazer uma síntese sobre a doutrina mariana do capítulo VIII. Os primeiros números explicam o objetivo do capítulo: pretende esclarecer o papel de Maria no mistério do Verbo e do Corpo místico e apresentar os deveres que cada um de nós tem para com ela (cf. LG 54). É apresentada uma síntese sobre a Virgem na economia da salvação, o que dela aparece no AT e NT. Sobre o AT, Maria é apresentada como a nova Eva, com ela se inaugura a nova salvação de Deus para com o Seu povo, a partir do seu consentimento, torna-se portadora da nova luz da humanidade, a vencedora da antiga serpente. No NT é onde se encontra mais a figura da Mãe de Jesus, na Anunciação, na infância de Jesus, na vida pública, na paixão de Jesus Cristo e depois da Ascensão. O que podemos deduzir rapidamente é que Maria coopera, pela sua obediência e fé, com o seu Filho na obra salvífica engendrada pela Trindade (cf. LG 56). Esta economia de salvação começa

¹⁶⁰ Cf. Rene Laurentin, «La Virgen Maria tras la publicación del texto conciliar», *Concilium*, n. 8 (1965): 163.

¹⁶¹ Francesco Franzini, «Sacerdotes», 1795.

¹⁶² Francesco Franzini, «Sacerdotes», 1796.

¹⁶³ Cf. Francesco Franzini, «Sacerdotes», 1796.

¹⁶⁴ Paulo VI, «Audiência geral», quarta-feira, 7 de outubro de 1964, acedido a 20 de junho de 2023, https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1964/documents/hf_p-vi_aud_19641007.html

desde a concepção até à morte de Jesus na cruz. Esta cooperação continua quando Maria apresenta o seu Filho e o dá a conhecer aos homens. Por fim, a sua presença no meio dos Apóstolos na constante e assídua oração e contínua abertura ao transcendente, dando início à Igreja na relação com o Espírito Santo (cf. LG 59). Portanto, como se vê, o Concílio propõe um discurso sobre Maria, incorporando-a em toda a história da salvação.

Continuando a nossa leitura, encontramos o tema da maternidade espiritual de Maria. Algo que já fomos abordando ao longo do nosso trabalho. Maria é nossa Mãe na ordem da graça, e coopera na obra da salvação protagonizada pela Santíssima Trindade. Com as virtudes teologais, Maria torna-se a mulher por excelência mais capaz de nos moldar o coração para que possamos acolher a salvação do seu Filho (cf. LG 61). Torna-se claro que Maria tem um papel importante na vida de cada um de nós, como Mãe da graça, pois, com o seu consentimento abriu-nos as portas da vida eterna. Ao longo dos séculos tivemos muitas testemunhas de como Maria foi e vai atuando na vida de cada um.¹⁶⁵ Portanto, com verdade dizemos: Maria acompanha-nos nos dias de hoje e é possível sentir a sua presença e ação, pois ela continua a interceder por nós como advogada, auxiliadora, medianeira (cf. LG 62). Por isso, podemos dizer, «Cristo, sacerdote e bom pastor, associou e continua a associar a Maria, Sua Mãe, à sua obra redentora».¹⁶⁶

Outro tema muito importante sobre Maria, tem a ver com a imitação das virtudes e, nesta Constituição, é bem claro a sua mensagem: é pedido a todos que imitem esta Mãe (cf. LG 65). Todos nós precisamos da ajuda do alto para progredirmos nos caminhos da santidade. Maria, a mulher predileta, a escolhida do Altíssimo, foi adornada com as virtudes mais sublimes que um ser humano pode albergar, de facto, fazem dela o grande modelo para todos os eleitos de Deus. Tudo isto só foi possível pela graça da Encarnação, embora escolhida antes de todos os tempos, ela é portadora de todas as graças, Maria é a realização mais perfeita do que o cristianismo deve realizar na sua existência.¹⁶⁷

Em suma, é preciso deixar bem claro que o Concílio queria excluir todo o tipo de exageros referentes a Maria, por isso, um capítulo à parte é inserido num documento sobre a Igreja. Maria para a Igreja é o modelo ou seu tipo, nas virtudes a Igreja imita Maria, aprende dela. Ela está inserida no corpo da Igreja, é um membro no meio de muitos, não um membro à parte da Igreja. Ao recordar que todos fazemos parte deste Corpo, em que cada membro participa do sacerdócio único de Cristo, em que Maria faz parte, contribuindo para a obra da salvação, podemos com ela caminhar numa interioridade com Jesus. Jesus foi moldado por

¹⁶⁵ Cf. Francesco Franzini, «Sacerdotes», 1797.

¹⁶⁶ Juan Esquerda Bifet, «Sacerdotes», em *Nuevo Diccionario de Mariologia*, ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo, trad. Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo (Madrid: Ediciones Paulinas, 1988), 1800.

¹⁶⁷ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 337.

Maria no seu ventre, assim faz Maria com cada um dos filhos, irmãos de Jesus, modela-os à imagem do seu Filho e os transforma em verdadeiros filhos de Deus.¹⁶⁸

Jesus teve sentimentos e uma vida íntima com a sua Mãe. Portanto, se o sacerdote imita o Mestre, então deve imitar e viver os sentimentos de Jesus. Dizia assim Juan Bifet: «Os sentimentos ou a disponibilidade e a vida íntima de Cristo para com a sua Mãe Maria devem ser imitadas e vividas pelo ministro sacerdote».¹⁶⁹ Por fim, no número sessenta e sete da Constituição, encontramos o enquadramento cristológico e eclesiológico da mariologia, e termina com uma frase muito esclarecedora de como deve ser a nossa relação com Maria, «os fiéis lembrem-se de que a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa Mãe e a imitar as suas virtudes» (LG 67).

2.2. Presbyterorum Ordinis

Outro documento muito importante para a vida do sacerdote é o decreto *Presbyterorum Ordinis*, que aborda temas sobre o ministério e a vida dos sacerdotes. Neste documento encontramos muitos temas que foram sendo abordados pelos Papas anteriores ao Concílio. Neste decreto encontramos o necessário para entender as funções pastorais principais e a missão sacerdotal do ministro.¹⁷⁰ Aborda temas como a natureza do presbiterado, os presbíteros como ministros da palavra de Deus e dos sacramentos e tem uma índole maioritariamente pastoral. Apresenta as relações mais profundas que o sacerdote deve ter: relação dos presbíteros com os bispos, a valorização da união fraterna entre sacerdotes e explica como deverão ser as relações entre os presbíteros e os leigos. Aborda, também, a temática da santidade dos presbíteros, reafirmando a santidade própria do sacerdote partindo do seu ministério.¹⁷¹ A sua vocação é chegar à perfeição, à união com Cristo, anunciando a Sua Palavra, imitando o Mestre, sacrificando-se diariamente pelo povo, administra fielmente os sacramentos e oferece a salvação.¹⁷² Seguidamente, noutro número apresenta algumas exigências espirituais para a vida dos presbíteros. É exigida a humildade e obediência, viver o celibato por amor ao Reino dos Céus, procurar uma vida simples, dando mais valor ao que dura para sempre.

¹⁶⁸ Cf. Luís Maria Grignion de Montfort, *O segredo de Maria – sobre a escravidão da Santa Virgem* (Petrópolis: Editora Vozes, 2018), 15.

¹⁶⁹ Juan Esquerda Bifet, «Sacerdotes», 1800.

¹⁷⁰ Cf. Gamarra, *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, 55.

¹⁷¹ Cf. Gamarra, *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, 244.

¹⁷² Cf. Bur, *A espiritualidade sacerdotal*, 87.

Depois desta breve síntese, verificamos muitos temas que são pedidos à vida do sacerdote, que se associam perfeitamente com a vida de Maria. Se o nosso trabalho é responder à pergunta, se o sacerdote tem uma espiritualidade mariana, podemos começar por ver claramente que aquilo que é proposto ao sacerdote é vivido por Maria, o sacerdote pode muito bem ter uma relação especial com Maria. Na verdade, o sacerdote ministro ordenado realiza os sinais principais do sacerdócio de Cristo na Igreja: com a sua palavra temos o magistério, no sacrifício temos a Eucaristia, na sua ação salvífica temos os sacramentos e com a pastoral encontramos o presidir e o guiar a comunidade. São estes os sinais e ministérios que brotam do sacerdócio de Cristo; o ministro sacerdote realiza-os em nome de Cristo.¹⁷³

Faz parte da espiritualidade presbiteral ser ministro da Palavra de Deus, proclamando-a e pondo-a em prática, porque o «primeiro ministério como representante de Cristo, Palavra de Deus encarnada, é o da Palavra de Deus».¹⁷⁴ O ministério da Eucaristia e dos outros sacramentos é importante para a espiritualidade do sacerdote. Como já fomos dizendo noutra lugar, de facto, a Eucaristia é o sacramento por excelência, nela encontramos o motor do compromisso cristão para um mundo novo.¹⁷⁵ Ao receber os dons oferecidos na Eucaristia, o sacerdote alimenta a sua fé, esperança e caridade; ao oferecer esses dons, abre as portas da salvação ao mundo. Com a sua entrega diária e pondo a mensagem do Evangelho em primeiro lugar, revela com a sua vida a presença de Cristo e na caridade distribui o amor de Deus pela humanidade. Pois, o sacerdote não é um mero funcionário, ele tem a responsabilidade de se comprometer com o que prega e com o que apresenta.¹⁷⁶ Tem o dever de apresentar Cristo a todos sem exceção, suscitando a fé no coração dos que livremente se aproximam e querem ouvir a Sua Palavra.¹⁷⁷ No resto dos sacramentos a finalidade também é idêntica à da Eucaristia, além disso, todos os sacramentos estão unidos com a Eucaristia e a ela se ordenam (cf. PO 5), o ministro sagrado oferece a salvação dada por Cristo. Por fim, a presidência e a condução da comunidade também fazem parte da sua vida espiritual, pois existe uma espiritualidade presbiteral, é toda ela uma espiritualidade pastoral, é uma espiritualidade específica de todos os sacerdotes.¹⁷⁸

Depois desta reflexão retirada do decreto, rematamos a nossa reflexão, olhando para Maria, a mulher que é o modelo, o arquétipo para o homem de hoje. Ela escutou a Palavra, as pregações do seu Filho e colocou-a diligentemente em prática.¹⁷⁹ Tendo recebido a boa

¹⁷³ Cf. Juan Esquerda Bifet, «Sacerdotes», 1801.

¹⁷⁴ Bur, *A espiritualidade sacerdotal*, 88.

¹⁷⁵ Cf. Bur, *A espiritualidade sacerdotal*, 127.

¹⁷⁶ Cf. Bur, *A espiritualidade sacerdotal*, 130.

¹⁷⁷ Cf. Pérez, «Como el Padre me envió, así os envío yo» – Teología y espiritualidad del ministerio apostólico presbiteral, 199.

¹⁷⁸ Cf. Bur, *A espiritualidade sacerdotal*, 26.

¹⁷⁹ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 361.

notícia de que ia dar à luz um filho que viria a ser o salvador do mundo, apressadamente, com toda a caridade, foi ter com sua prima, anunciando-lhe a verdade que tinha dentro de si, mas, também, como humana que era, foi para confirmar aquilo que tinha ouvido do Anjo. Neste encontro entre Maria e Isabel, encontramos um modelo para as relações pastorais,¹⁸⁰ podemos falar da caridade pastoral partindo deste encontro e, também, do louvor que se deve ter para com esta Mãe, como fez Isabel.¹⁸¹ Sobre este tema, também é possível abordar a temática das relações entre os sacerdotes (cf. PO 7-9), neste dom da partilha, que mais à frente abordaremos.

Por fim, temos Maria a mulher que ao longo da sua vida terrena participou no sacrifício do seu Filho, no seu amor pela humanidade, sempre atenta às necessidades do próximo e entregou-se a si mesma à vontade de Deus, isto é, como afirma o Cardeal Martini: «...o sacrifício por excelência».¹⁸² Se Maria participou neste sacrifício, então, também está em íntima relação com a Eucaristia, porque, «Toda a nossa vida, como sacrifício cristão, está, portanto, em relação com a Eucaristia, que por sua vez está em relação com a cruz, o sacrifício perfeito...».¹⁸³

Para concluir esta reflexão sobre o decreto, não podemos deixar de parte o que é dito no número dezoito, onde temos a única referência direta sobre Maria. Aqui podemos encontrar uma característica da espiritualidade sacerdotal: uma atitude mariana do sacerdote. O contexto onde aparece é precisamente sobre os auxílios a promover na vida espiritual do sacerdote. Maria é apresentada como um exemplo a seguir. Foi uma mulher que se deixou guiar pelo Espírito, num esforço pessoal configurou-se com Cristo sendo dócil ao Espírito. Maria entregou-se totalmente ao mistério da redenção dos homens. Por estes motivos, é pedido ao sacerdote que ame, venere com devoção e culto filial a Virgem Maria, «como Mãe do sumo e eterno Sacerdote, como rainha dos Apóstolos e auxílio do seu ministério» (PO 18).

3. A ESPIRITUALIDADE MARIANA DO SACERDOTE NO PÓS-CONCÍLIO

No pós-Concílio temos duas personagens que se destacam, os papas São Paulo VI e São João Paulo II. Ambas tiveram intervenções importantes ao longo dos seus pontificados. Decidimos abordar as duas figuras porque foram os que mais diretamente estiveram implicados no colocar em prática os princípios conciliares sobre esta problemática, os papas posteriores tiveram mais numa linha de novas sistematizações de princípios vividos. O Papa

¹⁸⁰ Cf. Carlo Maria Martini, *El Evangelio de María* (Santander: Editorial Sal Terrae, 2009), 44.

¹⁸¹ Cf. Fiore, *María Madre de Jesús – Síntesis histórico-salvífico*, 348.

¹⁸² Martini, *El Evangelio de María*, 24.

¹⁸³ Martini, *El Evangelio de María*, 24.

Paulo VI, logo depois do Concílio, quando se assistia ao começo de uma crise sacerdotal, devida a uma má interpretação sobre o sacerdócio comum dos fiéis,¹⁸⁴ escreveu a Encíclica *Sacerdotalis Caelibatus* que tem uma marca bastante apologética sobre o celibato sacerdotal. Nesta Carta, Maria é apresentada como protetora do celibato sacerdotal, assim se afirmando: «...caríssimos sacerdotes [...], convidamo-vos a voltar confiadamente os olhos e o coração para a dulcíssima Mãe da Igreja, invocando, com renovada e filial confiança, a sua materna e poderosa intercessão em favor do sacerdócio católico» (SC 98).

Referente à pastoral, temos a Exortação *Evangelii Nuntiandi*. Neste documento encontramos novas aberturas pastorais, aprofundando as atitudes interiores de um evangelizador.¹⁸⁵ Outros documentos importantes para o nosso tema de estudo são as Exortações Apostólicas *Marialis Cultus* e *Signum Magnum*.

No que se refere ao magistério de São João Paulo II, quase todo ele mariano,¹⁸⁶ encontramos um legado vastíssimo, onde são tratados vários temas e muitos deles abordam o tema de Maria na vida do sacerdote. O Papa polaco, nas suas inúmeras cartas de Quinta-feira Santa e numerosas alocações sacerdotais, apresenta uma espiritualidade sacerdotal que se exprime na alegria de ser padre, no seguimento generoso de Cristo Bom Pastor, na fraternidade sacerdotal e na disponibilidade missionária local e universal. Em todo o seu longo pontificado encontrou, nas suas diversas viagens apostólicas e por muitas igrejas locais por onde passou, uma forte mediação de Maria como Mãe do povo de Deus, isto foi despertando nele um maior amor por Maria.¹⁸⁷ Portanto, vamos cingir-nos a duas Exortações Apostólicas e uma Carta Encíclica. São elas a *Pastores Dabo Vobis*, *Pastores Gregis* e a *Redemptoris Mater*.

3.1. O legado de Papa Paulo VI

Neste apartado iremos abordar alguns dos escritos de Giovanni Montini, e deles extrair o que achamos pertinente para o nosso estudo. Começamos com a Exortação *Marialis Cultus*, onde Maria é apresentada como exemplo a seguir, e, consoante as exigências do nosso tempo, encontramos neste documento as atitudes fundamentais a ter para uma veneração existencial de Maria.¹⁸⁸ Podemos afirmar que temos nesta Exortação uma atualização da doutrina do

¹⁸⁴ Cf. Greshake, *Ser sacerdote hoy*, 41.

¹⁸⁵ Cf. Gamarra, *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, 56.

¹⁸⁶ Cf. Domenico Bertetto, «Magisterio», em *Nuevo Diccionario de Mariologia*, ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo, trad. Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo (Madrid: Ediciones Paulinas, 1988), 1219-20.

¹⁸⁷ Cf. Domenico Bertetto, «Magisterio», 1220.

¹⁸⁸ Cf. Balthasar et al., *O culto a Maria hoje*, 47.

Vaticano II sobre a Virgem. Paulo VI quis com ela revitalizar a devoção filial com Maria.¹⁸⁹ O Pontífice apresenta Maria como mestra da vida espiritual e modelo a seguir, quatro são as características a retirar deste modelo, a Virgem que sabe ouvir (cf. MC 17); a Virgem dada à oração e à Igreja (cf. MC 18); a Virgem-Mãe (cf. MC 19); a Virgem oferente (cf. MC 20). Maria é dada como exemplo, e neste exemplo estão incorporadas todas as suas virtudes, a Virgem é olhada como alguém exemplar para uma vida espiritual (cf. MC 16).

Daqui podemos retirar elementos importantes para a vida espiritual do sacerdote. Primeiro é preciso saber ouvir/escutar. O presbítero deve ser um ouvinte nato da Palavra de Deus, escutá-la com fé, acolhê-la e proclamá-la. O sacerdote para ser um servidor e um ministro da Palavra precisa primeiro de ser movido e sustentado pela mesma, assim dizia Ángel Cordovilla: «Em vez de sermos portadores da Palavra, somos dedicados e consagrados a ela. Porque só se a nossa vida for movida e sustentada por esta Palavra, é que nos podemos tornar seus servos e ministros».¹⁹⁰ Daí a prioridade da escuta da Palavra.

O maior exemplo deste encargo é Maria, a mulher que soube através da Palavra ler os sinais dos tempos, interpretando e vivendo os acontecimentos da história. Ao sacerdote é exigido o mesmo, à luz da Palavra, deve aprofundar o que é mais necessário para os tempos de hoje. O Ministro consagrado oferece a sua vida a Deus, responde à sua Palavra e escuta os ensinamentos da Igreja; por isso, entrega-se totalmente à vontade de Deus e deve dizer como Maria: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra!» (Lc 1, 38). Portanto, o sacerdote sabendo escutar a Palavra e respondendo a ela, com o seu sim diário, e pondo os olhos em Maria, encontra um meio para a sua santificação própria, dizia São Paulo VI: «E o «sim» de Maria é para todos os cristãos lição e exemplo, para fazerem da obediência à vontade do Pai o caminho e o meio da própria santificação» (MC 21).

Outro elemento importante para a espiritualidade sacerdotal é a vida de oração. O texto bíblico para entender a necessidade de orar sem cessar é a carta aos Tessalonicenses que diz precisamente, «Orai sem cessar. [...] Esta é, de facto, a vontade de Deus a vosso respeito em Jesus Cristo. Não apagueis o Espírito» (1 Ts 5, 17-19). Esta última frase é relevante. Como se deixa apagar o Espírito? Uma das razões é quando se deixa a oração. O sacerdote precisa de oração, de ser perseverante como os Apóstolos que rezavam juntamente com Maria. Mas, como viver uma vida de oração sem cessar? Além dos métodos tradicionais de ter o nome de Jesus sempre nos nossos lábios, rezar pai-nossos e ave-marias, somos, pois, da mesma opinião de Ángel Cordovilla quando diz que orar sem cessar é simplesmente «fazer de toda a vossa

¹⁸⁹ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 351.

¹⁹⁰ Cf. Pérez, «*Como el Padre me envió, así os envió yo*» – Teología y espiritualidad del ministerio apostólico presbiteral, 216-7.

vida uma oração ao Pai».¹⁹¹ Ao olhar para Maria, vemos que ela foi a mulher da oração por excelência. Com esta característica, verificamos algo importante, Maria não deixa de nos acompanhar e continua a interceder por nós, não foi só na sua vida terrena que foi dinâmica na oração, mas continua no tempo da história de cada um, neste caso de cada sacerdote, a orar ao filho pela nossa salvação (cf. MC 18).

Outra característica de Maria é ser Virgem-Mãe. Sobre isto, já fomos apresentando muitos argumentos ao longo do nosso trabalho: Maria é de facto nossa Mãe, por participação na obra salvífica de seu Filho. Mas, acrescentamos, por ser nossa Mãe ela torna-se o nosso centro, pois não há filho que não tenha a mãe como centro da sua vida, toda a mãe está sempre no centro da vida de um filho, sobretudo quando precisa urgentemente da sua presença e da sua ajuda materna. Maria está na origem de todos os dons que nos chegam de Deus, na origem das nossas escolhas por Deus. Na origem de todos os dons por ser Mãe do Verbo Encarnado e ter acolhido em si toda a plenitude. Na origem das nossas escolhas, por causa do seu sim de acolhimento do Verbo, fonte de toda a graça, foi e continua a ser o sim constitutivo de toda a escolha humana.¹⁹²

Maria, sendo Mãe, leva o sacerdote a encontrar um refúgio seguro, pois cada um sendo filho e tendo-a como centro, pode recorrer a ela pedindo-lhe ajuda, e ela socorre maternalmente os seus filhos; o Papa diz que «a Igreja prolonga no sacramento do Batismo a maternidade virginal de Maria» (MC 19). Portanto, se por vontade divina estamos enraizados em Maria, somos chamados a exprimir como ela e com ela a nossa resposta pessoal ao chamamento e ao dom de Deus. Jesus nasceu nas águas novas das entranhas de Maria, que veio gerar uma nova família, uma nova humanidade. Ora, conseqüentemente, através do batismo somos regenerados, revestidos pela força do alto e purificados das imundícies, de tal modo que, todo aquele que entrar nestas águas novas do batismo entra na nova família de Deus originada pela abertura de Maria ao divino. Cristo santificou as águas, confirmando o seu ministério no batismo do rio Jordão, Maria acolhe no seu ventre todos aqueles que se queiram regenerar nas águas batismais. Muitas interpretações existem em torno do nome de Maria, uma delas tem a ver com água, provavelmente temos aqui o significado deste seu acolhimento, dizia São Lorenzo de Brindis: «Parece, pois, que o nome da Virgem é tirado do mar e que, pela sua divina e imensa grandeza, deve ser interpretado como visão do mar, estrela ou luminária do mar, mar de perfume, mar de amargura ou mar amargo».¹⁹³ Com este pensamento, Maria relaciona-se perfeitamente com a Igreja, Mãe de todos os batizados. Maria

¹⁹¹ Pérez, «Como el Padre me envió, así os envió yo» – Teología y espiritualidad del ministerio apostólico presbiteral, 251.

¹⁹² Cf. M. Ermanno Toniolo, *Raggi di Luce - Per una vita vissuta con Maria nella Chiesa* (Roma: Centro di Cultura Mariana, 2013), 27-8.

¹⁹³ Brindis, *Marial – María de Nazaret «Virgen de la Plenitud»*, 185.

acolhe, a Igreja acolhe, Maria escuta, a Igreja escuta, Maria ama, a Igreja ama, Maria regenera, a Igreja regenera e por ter aderido total e livremente à vontade de Deus a Igreja propõe Maria como modelo de todos os cristãos.¹⁹⁴

Por fim, temos a Virgem oferente. O que tem ela a oferecer? Primeiro a sua vontade em participar no mistério do Filho para a salvação da humanidade. Depois, oferece-nos o Filho abrindo o coração à vontade divina. De seguida, oferece o Filho no templo. Com esta oferta Maria recebe a confirmação daquilo que ia acontecer a Jesus e a ela: sofrer para salvar. Maria quis participar nesta entrega pela humanidade, daí a sua presença na cruz junto do seu Filho, onde haveria de se cumprir a profecia de Simeão, uma espada haveria de trespassar-lhe a alma (cf. Lc 2, 35). A Virgem Santíssima coopera generosamente no sacrifício de Cristo e identifica a sua dor com a dor de Jesus na cruz. São estas duas cenas evangélicas que realizam de modo profundo a sua entrega num compromisso total ao serviço de Deus e dos homens.¹⁹⁵ Maria oferece a sua vida, para nos dar a vida. O sacerdote ao oferecer Cristo na Eucaristia está também ele a participar desta oferenda de ação de graças com Maria, pois foi precisamente isso que a Bem-Aventurada fez ao ir ao templo, dar muitas graças pelo dom recebido.¹⁹⁶

Outro documento a tratar é a Exortação Pastoral *Signum Magnum*. Deste pequeno escrito encontramos conteúdos muitos importantes que nos relacionam diretamente com o nosso tema de estudo. Começa logo por dizer na introdução que Maria é a Mãe da Igreja e, portanto, de todos os fiéis e sagrados pastores. E esta Mãe tem um coração maternal e compassivo. Duas verdades são apresentadas neste documento papal: 1) Maria como Mãe da Igreja; 2) A devota imitação das virtudes de Maria Santíssima. Muitos assuntos em torno destas verdades já foram sendo abordados e explorados anteriormente neste trabalho. Certamente haverá muitos mais objetos de estudo na Exortação Pastoral, mas vamos cingir-nos a alguns.

A Virgem Santíssima é apresentada como modelo de virtudes. Ela continua a nutrir cada um dos seus filhos, dando a cada alma o alimento espiritual necessário (cf. SM 1). Ela coopera na vida da graça suplicando por todos e inspirando cada um a viver na caridade (cf. SM 2). As suas virtudes tornam-se essenciais para olharmos para ela como exemplo a seguir (cf. SM 3). A sua relação com o Espírito Santo ensina a cada sacerdote a viver a vida espiritual, pois o que é a espiritualidade se não a vida segundo o Espírito? A vida segundo o Espírito é a vida dos cristãos realizada como uma permanente configuração com Jesus Cristo por ação do Espírito Santo. O que implica uma interiorização e um esforço pessoal

¹⁹⁴ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 363.

¹⁹⁵ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 351-2.

¹⁹⁶ Cf. Brindis, *Marial – María de Nazaret «Virgen de la Plenitud»*, 568.

voluntário.¹⁹⁷ Maria foi a mulher que mais perfeitamente viveu esta harmonia entre vida interior e esforço da natureza humana (cf. SM 4).

Outro exemplo a extrair é a sua disponibilidade para o serviço. O sacerdote deve estar inteiramente disponível para ajudar todos aqueles que querem livrar-se da escravidão do pecado, para isso devem procurar sempre o bem do próximo, sempre com uma entrega total para a sua salvação. Por todos estes motivos é que devemos tributar a Maria um culto de louvor, de reconhecimento e de amor (cf. SM 7). No terceiro capítulo do trabalho vamos abordar com mais pormenores o tema da disponibilidade.

Uma das mensagens mais importantes sobre a devoção mariana do sacerdote é a mensagem sobre a imitação das suas virtudes. Pois as virtudes são comportamentos espirituais que o sacerdote deve adquirir. O ministro sacerdote deve imitar as virtudes de Cristo, mas imitando Maria, o caminho é mais fácil, pois, na verdade, «havendo Ela cumprido sempre a vontade de Deus, mereceu em primeiro lugar o elogio que Jesus Cristo dirige aos discípulos: “Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe”» (SM 8).

Sabemos que Cristo é verdadeiramente Divino e Humano, n’Ele está contido toda a perfeição, e é o homem verdadeiramente cheio de virtudes a imitar, n’Ele está toda plenitude humana. Contudo, Maria foi entre as criaturas humanas a mais brilhante e mais perto de nós naquela perfeita obediência com a qual nos conformamos amorosa e prontamente aos desejos do Pai eterno (cf. SM 9). Por isso se pode dizer que, podemos ir a Maria para chegar a Cristo, quem vai a Maria vai a Cristo, quem se aproxima de Maria aproxima-se de Cristo. Com ela recebemos todas as graças necessárias para ir ao Filho, assim foi da vontade de Deus Pai que, «nada se nos distribui senão por meio de Maria, porque assim [...] o quer; de modo que, como ninguém pode chegar ao sumo Pai senão pelo Filho, assim ninguém pode chegar a Cristo senão pela Mãe» (DZ 3274).

Em suma, muito mais se tinha a explorar no que diz respeito ao legado de Papa Paulo VI, mas concluímos em forma de síntese dos seus escritos, dizendo as palavras que ele deixou na Carta Apostólica *Sabaudiae Gemma*, com ocasião do IV centenário do nascimento de São Francisco de Sales, datada a 29 de janeiro de 1967, onde esclarece que a Igreja precisa de sacerdotes santos, que irradiem ao mundo a luz de Cristo. Para que esta luz seja completa o sacerdote necessita de contemplar a Virgem Santíssima, «pois ela, além de outros benefícios singulares, é o modelo do nosso amor a Deus, a Cristo e à Igreja; Ela, que é a mais doce de

¹⁹⁷ Cf. Carlos Cabecinhas, «A figura de Maria na Espiritualidade Católica», em *A Virgem Maria na liturgia da Igreja*, ed. Documentos da Igreja e Estudos (Fátima: SNL, 2017), 243.

todas, a Mãe da graça, exemplo de toda virtude, apresenta muito claramente o ideal da perfeição evangélica».

3.2. Maria e o sacerdote em João Paulo II

Fixamo-nos agora na figura de Karol Wojtyła e olhamos para alguns dos seus escritos que nos apresentam Maria na vida do sacerdote. Certamente haveria muito a dizer sobre este tema em João Paulo II, mas vamos compendiar este assunto cingindo-nos a três escritos como já foi dito.

Como é sabido, o homem, a partir do momento que se reconhece habitado por Deus, quando abre o seu coração ao Deus de amor, e, na sua liberdade, quer participar no projeto de Deus na sua vida, começa um caminho de resposta a este chamamento. A vocação sacerdotal começa precisamente assim. Deus vem ao encontro do homem, chama cada um a segui-lo e espera pela sua resposta. Jesus convida a todos a segui-Lo nos caminhos do Reino, para descobrirmos na nossa vida a presença amorosa e misericordiosa do Pai. No que se refere ao chamamento de Deus que, é um dom da graça divina e jamais um direito do homem, o sacerdote também é convidado a responder todos os dias à sua vocação, pois a existência sacerdotal não teria qualquer sentido se não fosse um chamamento de Deus.¹⁹⁸

De uma maneira especial e com toda a liberdade ele faz da sua vida uma contínua ação de graças, todos os dias dá um sim generoso ao amor de Deus. A sua vida deve estar em íntima comunhão com Cristo, porque, a partir do momento em que se apercebe que a sua vocação é de origem divina, não pode fazer outra coisa do que entregar-se totalmente e confiar nas possibilidades de Deus. Portanto, «qualquer decisão relativa a toda a nossa vida é um ato de fé e de confiança».¹⁹⁹ Ora, assim foi a vida de Maria que acreditou, confiou e se entregou totalmente à vontade de Deus e além disso, «em íntima comunhão com Cristo [...], foi a criatura que, mais do que qualquer outra, viveu a plena verdade da vocação, porque ninguém como ela respondeu com um amor tão grande ao amor imenso de Deus» (PDV 36).

Na Exortação Apostólica *Pastores dado Vobis*, além dos riquíssimos conteúdos que tem para a vida do presbítero, o Papa João Paulo II relaciona a vocação do sacerdote com a vocação de Maria. Ele apresenta Maria como a Mãe e educadora do sacerdote (cf. PDV 82). Relaciona os elementos essenciais da vocação do presbítero com os de Maria, por exemplo, a Palavra de Deus. Maria foi a discípula e a serva por excelência da Palavra de Deus, ela deu o corpo do seu Filho a toda a humanidade.

¹⁹⁸ Cf. Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 150.

¹⁹⁹ Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 150.

Jesus, na sua vida, foi obediente a esta Mãe, foi-lhe dócil e submisso. Ora, se o ministro de Cristo tem uma vocação particular de seguir e imitar o Mestre, é porque, «o sacerdote faz de Cristo a medida do seu ministério e da sua vida»²⁰⁰ e «participa do ser, da função e da vida íntima de Cristo»,²⁰¹ então, deve olhar para a obediência e submissão de Jesus a Maria e aprender d'Ele a viver na intimidade com esta Mãe. Se assim for, o sacerdote une os seus sentimentos aos de Maria e vive uma espiritualidade mariana, o mesmo aconteceu com Jesus, no dizer Juan Bifet: «Os sentimentos sacerdotais de Cristo têm também um aspeto mariano, porque ele quis unir os seus sentimentos aos de Maria, associada a ele como sua Mãe».²⁰² Portanto, o Papa afirma confiadamente que «a Virgem Santíssima continua a estar atenta ao desenvolvimento das vocações e da vida sacerdotal na Igreja» (PDV 82). E convida cada um a crescer numa terna e sólida devoção a Maria, vivendo intimamente e filialmente numa relação frutuosa, dando testemunho e dela imitando as suas virtudes, com oração frequente (cf. PDV 82).

Na Carta Encíclica *Redemptoris Mater* encontramos aspetos doutrinários muito importantes sobre Maria. Tem um caráter profundamente mariano, podemos dizer que é uma síntese da matéria oferecida nos documentos conciliares, pois trata da *Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está em caminho*. Como era um homem bastante culto, não ficou só pelos documentos conciliares, as suas reflexões derivam da Bíblia, com pensamentos dos Padres da Igreja e, também, de alguns escritores do passado.²⁰³ Muitos temas abordados nesta Carta já foram sendo mencionados ao longo desta tese. Então que novidades podemos encontrar ou que aspetos podemos extrair ligados à vida do sacerdote? É o que procuramos indagar com esta abordagem.

Maria, como mulher crente por excelência, faz parte do primeiro capítulo da obra. Nesta parte da Carta, o Papa explora todas as passagens bíblicas referentes a Maria e desenvolve o seu pensamento. Esta abordagem bíblica já foi, antes, por nós trabalhada. Maria a mulher peregrina na Igreja, constitui a segunda parte da Carta. Sabemos que a Virgem começou nova peregrinação no Pentecostes. No início da Igreja primitiva com os Apóstolos estava a Mãe de Jesus, ela era uma referência para os primeiros crentes, porque «esta Igreja olhava para Maria através de Jesus, e vice-versa».²⁰⁴ Portanto, nesta parte existe um cunho muito eclesial e ecuménico, com temas que já foram abordados. Maria é a modelo do crente e do peregrino.

²⁰⁰ Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 145.

²⁰¹ Juan Esquerda Bifet, «Sacerdotes», 1801.

²⁰² Juan Esquerda Bifet, «Sacerdotes», 1801.

²⁰³ Cf. Eliseo Tourón del Pie, «Redemptoris Mater», em *Nuevo Diccionario de Mariologia*, ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo, trad. Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo (Madrid: Ediciones Paulinas, 1988), 1684.

²⁰⁴ Eliseo Tourón del Pie, «Redemptoris Mater», 1687.

Por isso, olhando para este modelo, o sacerdote vive a sua vocação, alimentando constantemente a sua fé, e em sintonia com o Espírito Santo peregrina na terra, sendo sinal e luz para se revelar às nações. Isto transporta-nos ao tema abordado na terceira parte da Carta, Maria na vida da Igreja e de cada Cristão, ou seja, a sua *mediação materna*.

Recebendo a mensagem de Cristo de acolher a Sua Mãe, o sacerdote é introduzido na história da salvação pensada por Deus para o seu povo. Torna-se um dom especial receber Maria no interior, na nossa vida, dizia assim o Papa: «a maternidade de Maria que se torna herança do homem é um dom: um dom que o próprio Cristo faz a cada homem pessoalmente» (RM 45). O Papa neste lugar da Carta indica a dimensão mariana do discípulo sacerdote.

O termo entrega utilizado pelo Papa, é como essencial para entender este pensamento. A entrega é a resposta ao amor dum pessoa e, em particular, ao amor de Mãe (cf. RM 45). Quem se entrega à fidelidade, ao amor pelo Reino une-se a Maria para juntos caminharem. Ora, ninguém se salva sozinho e a Virgem conhece bem as nossas fragilidades e dificuldades; por isso, está disposta a ajudar cada um, pois como Mãe quer encaminhar os seus filhos para juntos entrarem pela porta da salvação, para que sejam dignos de ser chamados filhos de Deus. Walter Kasper confirma este pensamento dizendo: «Maria conhece a pobreza da criatura, mas ao mesmo tempo representa também a sua dignidade. [...]. Deus quer a cooperação da pessoa, não a salva sem a sua participação».²⁰⁵

Nossa Senhora, a Mãe da Misericórdia, sabe o que é o sacrifício, sabe o que é sofrer por amor, pois participou no sacrifício de Jesus na cruz, por isso, sabe o que é o amor misericordioso do Pai pela humanidade; João Paulo II dizia: «Maria, portanto, é aquela que conhece mais profundamente o mistério da misericórdia divina. Conhece o seu preço e sabe quanto é elevado» (Carta Encíclica *Dives in Misericordia*, nº 9). Maria participa nessa Revelação do amor do Pai, por isso está disposta a amar a Igreja e a humanidade.

Esta parte da Carta confirma o que já dissemos no primeiro capítulo deste trabalho: que a dimensão mariana do discípulo se consolida aquando das palavras de Jesus no alto da cruz e quando o discípulo a acolhe entre os seus bens. O sacerdote recebe Maria como sua Mãe e acolhe-a no seu coração. Na ordem da graça existe analogia com o que acontece na ordem da natureza. Maria entrega-se por todos e o discípulo entrega-se à Mãe do seu Mestre. Este é um aspeto novo de João Paulo II, confirmado pelo professor Eliseo Tourón del Pie que diz o seguinte: «A partir das relações pessoais e personalizadas da Mãe com cada filho, desde a conceção até à educação e maturação, [...], o Papa faz uma analogia que pode ser transposta para as relações maternas de Maria na ordem da graça com todos e cada um dos cristãos».²⁰⁶

²⁰⁵ Walter Kasper, *María signo de esperanza* (Maliaño – Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2020), 59.

²⁰⁶ Eliseo Tourón del Pie, «Redemptoris Mater», 1689.

Olhando para a Exortação Apostólica *Pastores Gregis* destinada aos bispos, encontramos várias alocações relacionadas diretamente com a vida do sacerdote e Maria. Maria é a Mulher da esperança, pois ela acreditou no cumprimento das palavras do Senhor (cf. PG 3). Ora, é preciso imitá-la, o sacerdote sem a Palavra não é nada, dizia Enzo Bianchi: «Sem a palavra de Deus não sois nada na Igreja, sem a palavra de Deus não tendes nada a dizer à Igreja, sem a palavra de Deus todos os vossos esforços são em vão».²⁰⁷ E nós acrescentamos, sem a palavra de Deus não tendes esperança nos vossos corações.

Nesta Exortação, a Mãe da esperança é também mestra da vida espiritual e o Papa insiste para que cada um tenha uma particular devoção filial a Maria, olhando a todas as partes bíblicas onde ela teve a sua ação e confiar nas palavras do Mestre. Aprender com a Mãe de Jesus a escutar é uma forma necessária e demasiado importante para os dias de hoje, e com ela caminhar nas virtudes teologais (cf. PG 14).

A Mãe do Céu caminha com todos os cristãos, não se esquece de nenhum, pois qual a mãe que se esquece do seu filho? Por mais que ele seja rebelde como pode esquecer os filhos que são alimentados na mesa do seu Filho, os que são batizados nas águas do batismo que renovam a sua vida e, também, pelos que se deixam tocar pela graça santificante e purificadora do Filho através do Espírito. Como poderá ela esquecer ou passar ao lado das fragilidades de tantos sacerdotes que passam dificuldades no seu ministério? Maria, a peregrina, continua a caminhar com cada um de nós e a dar-nos luz necessária para caminhar pela noite escura da fé (cf. PG 36). Ela ajuda cada um no exercício do seu ministério, dando-lhe a força necessária para não desanimar. Com Maria ninguém se sente só, com ela ninguém cai no desânimo ou na tristeza, ela está sempre disposta a dar o conforto e a companhia necessária no momento certo e na hora certa; esta é a comunhão pedida pelos papas, que cada um deve ter com a Virgem Santíssima (cf. PG 40). Walter Kasper testemunha estas palavras, dizendo no prólogo do seu livro: «Maria, a Mãe de Nosso Senhor, foi sempre para mim, ao longo de toda a minha vida, um sinal de esperança e de consolação e uma intercessora em todas as necessidades da vida e da Igreja».²⁰⁸

²⁰⁷ Enzo Bianchi, *A los presbíteros* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2012), 28.

²⁰⁸ Kasper, *María signo de esperanza*, 9.

CAPÍTULO 3: A ESPIRITUALIDADE MARIANA NO EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO PRESBITERAL

Ao iniciarmos o capítulo é necessário explicar qual vai ser a nossa perspectiva e, igualmente, fixar os seus limites. Que tipo de pastoral iremos abordar? Por onde começar e onde terminar? Estas são algumas perguntas que surgem na abordagem do tema. Podíamos destacar muitos elementos que estão associados ao tema da pastoral sacerdotal e depois comparar ou extrair os aspetos que mais se relacionam com Maria. Mas poderíamos, também, seguir uma pastoral mariana olhando para aspetos da sua vida e ligá-los com a vida do presbítero. No geral, ambas têm a sua origem na vontade e graça de Deus. Não pretendemos apresentar um tratado de pastoral. O objetivo será, pois, fazer uma ligação entre ambas.

Dois temas pastorais ligam-se perfeitamente entre Maria e o sacerdote: a evangelização (num testemunho que se aprende e que se ensina) e a caridade pastoral (numa entrega fraterna, alegre, humilde e orante da própria vida para salvação do povo). Não são estas as funções do ministro ordenado? Proclamar a Palavra e governar o povo de Deus na caridade? O presbítero representa simbólica e sacramentalmente o único Mediador, o único Sacerdote, o único Rei e Profeta Jesus Cristo e esta capacidade foi-lhe dada pela imposição das mãos na sua ordenação. Portanto, se o Mestre anunciava a Boa Nova e agia com caridade para com os seus, o sacerdote representando-o, deve imitá-lo, pois «é a ordenação, ou seja, a capacitação por Cristo, que confere a santidade necessária à ação sacerdotal».²⁰⁹

No início da ação pastoral está sempre a presença divina, a graça de Deus. A pastoral começa no mandato de Jesus «Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16, 15). Uma das principais tarefas do sacerdote é a evangelização, a pastoral é toda ela uma maneira de evangelizar.²¹⁰ Evangeliza-se não só com palavras, mas com as obras e o testemunho. O sacerdote deve estar capacitado a levar Cristo ao

²⁰⁹ Greshake, *Ser sacerdote hoy*, 355.

²¹⁰ Cf. Rafael Checa, *La pastoral de la espiritualidad cristiana* (Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2000), 49.

coração de cada homem e mulher de boa vontade, enchendo cada coração de esperança, fé e amor. Neste seguimento, o presbítero tem como forte interpelação as palavras de Maria: «O que Ele vos disser, fazei-o» (Jo 2, 5).

Na sua pregação deve infundir um espírito de conversão estimulando cada fiel a viver em fidelidade a Cristo. Deve, também, tentar sensibilizar cada crente a procurar assemelhar a sua vida a Jesus, a viver na graça, lutando diariamente contra o pecado e transformando a sua vida num templo vivo de Deus. A evangelização deve ser libertadora, não opressora e prosélita, deve procurar instruir e capacitar cada membro de Cristo a situar-se na sua grei e juntar-se a Maria nos seus gestos e atos. Maria evangeliza com toda a sua pessoa,²¹¹ assim deve ser cada batizado. O sacerdote deve ser capaz de incentivar cada um a viver uma vida de testemunho do amor trinitário e eclesial e procurar levar cada pessoa à comunhão recíproca, à fraternidade interpessoal. De facto, «todos os padres ordenados devem ter a preocupação pastoral de animar, guiar, educar, reunir o povo de Deus, seja qual for a sua missão».²¹²

Estes são os elementos de ação normais na vida pastoral do sacerdote. E os elementos internos? Que importância tem para a vida espiritual do sacerdote uma vida pastoral em ação? Uma pastoral de serviço ao próximo, não deixa de lado a vida de santidade do presbítero, pelo contrário, «os presbíteros atingirão a santidade pelo próprio exercício do seu ministério...» (PO 13). O serviço pastoral é meio e caminho para a santificação pessoal do presbítero. Sabendo isto, o ministro tem o dever de responder ao amor do Bom Pastor com amor pastoral entregando-se aos outros num serviço incondicional pelo Reino de Deus. A caridade pastoral é o núcleo da teologia sacerdotal. Como afirma o professor Carlos Azevedo: «A caridade pastoral é a síntese de toda a espiritualidade ministerial».²¹³

Portanto, podemos explorar estes dois temas e transformá-los em conteúdo importante para a nossa reflexão: a evangelização e a caridade pastoral. Em ambas podemos encontrar Maria. Ela é a «Estrela da Nova Evangelização» (EG 286), a Mãe e modelo do sacerdote ao serviço da nova evangelização. Só com Maria podemos compreender o espírito da nova evangelização, porque transportou em si própria o Evangelho vivo, a arca da Nova Aliança. No Pentecostes, Maria estava reunida com os discípulos; encontramos aqui uma relação entre Maria e o Espírito Santo, que vai impulsionar uma forte explosão missionária, por isso ela é a Mãe da Igreja evangelizadora (cf. EG 284). A Virgem acolheu o Evangelho, transportou o Evangelho e levou o Evangelho. A sua missão é, e continua a ser,

²¹¹ Cf. Schönborn, *A alegria de ser padre*, 122.

²¹² Bur, *A espiritualidade sacerdotal*, 165.

²¹³ Carlos A. Moreira Azevedo, *Ser Padre* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004), 83.

levar o Evangelho a todas as criaturas. Aqui temos a Anunciação, Encarnação e Visitação, três temas marianos de grande importância. O sacerdote acolhe o chamamento: a sua vocação; depois forma-se: aprende, cultiva-se; e por fim leva: ensina, instrui, corrige.

Maria recebeu a graça de levar no seu ventre o Evangelho vivo e de o anunciar ao mundo. Se todos os cristãos estiverem unidos a Cristo, então Maria leva-os, também, no seu seio. Quem clarifica este pensamento é o Mons. Francisco Álvarez Martínez, dizendo: «Maria também trazia no seu seio todos aqueles cuja vida estava contida na vida do Salvador».²¹⁴ E se o ventre é gerador de vida como Deus é o criador da vida, então podemos olhar para o seio de Maria como um lugar teológico, pois Deus trabalha nela para formar vida. No dizer de Linda Pocher, docente de Mariologia: «Deus, [...], é o autor da vida e a mulher é o lugar onde Deus trabalha com o seu poder criador. O ventre, assim, assume na Escritura a dignidade de um verdadeiro lugar teológico...».²¹⁵ Se é realmente um lugar teológico e se Maria nos leva no seu seio, então dela recebemos o alimento necessário para nos tornarmos vigorosos e viver uma vida mais evangélica, mais teologal.

Um dos elementos da vocação do ministro da Igreja é proclamar o Evangelho a todas as criaturas. Esta proclamação implica abrir as portas da salvação através do batismo, a força de perdoar os pecados, levar cada um ao encontro com o Deus misericordioso e apresentar o alimento a todos os que querem ser alimentados espiritualmente pelo Sacrifício Eucarístico (cf. LG 28). A Virgem santíssima está inteiramente ligada ao sacrifício de Cristo na cruz, está em perfeita união com a consagração sacramental do Filho e oferece incondicional os seus direitos maternos para ser fiel à vontade salvífica. Além disso, é a Mãe de todos os batizados, porque abriu as portas à nova criação,²¹⁶ pois de modo singular participou no nascimento, morte e ressurreição do Seu Filho. Da mesma maneira que, com a vinda de Jesus à terra, o mundo se transformou e houve uma restauração no universo, do mesmo modo, com o batismo entramos numa nova vida e realiza-se uma renovação no coração de cada um. Esta transformação não é só espiritual e moral, mas, também, ontológica, assim dizia Francisco Melús: «Esta nova transformação não produz em Maria e em nós apenas uma nova renovação espiritual e moral, mas uma renovação ontológica que vai até às próprias raízes do ser».²¹⁷

²¹⁴ Mons. Francisco Álvarez Martínez, «Maria y la Iglesia: Espiritualidad mariana sacerdotal», *Seminarios – sobre los ministerios en la Iglesia* 106, vol. 33 (1987): 467.

²¹⁵ Linda Pocher, «O “Princípio Mariano” na Igreja: Implicações antropológicas e eclesiais da presença e do papel de Maria na história da salvação», em *Para uma teologia fundamental do sacerdócio*, ed. Cardeal Marc Ouellet, vol. 2 (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 18-9.

²¹⁶ Cf. José Arturo Domínguez Asensio, *María, Estrella de la Evangelización – Madre de Dios y nuestra* (Madrid: Ediciones Paulinas, 1991), 41.

²¹⁷ Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 384.

1. UMA PASTORAL SACERDOTAL EM LINHA EVANGELIZADORA

O dever de evangelizar do sacerdote não é só uma questão de anúncio, mas, também, de testemunho. Para impregnar verdadeiramente o Evangelho no coração das pessoas o presbítero precisa de estar inteiramente unido, numa intimidade única, ao Evangelho, se possível, ser como São Francisco, o *Homo totus Evangelicus*. Sim, é importante uma verdadeira coerência com o que se prega, a prova dos santos isso indica, quanto mais intimidade e uma vivência honesta, verdadeira, fiel ao Evangelho, mais eficaz se torna no coração de cada fiel. O sacerdote deve procurar viver uma vida cheia do Espírito de Deus. Sabemos bem que não são as nossas palavras que mudam corações, tudo isso só é realizado pela graça de Deus e a Sua vontade. Mas, se cada um procurar viver fiel a sua vocação, vivendo por amor, com amor e em amor em tudo o que faz, então até os corações dos mais afastados e que menos compreendem conseguirão rejubilar, como rejubilou São João no seio de Isabel aquando da presença de Jesus. O sacerdote pode ser muito eloquente, mas se não viver o que prega, perde a sua credibilidade. Só na vivência no amor a Jesus Cristo se consegue tocar no coração de alguém, pois como dizia Hans Von Balthasar «só o amor é digno de crédito».²¹⁸

A evangelização é um dever de todos os batizados, de todo o povo de Deus (cf. Decreto *Ad Gentes*, nº 35). Mas ao presbítero é pedido uma entrega mais radical, abstraído de tudo o que o afasta de Deus e concentrado no essencial. A atitude missionária do sacerdote é semelhante à do Mestre. Cristo envia cada um a prolongar a sua ação evangelizadora sem fronteiras. Esta é a função do sacerdote na união ao corpo que é a Igreja. Na união com Espírito Santo, o sacerdote deve procurar com humildade entender quais são os desígnios de Deus na vida de cada pessoa que vem ao seu encontro. Não se convence só com palavras bonitas, mas com sentido, cheias de amor e temor.²¹⁹ A mensagem de Cristo tornou-se mais fecunda aquando da sua Páscoa, até aí não houve muitos que o tivessem seguido, o que torna bem claro que não foram as suas palavras bonitas que convenceram, foram sim, o testemunho e a entrega, ou seja, foi a sua coerência e o amor incondicional ao dar a vida que transformou muitos corações. Os fiéis não podem só ficar na ideia de que Jesus morreu por amor, é preciso acreditar que o seu testemunho é fidedigno. Portanto, para que o Evangelho tenha o seu efeito é preciso alimentar a fé do povo, não só o saber do povo. Não é crer somente na Palavra, mas permanecer fiel à Palavra. É necessário educar o povo a uma melhor vivência do Evangelho.

O testemunho mais credível é o de Maria: Ela acolheu o Evangelho com fé sem perceber bem o que se passava; anunciou o Evangelho ao ir ter com a sua prima Isabel; viveu

²¹⁸ Hans U. von Balthasar, «Testemunho e credibilidade», *Communio*, n. 2 (1988): 168.

²¹⁹ Cf. Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 280.

na fidelidade ao Evangelho durante a sua vida terrena educando o seu Filho; participou na Sua vida e morte, ou seja, da Encarnação à Cruz; abriu as portas da salvação a todos os povos desde o antigo até ao novo; restaurou todos os corações com o seu sim incondicional; e caminhou com a Igreja nascente, ou seja, esteve no início da evangelização, da missão da Igreja primitiva. Maria é a estrela da evangelização, como dizia São Paulo VI: «Na manhã do Pentecostes, ela presidiu na prece ao iniciar-se da evangelização, sob a ação do Espírito Santo» (EN 82). Na verdade, podemos dizer que Maria é a mais perfeita entre todos os cristãos, pois esteve presente em todos os momentos importantes da vida terrena de Jesus, por isso dizia Karl Rahner:

Maria é realmente a cristã perfeita; ela é, de certo modo, a realização concreta e representativa da redenção na sua forma mais perfeita. Por isso, ela é também a mais nobre de todos os redimidos e, ao mesmo tempo, o exemplo de toda a perfeição. Nela se manifesta, de certo modo, o sentido da Igreja, da graça, da redenção e da salvação de Deus.²²⁰

Abordamos muito superficialmente a categoria do testemunho e da sua importância para uma evangelização mais eficaz. É claro que esta eficácia evangelizadora não se pode limitar só a uma mera atividade individual de esforço pessoal, é preciso compreender que sem a fé não é possível entender todos os caminhos de Deus entre os homens; como já dissemos, a fé deve caminhar juntamente com o saber. Os caminhos de Deus são muitos, o sacerdote precisa de conhecer a realidade envolvente e ser um conhecedor das Escrituras, pois quando nos referimos à eficácia, estamos a referir-nos ao ardor missionário: «não nos ardia o nosso coração quando Ele no caminho nos falava, quando nos abria as Escrituras» (Lc 24, 32). Sim, o coração do presbítero deve arder de amor por Cristo e assim o Evangelho poderá ter a sua maior eficácia no coração dos crentes, no coração daqueles que de boa vontade se querem abeirar d'Ele para o escutar. E ainda, esta eficácia só é possível pela graça de Deus, porque quem transforma o coração do homem é o próprio Deus, ou seja, o presbítero é um instrumento nas mãos do Altíssimo, e a sinfonia só é bela se for orientada pelo Maestro. A transformação do mundo, do coração de cada fiel, só acontece pela graça de Deus, que respeita a liberdade humana. Contudo, o presbítero tem o seu papel ativo e não o pode deixar de lado, como dissemos, precisa também de se cultivar, de conhecer a realidade que o envolve. Só assim haverá uma pastoral eficaz: conhecedor da Palavra e da realidade que o circunda e numa intimidade pura e sem mancha com o Deus de Amor. O nosso desejo é que não ouçam estas palavras de Jesus: «Ó desprovidos de inteligência e lentos de coração...» (Lc 24, 25).

²²⁰ Rahner, *María, Madre del Señor*, 46.

No centro de toda a evangelização temos Jesus Cristo, a mensagem principal da Igreja: «em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus» (EN 27). Jesus Cristo é o único que nos salva, ninguém mais nos pode salvar, nem mesmo Maria. Então porque precisamos de Maria? Como dissemos na introdução, por que não quer que caminhemos sem uma mãe ou como dissemos noutra parte, a luz de Maria não é própria, mas deriva da luz do seu Filho, não brilha por si só, mas só na união com o seu Filho. A Igreja é semelhante, também ela é uma luz no meio das trevas do mundo, contudo uma luz que não é própria, mas vem de Jesus Cristo. A Igreja indica o caminho para a salvação, assim como Maria aponta para Jesus. Jesus ao fazer-se homem apresenta a sua Mãe no mistério da salvação. Por isso, a Imaculada está inserida no anúncio do Evangelho e por participar no mistério da salvação de Jesus tem um lugar próprio no mistério da Igreja e na vida espiritual de cada cristão.²²¹

Se Maria esteve presente em todos os momentos da vida de Jesus, então podemos destacar a importância atual de uma evangelização com inspiração mariana. Além disso, quem quiser ser cristão tem de ser mariano, assim dizia o Papa Paulo VI: «Se queremos, portanto, ser cristãos, devemos também ser marianos, isto é, devemos reconhecer a relação essencial, vital e providencial que une Nossa Senhora a Jesus e que nos abre o caminho que leva a Ele».²²² Como vemos, é possível falar de Cristo sem nunca esquecer Maria. O que se vê hoje é uma certa dificuldade em falar desta mulher, como se não houvesse conteúdo a desenvolver. Jesus encarnou, fez-se homem, quis aparecer na história do seu povo através de uma mulher. Ao inserir Maria na história da Sua vida, incorpora-a no seu Evangelho, fá-la participar do seu anúncio. Pelo contrário, «separar Cristo de Maria equivaleria à liquidação prática deste facto central da nossa fé: sem Maria, Cristo seria um ser abstrato que desce do céu para lá voltar sem se enraizar na história humana, sem se encarnar verdadeiramente».²²³ Então qual seria a proposta pastoral mais prática para uma evangelização com inspiração mariana? Certamente haverá muitas propostas, mas partimos de dois pressupostos, um descendente e outro ascendente, ou seja, um que vem de Deus ao homem e outro que vai do homem a Deus. O pressuposto da graça e da liberdade humana vemo-lo realizado na Imaculada Conceição, como fruto da graça de Deus; e na Anunciação, como resposta sublime de Maria ao Anjo.

²²¹ Cf. Asensio, *María, Estrella de la Evangelización – Madre de Dios y nuestra*, 14.

²²² Paulo VI, «Homilia na peregrinação ao santuário mariano de nossa Senhora de Bonária na ilha de Sardenha», acedido a 7 de agosto de 2023, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700424.html

²²³ Asensio, *María, Estrella de la Evangelización – Madre de Dios y nuestra*, 15.

1.1. A vontade Divina e a vontade humana

A pastoral do sacerdote não começa em si nem termina em si, mas deriva da graça do alto, a iniciativa vem de Deus. É Deus que oferece a salvação e é nela que somos inseridos, não somos nós que O inserimos. Não somos donos de ninguém, nem somos dominadores de alguém, o que é pedido ao sacerdote é que confie e se entregue à vontade de Deus. A sua força interior não vem dos livros, mas do alto. O sacerdote não pode pensar que leva consigo o mundo às costas, é Jesus que o leva e suporta o mundo sobre os Seus ombros. Como dissemos, é Deus quem tem a primazia na ordem da graça: Ele chama, capacita, envia. Se olharmos para a Imaculada Conceição ela foi a escolhida para levar no ventre o Filho do Altíssimo, o que demonstra o primado da caridade de Deus e revela o seu amor à humanidade, oferecendo-lhe a redenção. Na ordem da graça é sempre Deus quem tem a iniciativa, fê-lo assim ao longo da história, com o seu povo, fê-lo na plenitude dos tempos com Jesus e fã-lo na atualidade com o seu Espírito e a sua Igreja. Por isso, podemos afirmar que Deus Pai cuida dos seus filhos, olha por eles, está atento, conforta-os nas suas tribulações, santifica-os e atualiza a sua obra redentora, dando-nos o seu único Filho como o único mediador entre Deus e os homens e enviando ao coração de cada homem e mulher o Espírito Santo. Portanto, estamos de acordo com Mons. Michele Giulio Masciarelli que afirmava:

Esta verdade serve de conforto e de equilíbrio também para o sacerdote: a sua ação pastoral é, antes de mais uma obra de Deus, concebida, desejada e realizada por ele. O padre deve evitar o complexo de Atlas: o mundo não está sobre os seus ombros, mas sobre os de Cristo, que o escolheu como o burro, um esplêndido animal de ajuda.²²⁴

É claro que depois da sua intervenção na humanidade, na nova Aliança do Seu Filho, não quer ninguém passivo. Quer-nos a todos como interlocutores e cooperadores da sua vontade salvadora. Deus quer estabelecer uma relação recíproca com todos os seus filhos. Deus não trata as pessoas como objetos, pelo contrário, apela sempre à sua liberdade.²²⁵ Como na cena da Anunciação, Maria, interpelada por Deus, na sua liberdade, deu a sua resposta ao Anjo colaborando na realização do mistério da Encarnação: «De cujo consentimento/o mistério se fazia; [...]; Ficou o Verbo encarnado/ Em o ventre de Maria».²²⁶ Na Anunciação, encontramos o *Fiat*, a primeira coisa que Maria fez por Deus. Na Imaculada Conceição temos a primeira coisa que Deus faz por Maria «Salve, cheia de graça, o Senhor está contigo!» (Lc 1, 28). Por isso podemos dizer

²²⁴ Mons. Michele Giulio Masciarelli, «L'esercizio del presbiterato con Maria», acedido a 9 de agosto de 2023, 315,

www.latheotokos.it/programmi/PresbiteratoMasciarelli.pdf

²²⁵ Asensio, *María, Estrella de la Evangelización – Madre de Dios y nuestra*, 29.

²²⁶ João da Cruz, *Romance*, em *Obras Completas*, 6º ed. (Marco de canaveses: Edições Carmelo, 2005), 57.

que o sacerdote pode e deve, na sua pastoral, situar-se nestas duas graças marianas. Dizia assim Mons. Michele Giulio Masciarelli: «A ação pastoral do sacerdote deve situar-se à luz das duas graças marianas: a Imaculada Conceição, que é a primeira graça recebida por Maria e marca o início ontológico do mistério mariano; a Anunciação é também a graça inicial: é o anúncio-resposta com o qual, em certo sentido, começam os novos tempos».²²⁷ A autonomia da iniciativa divina e a colaboração humana devem ser sabiamente recuperadas no nosso tempo. Por isso o sacerdote deve deduzir o seguinte,

no seu serviço da Palavra, o risco de um objetivismo desalmado não deve ser ultrapassado cedendo a um subjetivismo neurótico e espasmódico sem mistério, mas fazendo uma síntese entre o primado da graça e a responsabilidade colaborante do homem, nunca esquecendo que tudo é graça e que a resposta livre e meritória do homem é também graça.²²⁸

1.2. A mediação de Maria na pastoral do sacerdote

No que se refere ainda à evangelização, onde há muito por explorar, podemos olhar para Maria como uma mediadora na obra da salvação. Como dissemos, a Mãe de Jesus conhece todos os mistérios de seu Filho. Por isso podemos afirmar que a mediação de Maria é a mediação de Cristo, pois, «de facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna» (LG 62). Começamos com esta certeza para dizermos que na evangelização do sacerdote é possível ter esta mediação de Maria, como ajuda necessária para elaborar uma estratégia para chegar ao coração das pessoas. Maria é a mulher mais atenta às necessidades do próximo, acolhe no seu coração todos os que se aproximam dela. Na sua pregação mariana, o presbítero deve deixar transparecer a riqueza da sua profunda intimidade com Maria, Mãe próxima dos seus filhos. Com Maria são todos bem-vindos e não há que ter medo.²²⁹ Se houver um verdadeiro amor a Maria o sacerdote falará dela com o coração. Carlo Martini, referindo alguns exemplos de santos que amaram cordialmente Maria, afirmava: «o amor a Maria determina também uma experiência exterior, um estilo de falar e de pregar».²³⁰

A mediação de Maria não se compara à mediação do Filho, participa nessa mediação única,²³¹ mas, no que se refere ao seu grau de mediação, «não há ninguém que tenha desempenhado um papel mais profundo, mais absoluto, mais decisivo no plano da salvação do que a Santíssima Virgem e Mãe de Nosso Senhor, pois ela concebeu a nossa salvação em

²²⁷ Masciarelli, «*L'esercizio del presbiterato con Maria*», 318.

²²⁸ Masciarelli, «*L'esercizio del presbiterato con Maria*», 319.

²²⁹ Cf. Schönborn, *A alegria de ser padre*, 122.

²³⁰ Martini, *El Evangelio de María*, 128.

²³¹ Cf. Kasper, *María signo de esperanza*, 84.

verdadeira liberdade».²³² O sim de Maria produziu o fruto ao longo da história da salvação e esteve sempre presente na vida espiritual e pessoal dos membros da Igreja, por isso a sua intervenção na vida de cada fiel permanece para sempre. Isto tudo porque Deus quer a nossa salvação, quer o nosso bem e, portanto, quer que olhemos para Maria, do mesmo modo que Ele olha para a Mãe do seu único Filho. Assim dizia Karl Rahner: «Deus também quer a nossa salvação em vista de Maria e da sua realidade eterna. Quando Deus olha para Maria, vê nela também a graça do Verbo feito homem, e ama-nos porque a ama como Mãe do seu Filho».²³³

Sabendo, então, desta mediação de Maria, o sacerdote, na sua evangelização, pode e deve abordar espiritual e pastoralmente os vários mistérios da vida de Jesus e apresentá-los em chave mariana. Se olharmos, por exemplo, para o nascimento de Jesus, o sacerdote encontra o tema da mediação pastoral de Maria no início da obra da salvação. A presença de Maria nos mistérios da vida de Cristo não pode ser ignorada pelo sacerdote na sua pregação e celebração. Enriquecemos o nosso pensamento com as seguintes afirmações de Mons. Michele Giulio Masciarelli:

o sacerdote deve mostrar o que Maria tem a ver com cada um dos mistérios de Cristo, pois ela está presente neles com um papel tão essencial que, se a sua presença for ignorada, esses mistérios já não podem ser explicados, não podem ser ditos com lógica de mistério, com sentido teológico (como apresentar o Natal, a Páscoa, o Pentecostes sem Maria?). Além disso, o sacerdote tira da presença típica e especial de Maria nos vários mistérios de Cristo o modo bom e significativo de os abordar espiritual e pastoralmente, porque ela é a maior conhecedora de Cristo e dos seus mistérios.²³⁴

1.3. A ternura de Mãe para a vida espiritual do sacerdote

A Virgem Santíssima não é só mediadora, mas também Mãe, o que implica tratos de mãe. Como são os tratos de uma mãe? Por norma, costumam ser de carinho, de ternura, acompanhada por compaixão, tolerância, perdão, sacrifício, atenção, disponibilidade, sempre com um conselho, procurando o melhor para cada um, preocupada para que tudo corra bem, e muito mais, tudo o que só uma mãe poderia dizer. Não nos podemos esquecer que Maria «cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada» (LG 62).

O sacerdote precisa de imitar esta Mãe nas suas tarefas do dia a dia. Necessita de encontrar comportamentos marianos essenciais para a sua vivência com os demais. É urgente

²³² Rahner, *María, Madre del Señor*, 135.

²³³ Rahner, *María, Madre del Señor*, 136.

²³⁴ Masciarelli, «*L'esercizio del presbiterato con Maria*», 322.

que o sacerdote aprenda a viver uma vida espiritual mais plena na sua pastoral. Uma ação sem o espírito é frívola, porque o mais importante na ação do sacerdote é a conversão dos corações²³⁵ e não tanto as suas tarefas bem feitas e organizadas. O padre pode ter uma agenda bem preenchida e tudo muito bem estruturado e preparado, mas se não tem uma vida no Espírito, a sua fé desvanece-se, a esperança esmorece e o amor esfria. Assim dizia de modo semelhante o Bispo emérito Juan María Uriarte: «Quando a fé viva, ungida pela experiência, se desvanece, os outros componentes desintegram-se e tornam-se adulterados ou fossilizados».²³⁶ E quais são os frutos deste desvanecer-se? O que mais se vê nos tempos de hoje são presbíteros desanimados, medrosos, rudes, insensíveis, indisponíveis, para não falar de um certo narcisismo, intolerância, altivez, vaidade e uma enorme falta de coerência. Não queremos com isto dizer que todos são assim, não estamos a generalizar, mas pela nossa experiência, infelizmente, verificamos alguns casos. A sociedade hoje pede muito dos sacerdotes e exige radicalidade, entrega, disponibilidade, sensibilidade, desprendimento, humildade, caridade, prudência, discrição, alegria, afabilidade e acima de tudo que seja um homem espiritual. Tudo isto são características espirituais muito importantes para a vida prática do sacerdote.

Nesta linha ainda caminhamos à luz do testemunho na evangelização. Maria sempre teve uma presença especial na vida terrena de Jesus Cristo, o mesmo faz agora na vida do presbítero que imita o Mestre na sua entrega incondicional com amor aos demais. Todo o ser humano procura amar e ser amado. A presença de Maria na vida do presbítero a isto leva, ao amor por Deus e pelos irmãos. O testemunho do sacerdote tem de ter o seu fundamento no amor verdadeiro a Jesus Cristo, para que depois seja espalhado para os demais. Na prática pastoral, onde se inserem muitos temas, o presbítero não deve esquecer isto: o cuidado, ternura e compaixão por aqueles que mais sofrem, os pobres, os oprimidos, os necessitados, os desanimados. O Papa Francisco diz que «há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto» (LG 288). Quantos não vêm ter com o presbítero a pedir ajuda, frustrados com tanta injustiça e tristes por não conseguirem viver num mundo que exige demasiado deles; o sacerdote “escorraça-os” porque tem muitas coisas a fazer, não tem tempo para os atender. Não podemos esquecer as palavras fortes do Papa João XXIII na sua Constituição Pastoral que nos fala da necessidade de não negligenciarmos a educação, a doutrina da religião Cristã e ter cuidado com as deficiências da vida religiosa, moral e social,

²³⁵ Cf. Checa, *La pastoral de la espiritualidad cristiana*, 49.

²³⁶ Uriarte, *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*, 79.

pois tudo isso poderá levar a um crescendo pelo desprezo dos crentes pela Igreja e pela fé (cf. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, nº 19).

O presbítero tem o dever de cuidar dos seus fiéis, levá-los a uma maior relação com Deus, ajudar cada um, sem exclusividades, a encontrar Deus na sua vida. Dizia George Augustin: «É nosso dever permanente de sacerdotes criar, com o nosso ministério, o espaço aberto em que Deus possa fazer ouvir a sua voz».²³⁷ Precisam de encaminhar cada um a ter uma vida mais fiel ao Evangelho, elucidando cada batizado a uma vida de amor a Cristo e à sua Igreja. Pois, um amor a Deus sem Igreja não é um verdadeiro amor.²³⁸ Hoje o sacerdote tem nas suas mãos um grande desafio: levar os fiéis a amar a Igreja. O pastor necessita cada vez mais de explicar o sentido de Igreja e o porquê da sua necessidade. A figura de Maria é a mais importante personagem para nos adentrar neste mistério que é a Igreja. Ela é por excelência a Mãe da Igreja, Mãe da Sua Cabeça e dos seus membros. «Maria é, portanto, o modelo que Cristo quis reproduzir na sua Igreja...».²³⁹

Portanto, entendemos ser urgente a necessidade de haver uma pastoral da ternura, do encanto, da beleza, do acolhimento, da sensibilidade, da atenção e, também, da tolerância. Podemos resumir toda esta pastoral a uma pastoral do cuidado. Cuidado como tratamos as pessoas, um cuidado com a maneira como apresentamos Deus nas pregações, um cuidado com a liturgia, um cuidado com a nossa vida, um cuidado no acolhimento do próximo, um cuidado de como nos abeiramos dos problemas de cada pessoa que se aproxima e, também, um cuidado com o mundo que nos envolve com as suas mudanças radicais e por vezes desafiadoras. O sacerdote deve ter muita prudência com as suas responsabilidades e agir sempre em unidade com a Igreja. Todo o cuidado é pouco, já diz o ditado popular. Partilhamos da opinião do professor de Teologia pastoral Pablo Guerrero quando diz que a nossa intenção é «propor o cuidado como a espinha dorsal da pastoral».²⁴⁰ Sim, isto é importante como ele próprio indica: «A pastoral das próximas décadas deve continuar a centrar-se na comunidade, na celebração e na união com Deus, na palavra e no sonho de Jesus, na solidariedade e na compaixão cristã».²⁴¹

Podemos associar à pastoral do cuidado, a proposta do Papa Francisco que nos apresenta a misericórdia como forma de agir para com todos. Sim, é preciso abrir o coração a muitos que se encontram nas «periferias existenciais» (MV), apresentar-lhes esta divina misericórdia e a cultura do perdão que deve ser reanimada. A través deste reconhecimento

²³⁷ Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 279.

²³⁸ Cf. Augustin, *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*, 283.

²³⁹ Martinez, «*Maria y la Iglesia: Espiritualidad mariana sacerdotal*», 469.

²⁴⁰ Pablo Guerrero, «Una Iglesia que cuida “fijos los ojos en Él”»: La pastoral como cuidado», *Sal Terrae* 109/8, n. 1269 (2021): 722.

²⁴¹ Guerrero, «Una Iglesia que cuida “fijos los ojos en Él”»: La pastoral como cuidado», 723.

contínuo, não estático, desta misericórdia é que poderá haver conversão, olhando sempre para a conversão como um efeito e não como meta da misericórdia.²⁴² Dizia Santa Teresa: «Antes que Sua Majestade me deixasse de perdoar, primeiro me cansei eu de O ofender. Ele nunca se cansa de dar, nem a Sua misericórdia se esgota. Não nos cansemos nós de receber».²⁴³ Esta foi a experiência da misericórdia de Deus na vida de Santa Teresa, esta é a misericórdia que o presbítero deverá apresentar nos dias de hoje. Contudo, sempre com o intuito de ajudar a caminhar na responsabilidade pelos trilhos propostos por Cristo. O sacerdote não pode cair na indiferença e no relativismo, precisa de cultivar a pastoral do cuidado com a vivência prática da misericórdia. Para aclarar um pouco mais esta ideia deixamos as palavras do Papa Francisco:

Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo (MV).

Como se verifica, damos muita importância ao relacionamento com o próximo. Uma mãe preocupa-se com o seu filho, porque «o termo cuidado remete mais para o imaginário da preocupação de uma mãe pelo seu filho».²⁴⁴ Ora, assim deve ser o sacerdote, preocupado e cuidadoso com os que se aproximam dele. Ousemos dizer: todos os serviços que os sacerdotes exerçam deverão ser acompanhados pela pastoral do cuidado. Não vamos fazer uma exaustiva reflexão sobre este tema, mas a ideia da pastoral do cuidado é bem necessária para os tempos de hoje. Pode surgir a pergunta: que tem isto a ver com a espiritualidade do sacerdote? Como dissemos, tudo o que o sacerdote mostra exteriormente revela o que vai dentro.

Há virtudes cristãs que se pedem a todos e há caracteres que fazem parte intrínseca de cada um. Se olharmos para os Apóstolos cada um tinha o seu carácter. Como é sabido todos abandonaram o Mestre com medo, mas, depois tudo foi superado, e muitos deles deram a sua vida por Cristo. O que os fez passar radicalmente do medo à coragem? O Espírito Santo fortaleceu os seus corações. Ora, isto também pode acontecer hoje a cada sacerdote. Não podemos ficar parados a pensar que já não há nada a fazer. O coração do homem, o seu carácter, pode ser fortalecido. Por que dizemos isto? Precisamente, porque o sacerdote, se tiver

²⁴² Cf. Alex Villas Boas, «Do poder pastoral ao cuidado pastoral», em *Uma anatomia do poder eclesialístico*, ed. João Eleutério (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2022).

²⁴³ Teresa de Jesus, *Livro da Vida*, em *Obras Completas*, 5ª ed. (Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2015), 131.

²⁴⁴ Linda Pocher, «O “Princípio Mariano” na Igreja: Implicações antropológicas e eclesiais da presença e do papel de Maria na história da salvação», 25.

uma vida interior de oração, fidelidade, desprendimento, amor ao Reino, o seu coração pode transformar-se e melhorar o seu cuidado para com o próximo. Não podemos esquecer que o cuidado e a misericórdia só poderão ser exercidos, se o próprio presbítero passar pela experiência de ser perdoado e acolhido. Este é o papel de toda a Igreja e de todos os fiéis, ser como Maria que perdoa e acolhe todos os que se aproximam e querem caminhar com responsabilidade, valorizando o compromisso a viver uma vida melhor e mais evangélica, progredindo nos valores propostos pelo Reino e procurando uma vivência humana mais autêntica, na comunhão recíproca e derradeiramente eclesial, onde todos se amem e se respeitem.

1.4. Maria educadora da fé

O papel de Maria foi muito importante para educar Jesus na sua humanidade. O sacerdote precisa de ser educado e educar o povo a viver melhor a sua humanidade como caminho para a santidade. O Cardeal Angelo Amato afirmava o seguinte: «A santidade é a forma mais alta do humanismo. Porque o santo é o ser humano conseguido, o ser humano cujo projeto de vida coincide com o de Deus».²⁴⁵ Maria teve um papel importante nesta realização, pois fez de Cristo um homem, por isso o sacerdote educa os homens para se tornarem cristãos, que procuram no meio da sociedade transmitir os valores humanos mais sublimes, a paz, a liberdade, a justiça social. O caminho da educação é o caminho mais sério que o sacerdote pode percorrer na sua ação pastoral, seguindo o exemplo da vida de Nazaré. Em geral, a educação é um instrumento de evangelização.²⁴⁶ Saber educar o povo pode ajudar a um melhor equilíbrio na sua comunidade. Para explicar melhor este pensamento recorreremos ao que afirma Mons. Michele Giulio Masciarelli:

Para educar Jesus, Maria ativou a linguagem não verbal da vida e do testemunho: "Maria educou Jesus com o seu trabalho, com a sua dedicação de mãe, com o seu empenho na proteção. Educou-o com a sua vida pobre e serena, trabalhadora e simples, casta e cheia de amor materno. Educou-o com a sua confiança em Deus e a sua disponibilidade para ajudar os necessitados (Isabel, os noivos de Caná)". A fecundidade da ação educativa de Maria é a personalidade harmoniosa de Jesus. O equilíbrio da vida comunitária depende também, em grande parte, do equilíbrio educativo que o sacerdote sabe mostrar.²⁴⁷

Como vimos no primeiro capítulo, faz parte do discípulo ter uma relação muito próxima com Maria, o que nos leva a afirmar que o presbítero só será um bom educador do povo se tiver uma relação genuína e sincera com esta Mãe. A nosso ver, só ela como verdadeira educadora,

²⁴⁵ Card. Angelo Amato, «A santidade é a forma mais alta do humanismo», acessado a 16 de agosto de 2023, https://www.snpcultura.org/a_santidade_e_a_forma_mais_alta_de_humanismo.html

²⁴⁶ Cf. Mercedes Méndez Siliuto, «La espiritualidad del educador», *Sal Terrae* 106/2, n. 1230 (2018): 140.

²⁴⁷ Masciarelli, «L'esercizio del presbiterato con Maria», 326.

conseguirá ajudar o sacerdote a levar os fiéis a entrarem numa relação profunda com as realidades cristãs todas elas muito humanas. Carlo Martini dizia o seguinte: «Quando o sacerdote tiver compreendido que a relação com Maria é constitutiva do discípulo e, por isso, vive uma relação sincera e autêntica com a Virgem de Nazaré, pode tornar-se um educador do povo».²⁴⁸ Esta frase está inserida no contexto de educar para uma correta devoção a Maria, mas é claro, quando diz que só com uma relação verdadeira com Maria é que o sacerdote pode educar bem o povo.

Neste contexto de evangelização, achamos necessário que as pregações, as homilias, a evangelização em si, devam ser cada vez mais acompanhadas por Maria, o sacerdote não pode ter medo de que a devoção a Maria complique o caminho cristão.²⁴⁹ Todavia, implica que o sacerdote tenha feito uma caminhada pessoal com Maria, por isso, ao lembrar Maria nas pregações deve partir sempre, claramente, de uma experiência mariana. Somos da mesma opinião que o Cardeal Martini quando diz: «Penso que cada um de nós, com a ajuda de alguns exemplos, deve medir gradualmente a presença mariana, partindo, obviamente, da experiência; porque esta presença não pode ser dada na pregação, se não houver primeiro um autêntico caminho pessoal».²⁵⁰ Esta experiência leva a seguir o exemplo de Maria. Ela sendo Mãe mostrou com as suas virtudes um exemplo extraordinário, e como diz o ditado «as palavras movem, mas o exemplo arrasta». Por isso, o sacerdote pode muito bem contar com a ajuda preciosíssima desta Mãe para o desenvolvimento da vida divina nas almas. Assim dizia Paulo VI na sua Exortação: «Não se esgota, porém, no patrocínio junto do Filho a cooperação da Mãe da Igreja no desenvolvimento da vida divina nas almas. Ela exerce sobre os homens remidos uma outra influência: a do exemplo. Influência, na verdade, importantíssima, segundo a conhecida máxima: «As palavras movem, mas o exemplo arrasta» (SM 3).

Portanto, como vemos, é deveras importante esta relação com Santa Maria, a educadora dos sacerdotes, como dizia João Paulo II, na conclusão da sua Encíclica: «...com todos e cada um de vós me dirijo em oração a Maria, Mãe e educadora do nosso sacerdócio» (PDV 82). Ela ajuda-nos a crescer na maturidade da fé. Caminhando connosco, mostra-nos o Seu Filho Jesus, abre-nos novos horizontes para que possamos construir um mundo de amor, ser instrumentos de paz, a viver num mundo mais sustentável, humano e justo. Maria ensina-nos a procurar aquele que sabemos que nos ama. Por isso, podemos dizer com Mons. Michele Giulio Masciarelli: «O sacerdote deve acarinhar a memória mariana no seio da sua comunidade cristã, apontando-a como exemplo de comunidade cristã, apontando-a como

²⁴⁸ Martini, *El Evangelio de María*, 135.

²⁴⁹ Cf. Stefano de Fiores, «Maria», 852.

²⁵⁰ Martini, *El Evangelio de María*, 136.

exemplo de discípula perfeita de Jesus Mestre, a verdadeira guia do homem, a infalível exegeta do mistério do seu coração».²⁵¹

2. A PASTORAL DA CARIDADE

Até ao momento fomos apresentando alguns elementos que fazem parte da evangelização, agora abordamos outro aspeto do tema, a caridade pastoral. São Paulo na carta aos Coríntios dá uma bela definição da caridade (cf. 1 Cor 13). O amor é a plenitude da lei (cf. Rm 13, 10). Sabemos, também, que Deus é amor (cf. 1 Jo 4, 16), e o Seu amor é tão grande que enviou o Seu Filho para nos dar vida (cf. Jo 3, 16). Jesus ensinou-nos a viver o amor a Deus e ao próximo (cf. Mt 22, 37-40). Nos dias de hoje, a função da Igreja é continuar com este exercício de caridade no meio dos fiéis. Dizia Bento XVI:

O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de mais para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira, e isto a todos os seus níveis: desde a comunidade local passando pela Igreja particular até à Igreja universal na sua globalidade. A Igreja também enquanto comunidade deve praticar o amor (DC 20).

Se olharmos para Maria, ela é a mulher que ama (cf. DC 41). Maria foi agraciada pelo amor Divino, obteve do alto a gratuidade do amor, recebeu no seu seio toda a plenitude, por isso ela é a mulher cheia de graça, recebeu todos os dons necessários para o acolhimento celestial, o seu ventre transformou-se em todas as riquezas. Na união com este amor que recebeu, que é o seu Filho, pode abraçar com caridade todos os corações.²⁵²

Ao iniciar com estas palavras, que nos falam sobre a dimensão do amor de Deus, Ele que é a fonte de todas as graças, queremos começar dizendo que o presbítero na sua tarefa pastoral deve procurar sempre este amor, seja na sua relação pessoal com Deus e na relação com o próximo, o primado do amor deve presidir à vida e missão do sacerdote.²⁵³ Uma das funções do sacerdote é reunir o povo à volta da mesa eucarística e alimentar cada um com o amor de Deus, com o pão da vida. Como educador da fé, deve sempre procurar os meios necessários para que cada membro cresça neste amor no seu dia a dia. Contudo, a caridade é exercida não só com as palavras, mas com o testemunho, nas relações, no esquecimento de si mesmo.

Quando falamos de caridade referimo-nos sempre às relações de comunhão. Uma «comunhão com Cristo, comunhão com Igreja, com o bispo, com o presbítero, com o mundo

²⁵¹ Masciarelli, «L'esercizio del presbiterato con Maria», 327.

²⁵² Cf. Montfort, *O segredo de Maria – sobre a escravidão da Santa Virgem*, 40.

²⁵³ Cf. Gamarra, *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, 305.

a transformar».²⁵⁴ Tudo isto, porque o amor se manifesta quando entramos em diálogo, quando procuramos amizades, o convívio. A alteridade entre pessoas é a maior forma de manifestar o amor de Deus. A própria Trindade é comunhão de amor, o próprio Santo Agostinho confirma esta relação de amor na sua grande obra *De Trinitate*, «se vê o amor, vê a Trindade».²⁵⁵

Portanto, faz parte do sacerdócio ministerial agir em conformidade com Cristo no amor aos outros. A caridade pastoral é muito importante na vida espiritual do sacerdote, anima todas as outras virtudes, João Paulo II dizia o seguinte: «O princípio interior, a virtude que orienta e anima a vida espiritual do presbítero, enquanto configurado a Cristo Cabeça e Pastor, é a caridade pastoral» (PDV 23). O amor e a caridade pastoral não são a mesma coisa, para não cairmos no erro de dar o mesmo significado, deixamos estas palavras onde se esclarece as suas diferenças: «“A caridade pastoral é o amor principal do presbítero.... A caridade pastoral não é o único amor que um padre tem, mas todos estão, num ou noutro nível, sujeitos a ela. A caridade pastoral exerce um primado sobre todos os amores e escolhas que existem na vida de um sacerdote”».²⁵⁶

O nosso objetivo, ao abordar este tema da caridade pastoral, é estabelecer uma ligação com Maria. Maria amou sempre a humanidade. Ela com amor abriu as portas da salvação, anunciou essa salvação, indicou como chegar à salvação, mostrou-nos como se efetuou essa salvação e juntou-se a cada um de nós para caminharmos em Igreja. Com estas ligações não é difícil de perceber o que está por detrás.

Maria não reagiu ao Anjo de forma egoísta, quando lhe disse que ia conceber um Filho e que seria Filho do Altíssimo, percebeu logo que a obra era de grande importância para a humanidade. Maria encontrava-se cheia de graça e de caridade,²⁵⁷ por isso é que o Anjo diz as palavras «Salve, cheia de graça» (Lc 1, 28). Maria na Anunciação mostra o seu amor à humanidade e como se vê isso? São João numa das suas cartas diz o seguinte: «E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão» (1 Jo 4, 21). Se olharmos para Maria, ela era cumpridora fiel dos mandamentos de Deus o que mostra o seu grande amor por Ele. Ora, então, «a primeira razão do seu grande amor para com os homens é o seu grande amor para com Deus».²⁵⁸

Depois, não quis guardar para si está grande obra, mas correu apressadamente para anunciar o que tinha ocorrido. A caridade e a alegria era tanta que foi logo divulgar o que

²⁵⁴ Azevedo, *Ser Padre*, 83.

²⁵⁵ Agostinho, *Trindade*, VIII-8. 12 (Prior Velho: Paulinas Editora, 2007), 599.

²⁵⁶ Gamarra, *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, 306.

²⁵⁷ Cf. Brindis, *Marial – María de Nazaret «Virgen de la Plenitud»*, 654.

²⁵⁸ Afonso Maria de Ligório, *Glórias de Maria* (Aparecida-SP: Editora Santuário, 1989), parte 1, cap. 1, III, alínea 2, Ebook, s. p.

se tinha passado. São Lorenzo de Brindis diz que Maria «não parte a um ritmo lento, mas apressado, o que é um sinal claro do seu fervor de espírito e da sua mais ardente caridade».²⁵⁹

Em seguida, vimos Maria nas Bodas de Caná a indicar-nos o caminho da salvação: «O que Ele vos disser, fazei-o» (Jo 2, 5) e, também, o sinal que deixa da sua preocupação pelos demais. São Lorenzo dizia o seguinte:

Também não se pode duvidar do amor de Maria por nós, porque ela é toda amor, bondade e benevolência. [...]. O que ela fez nas bodas de Caná da Galileia, quando não havia vinho, serve de argumento. Ela foi ter com Cristo, não implorou por ninguém, mas movida apenas pela caridade, pediu-lhe um milagre.²⁶⁰

Outro momento em que a Virgem Santíssima mostra o seu amor por nós é junto à cruz de Jesus. Além do seu amor pelo Filho que não precisa de grandes explicações, sabemos que Maria foi trespassada pela espada da dor, além disso, mostrou a sua grande paciência e confiança na Ressurreição, o que nos dá um grande exemplo de como nas dificuldades da vida podemos com ela ter paciência e confiança em Deus. Ainda assim, o amor de Mãe é universal e por isso se espalha a todos os filhos. Pois, Jesus na cruz entregou cada um ao encargo desta maravilhosa Mãe, por isso é que Maria ama-nos muito, «porque lhe fomos entregues por filhos pelo seu amado Jesus».²⁶¹

Por fim, Maria na sua perseverança e amor aos seus filhos permaneceu junto deles em oração, implorando a vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos. Ela a mulher coberta pela sombra do Altíssimo, teve a delicadeza de estar junto de cada um para juntos receber o consolo, o conforto do Espírito. Uma vez que o Espírito preparou o ventre sagrado e puríssimo da Virgem para acolher o Filho do Altíssimo, do mesmo modo, o Espírito Santo revestiu os Apóstolos com a força vinda do alto, para que cada um se inflamasse da caridade. São Bernardo dizia o seguinte num dos seus sermões: «Ele [Espírito Santo] ofuscou a Virgem Maria, confortou os Apóstolos; preparou um acesso à divindade num corpo virginal e revestiu os Apóstolos com um poder do alto, isto é, com a sua caridade inflamada».²⁶²

Como vemos, Maria está inteiramente associada a cada presbítero pelo seu amor incondicional. Ela não pode deixar de o amar. Com tudo isto, temos Maria como a mulher revestida de caridade pastoral, amante dos humildes e dos pobres, amante de todos aqueles que se querem abeirar dela e receber dela a sua proteção. O sacerdote,

²⁵⁹ Brindis, *Marial – María de Nazaret «Virgen de la Plenitud»*, 610.

²⁶⁰ Brindis, *Marial – María de Nazaret «Virgen de la Plenitud»*, 259.

²⁶¹ Ligório, *Glórias de Maria*, parte 1, cap. 1, III, alínea 2, s. p.

²⁶² São Bernardo, *Obras completas – Sermões litúrgicos*, 2ª ed., Vol. IV (Madrid: BAC, 2006), 215.

tendo isto em conta, pode muito bem pedir a Maria que o acompanhe na sua atividade pastoral, pode confiar totalmente nela, porque não o deixa desamparado, como fez o Santo Cura de Ars que «tinha uma confiança cega em Maria. [...]. Ao chegar a Ars, confiou a sua pastoral a Maria».²⁶³

2.1. A entrega de si mesmo

Neste apartado não vamos abordar a natureza e o fundamento da caridade pastoral, o que queremos mesmo é fazer a ligação entre o amor que Maria tem a cada um, o que ela pode fazer com esse amor e o que cada sacerdote pode, através do seu exemplo, com a sua intercessão, com a sua companhia, fazer na vida de cada fiel que encontra na sua atividade pastoral e, também, o que poderá ser feito na vida espiritual do presbítero.

A caridade pastoral é, acima de tudo, o amor à comunidade cristã e a Cristo, mas implica também todo o seu ser, não basta um trabalho bem feito e tudo bem organizado, é preciso dar-se todo. Dar tudo ao Todo, à Igreja. São João Paulo II dizia o seguinte: «O conteúdo essencial da caridade pastoral é o *dom de si*, o total dom de si mesmo à Igreja, à imagem e com o sentido de partilha do dom de Cristo» (PDV 23). A entrega incondicional de Cristo à sua Igreja mostra como foi o seu amor, assim deve ser o sacerdote, dar tudo por amor à Igreja, como dizia Saturnino Gamarra: «...o sacerdote que participa da mesma caridade pastoral de Jesus Cristo não pode amar a Igreja senão com o dom de si mesmo».²⁶⁴

2.2. Disponibilidade pastoral

Tento em conta tudo o que mencionamos vejamos agora algumas características essenciais na prática desta caridade pastoral em ligação com Maria. Em primeiro lugar, é preciso dizer que o presbítero para alimentar da sua espiritualidade necessita de cuidar das almas²⁶⁵ e para realizar este cuidado precisa de estar disponível. Sabemos muito bem que um sacerdote é um homem e não uma máquina, precisa de descanso, de tempo para si, para a leitura, a formação, o convívio e o alimento. Mas quando nos referimos à disponibilidade, estamos a falar de estar sempre atento aos que se aproximam, não ficar demasiado tempo agarrado à agenda, sempre procurar disciplinar e não recusar, dirigir e não afugentar, unir e não dispersar. A melhor definição para tudo isto que dizemos é a que diz o Doutor Carlos Azevedo, a caridade pastoral «é a tarefa de guiar, dirigir, unir. É

²⁶³ Schönborn, *A alegria de ser padre*, 124.

²⁶⁴ Gamarra, *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*, 327.

²⁶⁵ Cf. Azevedo, *Ser Padre*, 83.

o empenho de conhecer, amar, ser para as ovelhas. É estar desperto para as defender do ataque do inimigo. É proporcionar-lhes as melhores pastagens e as melhores águas. É trabalhar, cansar-se, abnegar-se por elas. E não se buscar a si, mas o bem delas».²⁶⁶ Parece que tudo isto é fácil, mas na prática não é, atualmente existe uma grave crise de fé em muitas pessoas, e mesmo em presbíteros, tudo fruto de um esquecimento da espiritualidade. É, portanto, necessária uma pastoral de sentido, com projetos e estruturas vinculada a uma espiritualidade forte.²⁶⁷

Ora, o que queremos como alternativa a esta debilidade de fé é que seja alimentada a espiritualidade mariana para daí retirar os frutos necessários para uma melhor pastoral nestes aspetos que temos vindo a apresentar. Não queremos aqui apresentar todos os modos de alimentar esta espiritualidade, para isso certamente existem muitos tratados e obras que tratam do tema, o que propomos de maneira simples e boa para o alimento da espiritualidade do presbítero é seguir o conselho de São Luís Maria Monfort que nos diz para fazer todas as ações por meio de Maria, com Maria, em Maria e para Maria.²⁶⁸ Para nós isto é o fundamental da espiritualidade mariana do sacerdote.

Com esta entrega total a Maria o pastor poderá viver uma vida mais disponível, mais atento, mais paciente, mais fiel, que não procure fazer muito, mas estar muito, não procure saber muito, mas amar muito, que não se procure a si, mas os demais, os que se encontram angustiados com o mundo, tristes, desamparados, vazios, pobres, sozinhos sem esperança, sem alguém que se preocupe com eles. É o sim diário que precisa dar, sim dou a minha vida por eles, sim procuro a minha santidade e dos outros, sim quero viver uma vida na fidelidade ao Evangelho e espalhar com fervor a Palavra, sim quero a salvação de todos.

2.3. A alegria do anúncio

Quem quiser crescer significativamente na sua vida espiritual deve possuir o dom da alegria.²⁶⁹ Quem vive no amor verdadeiro só pode viver na alegria. A alegria não se reduz a um sorriso constante ou eufórico, demasiado insensato. A alegria a que nos referimos, é a alegria que teve Maria aquando da visita à sua prima Isabel. Uma alegria que rejubila com a verdade, com a esperança de um mundo melhor e por saber que somos amados. Sobre este tema, a realidade é esta, existe a alegria dada por Deus e alegria dada

²⁶⁶ Azevedo, *Ser Padre*, 84.

²⁶⁷ Cf. Uriarte, *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*, 59.

²⁶⁸ Cf. Montfort, *Tratado da verdadeira devoção à Virgem Maria*, 207.

²⁶⁹ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 321.

pelo mundo. Não iremos apresentar um tratado sobre a alegria, mas o facto é que nós estamos inseridos no mundo e somos afetados por ele. A alegria que vem de Deus está relacionada com o seu amor por nós e quanto mais próximos estamos d'Ele mais alegres, ou seja, com Ele a alegria torna-se num estado permanente. Por isso é que temos o gosto de falar d'Ele. Bento XVI dizia o seguinte: «Falamos d'Ele porque sentimos o dever de transmitir a alegria que nos foi dada».²⁷⁰ A alegria do mundo está muita das vezes associada com os prazeres, na sua maioria é um estado passageiro. De facto, os prazeres se forem equilibrados não se tornam nocivos, o problema está quando se abusa deles.

Muitos podem objetar e dizer prova-me que a alegria vem de Deus. Claro que a resposta não é clarividente, pois toda ela transcende todo o nosso conhecimento, mas podemos afirmar que a alegria é a expressão mais acabada da felicidade, mas provar a sua origem é mais difícil, pois é uma experiência pessoal da graça do amor de Deus. A alegria no dizer do Papa Francisco é «um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados» (EG 6). O que queremos mesmo dizer com estas palavras é que o sacerdote está no mundo e depara-se com a alegria que vem do mundo, na qual é influenciado. Quais são os obstáculos que encontramos que não nos deixam ser alegres?

O mundo e os seus desafios levam muitos a terem medo. Um medo que nos fecha, nos oprime, nos deixa isolados, não nos deixa avançar, nos coloca entraves. Um medo que não nos deixa sorrir, não nos deixa transmitir o que achamos que é a nossa fonte de alegria. O fenómeno da globalização tem trazido efeitos negativos, por exemplo, nas massas juvenis, trazendo um individualismo desenfreado e uma certa alienação destrutível de relações, a morte da privacidade cada vez é maior e, no geral, como diz o Papa Francisco «a deterioração da ética, enfraquecimento dos valores espirituais e do sentido da responsabilidade» (FT 29). O avanço das tecnologias transformou a vida de toda a gente, as relações humanas tornaram-se mais globais, ao ponto mesmo de ninguém poder dizer não tenho nada a fazer.²⁷¹

Com efeito, estes avanços levaram a uma maior massificação das ideologias e, também, de políticas extremistas, surgimento de novos conflitos, o que revela uma civilização que em vez de progredir regride, está a ficar decadente. Quem apaga a história e luta por causas em nome da liberdade quando na verdade é fruto da escravidão, quando estamos numa sociedade que descarta as suas referências, a sabedoria e apaga as suas memórias, é, de facto, avançada civilizacionalmente? O mundo parece demasiado

²⁷⁰ Bento XVI, *O que é o Cristianismo – Quase um testamento espiritual* (Cascais: Lucerna, 2023), 20.

²⁷¹ Cf. Eduardo Duque, *Valores e Religiosidade em Portugal – Comportamentos e atitudes geracionais* (Porto: Edições Afrontamento, 2022), 25.

evoluído quando de facto parece que andamos perdidos, sem rumo. O mundo parece alegre, mas encontra-se melancólico; cheio de ídolos, mas sem modelos e referências; conectados, mas desligados, cheios de tudo, mas vazios por dentro. Ora, olhando para tudo isto e muito mais que a sociedade nos oferece verificamos que as pessoas estão cada vez mais depressivas, melancólicas, desanimadas, sem projetos de vida: parece haver um certo domínio sobre as nossas vidas sem nos tocar verdadeiramente. Por isso é que o Papa Francisco dizia que a «melhor maneira de dominar e avançar sem entraves é semear o desânimo e despertar uma desconfiança constante, mesmo disfarçada por detrás da defesa de alguns valores» (FT 15).

Com esta reflexão, não desejamos espalhar negativismo, o que queremos mesmo dizer, é que o sacerdote é influenciado por este mundo, também pode cair no medo, no individualismo, na tristeza, no desânimo, esquecer-se que tem uma vida interior, etc. O presbítero não pode esquecer o que disse Karl Rahner: «O cristão de amanhã será um místico, ou então deixará de existir».²⁷² Isto também quer dizer que, nos tempos de hoje o sacerdote deve caminhar no Espírito (cf. Gl 5, 16), pelo contrário, se viver só para o que é efémero, o sem sentido ou uma vida demasiado materialista, vai deixar de “existir”. Os tempos de hoje são desafiantes: ou se é valente e não se atira a toalha ao chão ou senão fica-se arrumado, esquecido, abandonado. A imagem hoje é quase como que idolatrada. Qual a imagem que o presbítero deixa na sociedade? Que tipo de sacerdote pede a sociedade, se é que lhe dá o devido valor. Porque, precisamente, hoje a sua imagem se encontra insegura e confusa em muitos aspetos e, por outro lado, questiona-se muito o seu serviço, o seu ministério e seu modo de vida.²⁷³ Uma das coisas que se pede é o testemunho da verdade acompanhada da alegria, dizia Walter Kasper: «Porque a forma mais convincente de pastoral vocacional acontece quando os jovens encontram sacerdotes que [...] testemunham com confiança e alegria. A reflexão sobre o serviço ministerial e a espiritualidade do padre pode ser muito eficaz neste domínio».²⁷⁴

A alegria que se pede é a alegria nos tratos, na relação com os outros, na pregação da Palavra, no confessionário, na direção espiritual, nos grupos onde se insere, ou seja, em tudo o que faz a alegria deve transparecer. O sacerdote não se deve deixar influenciar negativamente pelo mundo, mas apresentar novas alternativas ao mundo, como Maria, que não ficou inerte, mas levantou-se apressadamente e foi anunciar com alegria o Evangelho, não se fechou em si mesma, mas quis partilhar a alegria que brotava dentro dela. Não é pelo mundo se encontrar em crise que não há alternativas para se ser e estar

²⁷² Bento XVI, *O que é o Cristianismo – Quase um testamento espiritual*, 24.

²⁷³ Cf. Walter Kasper, *El sacerdote, servidor de la alegría* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009), 10.

²⁷⁴ Kasper, *El sacerdote, servidor de la alegría*, 22.

alegre. Se estamos em crise, então é altura de mudar algo, é uma oportunidade oferecida e desafiante. Como diz Walter Kasper: «o mais correto é considerar a crise como um desafio, ou melhor, como um *Kairós*: a oportunidade que Deus nos dá e nos oferece».²⁷⁵

Por isso dizemos, alegre-te sacerdote, não tenhas medo das mudanças, das opressões constantes, das exigências pedidas, das ameaças, das perseguições, diz antes como Maria, «A minha alma engrandece o Senhor e o meu espírito exultou em Deus meu salvador» (Lc 1, 47). Se tem muitos trabalhos, se está cansado, olha para Maria, e contempla a alegria que lhe deu asas nos pés, a beleza da mensagem fê-la esquecer a distância, os riscos e o cansaço da viagem.²⁷⁶ Com a visitação, Deus entra na nossa casa e quer que sejamos alegres no quotidiano da nossa vida, dizia Maria Ko: «Com a visitação, Deus entra no tecido da vida humana quotidiana. A salvação assume um tom doméstico, a alegria exprime-se no contexto da vida quotidiana».²⁷⁷

2.4. A fidelidade e a paciência nas tribulações e dificuldades

Ao longo do trabalho fomos abordando o tema da fidelidade, sempre em união com as palavras de Maria «O que Ele vos disser, fazei-o» (Jo 2, 5). À caridade pastoral, o tema que estamos a explorar, que podemos acrescentar nesta reflexão? As palavras de Maria parecem muito simples e são de facto, mas têm uma profundidade enorme de reflexões. A pergunta é simples: como me torno fiel? A resposta pode ser simples: fazer tudo o que Cristo propõe no Evangelho. De facto, Jesus Cristo propõe muitas coisas, mas reduz o Evangelho a dois mandamentos essenciais: amar a Deus e amar o próximo. Amar é a plenitude da lei, portanto, Jesus só nos pede para amar. Até aqui parece tudo fácil. Mas, se olharmos para a vida dos Apóstolos, dos santos, verificamos que a maioria deles tiveram de sofrer, de lutar para se manterem na fidelidade e na verdade. A radicalidade do Evangelho é dura e exigente, ninguém pode negar esta realidade, por isso os Apóstolos em certa altura diziam, «quem pode, então, ser salvo?» (Mc 10, 27), a resposta de Jesus é simples, «aos homens é impossível, mas não a Deus, pois tudo é possível a Deus» (Mc 10, 27). Com esta resposta chegamos àquilo que queríamos, ninguém se salva sozinho, ninguém pelas suas forças consegue salvar-se. Esta realidade é óbvia: todos necessitamos da graça divina. Como receber essa graça divina? Deixamos duas propostas que nos ligam diretamente a Maria: viver em humildade²⁷⁸ e em oração.

²⁷⁵ Kasper, *El sacerdote, servidor de la alegría*, 11.

²⁷⁶ Cf. Ko, *Magnificat – el canto de María de Nazaret*, 54.

²⁷⁷ Cf. Ko, *Magnificat – el canto de María de Nazaret*, 55.

²⁷⁸ Existem muitos tratados sobre a humildade, na nossa opinião, achamos que este livro é o melhor que trata este tema: Isaac de Nínive, *El don de la Humildad* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2020).

Na carta de Santiago, esta ideia é clara quando diz: «Deus opõe-se aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes» (Tg 4, 6), ou como diz Jesus: «...todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado» (Lc 14, 11). São Tomás de Aquino diz-nos que a humildade é a base do edifício espiritual.²⁷⁹ Santa Teresa dizia que «a humildade é andar na verdade»,²⁸⁰ por isso quem ama a verdade anda em humildade. Chegamos à razão de que «Deus ama os humildes porque os humildes estão na verdade».²⁸¹ A verdade é cumprir os mandamentos do Senhor, «Quem tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama. E quem me ama será amado pelo meu Pai» (Jo 14, 21).

Depois desta abordagem, se olharmos para Maria, encontramos nela a melhor figura, o melhor exemplo do que é ser humilde e andar em verdade. Com Maria podemos ter uma certeza, «Ela é o caminho que conduz ao verdadeiro Caminho».²⁸² Maria viveu uma autêntica vida espiritual, porque foi a mais humilde de todas as criaturas. Maria é o caminho melhor e mais seguro para nos levar a Deus. Assim diz Francisco Melús: «[A] devoção [mariana] nunca pode ser tomada como uma peça à parte, mas sim utilizada como a melhor forma de glorificar a Deus e de envolver os cristãos numa vida absolutamente de acordo com a vontade divina».²⁸³

Portanto, no que se refere à humildade, encontramos um dos melhores meios para nos relacionarmos com Jesus. Reconhecer as nossas fragilidades e dons, procurar sempre viver a vida consoante o Evangelho, ter amor à verdade são meios para nos aproximarmos mais de Deus. É claro que esta relação com Jesus se torna mais verdadeira se for em união com Maria. O que queremos frisar é que para uma verdadeira caridade pastoral é preciso ser humilde. Só assim podemos estar com todos sem excluir ninguém, sem fazermos aceção de pessoas. O amor não faz distinções, somente ama, seja o pobre ou o rico, acima de tudo, aquele que quer aproximar-se da verdade e caminhar nela. Mesmo que não seja possível estar atento ou controlar todas as situações que nos envolvam, ou mesmo haver algo que nos ultrapasse, nos esqueçamos, temos Maria que nos dá a mão e nos conduz à verdade. As palavras do Cardeal Martini são claras a este respeito:

Se Maria viveu um momento tão duro de desagrado, de humilhação e de dor, também nós devemos saber perdoar-nos a nós próprios, também nós devemos compreender que a nossa pobre natureza não consegue muitas vezes, por mais que se esforce, compreender o verdadeiro coração da situação. Maria toma-nos pela mão e ensina-nos a ser humildes e a aceitar a humilhação que nos pode vir das pessoas que criticam a nossa falha, a nossa fraca intuição, o

²⁷⁹ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 243.

²⁸⁰ Jesus, *As Moradas*, em *Obras Completas*, 561.

²⁸¹ Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 244.

²⁸² Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 207.

²⁸³ Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 207.

nosso esquecimento, a nossa falta de atenção a uma determinada pessoa numa circunstância importante.²⁸⁴

2.5. A união com a Igreja

Neste último apartado do capítulo queremos abordar o tema de oração na relação com Maria. «E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, Mãe de Jesus...» (Act 1, 14). Olhando para esta passagem, duas coisas são claras, a unidade existencial entre os primeiros Apóstolos e Maria e a oração como o elemento central para essa união. Não estão unidos só para conversar, mas para rezar. Hoje o sacerdote fala muito, mas reza pouco. Existem muitos tratados sobre o tema da oração, aqui iremos só destacar a sua importância na vida do presbítero, não vamos apresentar os métodos de como fazer, fica à liberdade pessoal. A oração é graça e responsabilidade de todo o cristão, pois quem não reza não pode ser verdadeiro cristão. O cristão reza sempre em comunhão com toda a Igreja.²⁸⁵ Pois, a oração não é um ato individual e egoísta. Mesmo rezando sozinho está em união com a Igreja. Ora o sacerdote tem o dever da oração, não se pode descuidar, ou arranjar a desculpa de que não tem tempo. Nós conhecemos a situação real de muitos presbíteros que têm demasiadas paróquias²⁸⁶ e demasiado trabalho pastoral, alguns mesmo encontram-se em ativismo puro. Chegando ao fim do dia, que vontade têm de rezar? Se rezarem o ofício divino já é uma proeza. Sabemos muito bem que é a realidade de muitos presbíteros,²⁸⁷ que andam cansados e demasiado ocupados. Muitos dizem eu rezo enquanto trabalho, não é a mesma coisa. Rezar é estar só, como o próprio Jesus fazia, quando se afastava das pessoas e rezava a sós ao Pai.

Uma pergunta vem sempre ao de cima nas nossas reflexões sobre este tema, se não rezamos, se não estamos em diálogo amoroso com quem sabemos nos ama, como poderemos crescer na fé, esperança e caridade? Chegam só os sacramentos? Chega só rezar o ofício divino? A presença da oração na vida de cada cristão mostra e atesta o nível e a qualidade da sua fé.²⁸⁸ Por isso, cada presbítero deve por si responder a estas perguntas.

O elemento da oração é importante, mas sabemos também dos obstáculos com que nos deparamos e como, por vezes, são difíceis de ultrapassar. O que recomendamos é que se ordene bem o tempo. Para a atividade pastoral é preciso discernir muito bem e distinguir o bem do mal com muito clareza; ver a desordem das coisas e orientá-las para o bem é sempre

²⁸⁴ Martini, *El Evangelio de María*, 57.

²⁸⁵ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 99.

²⁸⁶ Não vamos falar da maneira de orar dos monges e dos religiosos. O que queremos deixar claro é que a oração é importante para todos, o modo de como fazer isso é outro assunto.

²⁸⁷ Cf. Enzo Bianchi, *Ser Presbíteros hoy* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015), 12.

²⁸⁸ Cf. Bianchi, *Ser Presbíteros hoy*, 15.

um caminho árduo. Mas tudo isto não se consegue fazer bem se não tiver o elemento da oração. Assim dizia Enzo Bianchi:

Orar significa saber adquirir a capacidade de distinguir, de discernir e, da mesma forma, saber distinguir e pôr ordem em nós próprios. Como antídoto contra a desordem, contra o informe, contra o caos que nos habita, a oração é essencial num caminho de fé, de adesão ao Senhor, de amor por Ele, sem nada antepor a Ele e ao seu amor.²⁸⁹

Este elemento da oração é, como vimos, deveras importante na vida de todos os batizados e, em especial, na do presbítero. Enzo Bianchi dizia o seguinte: «O padre, sendo cristão e discípulo de Cristo, deve rezar, tal como todos os outros seguidores de Jesus».²⁹⁰ Maria junto à cruz não deixou de rezar, pelo contrário, quando foi trespassado o seu coração, foi quando mais necessitou da oração, uma oração de entrega, de seja feito à tua vontade. Como é preciosa a entrega de Maria à vontade de Deus.

A oração no Cenáculo junto dos Apóstolos é também um sinal de que Maria quer rezar connosco e alimentar a nossa fé, quer permanecer connosco na Igreja. Quando existe um escândalo ou divisões no seio da Igreja doem como se fosse uma espada a atravessar a alma. Como vemos, o presbítero tem Maria como auxiliadora que intercede por ele nas suas dificuldades e constantes lutas, ela quer estar com ele como esteve na Cruz junto de seu Filho e quer estar com ele em oração para que receba o Espírito Santo. Com Maria o sacerdote aprende as dimensões espirituais, eclesiais e pneumatológicas da vida cristã.

Dois elementos queremos deixar em jeito de conclusão nesta reflexão sobre a oração: o sacerdote precisa de saber escutar e ser um intercessor. Estes são aspetos da oração do sacerdote que estão diretamente ligados com Maria. Sobre a escuta já fomos abordamos ao longo do trabalho a sua importância. Mas de ser um intercessor mencionamos pouco. Quando um sacerdote sabe escutar, consegue perceber muito do que se passa na vida das pessoas, e assim «quando o presbítero escuta os irmãos, fá-lo em nome de Deus, tornando-se assim um homem de intercessão».²⁹¹ Intercessão porque, compadecendo-se das fragilidades alheias as entrega como um verdadeiro pastor ao cuidado de Deus. É nesta intercessão que vemos a verdadeira medida da caridade pastoral, somos da mesma opinião de Enzo Bianchi quando dizia que

é na intercessão quotidiana do pastor pelas suas ovelhas que se pode apreciar a verdadeira medida da sua caridade pastoral, do seu amor pelo rebanho e por cada uma das ovelhas, que ele conhece não só pelo nome, mas também nos seus sofrimentos, fragilidades e até pecados.²⁹²

²⁸⁹ Bianchi, *Ser Presbíteros hoy*, 17.

²⁹⁰ Bianchi, *Ser Presbíteros hoy*, 22.

²⁹¹ Bianchi, *Ser Presbíteros hoy*, 27.

²⁹² Bianchi, *Ser Presbíteros hoy*, 28.

Maria intercede por nós junto de seu Filho, pelo bem e salvação de todos, e o mesmo fazem os sacerdotes pelo seu rebanho. Esse é o seu papel, o seu serviço, a sua função mais importante. A presença de Maria junto dos Apóstolos revela a sua inteira ligação com a Igreja, Igreja esta constituída por todos os batizados. Com esta presença real na vida de cada um, «não se trata de uma presença solitária, mas comunitária»,²⁹³ Maria tem este papel importante de unificar e de trazer todos os filhos à volta da mesa do Seu Filho. Esta presença íntima de Maria, em contexto de comunhão dos santos, leva-nos a receber a chamada para viver com Cristo e em Cristo uma vida cristã perfeita.²⁹⁴ Em suma, podemos dizer que «a presença de Maria deve desempenhar um papel singular na nossa espiritualidade até se tornar uma atitude consciente e permanente e podermos alcançar, como ela, a docilidade ao Espírito Santo, a semelhança do seu Filho e a submissão filial ao Pai».²⁹⁵

²⁹³ Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 328.

²⁹⁴ Cf. Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 329.

²⁹⁵ Melús, *María de Nazaret la verdadera discípula*, 332.

CONCLUSÃO

O mundo atual empurra muitas pessoas para o vazio, para uma vida sem sentido, muitos procuram alimentar-se com aquilo que não alimenta verdadeiramente, bebem de tudo, mas estão sempre com sede. Quando se perdem os valores espirituais, deixa-se de dar valor às virtudes e começa-se a olhar para o que é efêmero. As pessoas que perdem o sentido da interioridade, envolvem-se no mundo pantanoso do pecado e da escravidão, preocupam-se com a imagem, com o corpo, valorizam as modas, idolatram o dinheiro, o sexo, a beleza. Procuram sempre novas aventuras, gostam de explorar ao máximo os desejos, os prazeres, são ávidos no saber, criam relações fúteis. Estão sempre insaciadas, procuram o seu melhor, mas sem olhar a fins, querem divertir-se sem haver amanhã. Num mundo onde existem muitas distrações e tantas ocupações que ofusca o pensar de muitos e onde se procura mais satisfazer os gostos, a realidade interna espiritual torna-se mais difícil de explorar.

No mundo existem muitas ilusões e utopias, vive-se demasiado na fantasia. Os frutos de uma sociedade sem espírito revelam-se. Procura-se a paz vem a guerra, luta-se pela liberdade, tornamo-nos escravos de muita coisa, luta-se pelos direitos, avançam as ideologias, somos sensíveis a tudo, mas não compassivos com os mais frágeis, a economia mata a natureza, o individualismo fecha as pessoas a relações fortes, verdadeiras e honestas, o salve-se quem puder impera e deixa-se de dar valor ao humilde, ao pobre, ao idoso, aos que não conseguem acompanhar o frenético mundo globalizado.

No meio deste mundo cada vez mais pantanoso encontra-se o sacerdote como cidadão e pastor de almas. Nos dias de hoje, um dos maiores desafios na vida do sacerdote é acompanhar as mudanças que a sociedade plural vai provocando, que repercute diretamente na vida existencial do presbítero. Num mundo em que tudo se torna relativo, questiona-se também a vida do padre. Todavia, exige-se demasiado dele, quando, quem exige, nem participa no culto, nas atividades da Igreja, nos sacramentos. Muitos criticam, mas nem se preocupam em conhecer a realidade da sua vida. Contudo, percebemos muito bem as críticas que vêm de fora, quando nos interpelam sobre as nossas condutas que não se coadunam com aquilo que acreditamos e professamos. No fundo, os sacerdotes de hoje e de

amanhã ou são homens de uma espiritualidade forte, enraizada em Cristo e em Maria, ou são desvalorizados, mal compreendidos e tornam-se inúteis. O mundo tem muitos ofertas, se os sacerdotes e todos os batizados, não tiverem uma vida espiritual verdadeira e fiel, não deixarão a sua marca nem cativarão ninguém, tudo se dilui no meio do pântano.

Quando falamos de espiritualidade forte, estamos a falar do que mencionamos ao longo deste trabalho. O sacerdote é um homem e não deixa de ter as suas dificuldades em assuntos de fé, também ele está suscetível a questões, dúvidas, objeções. Mas, quando se tem consciência de ser habitados por Deus, quando se procura alimentar diariamente a habitação divina com a oração, com os sacramentos, com a caridade exercida no dia a dia, na relação com os outros sacerdotes, com as pessoas, na direção espiritual, a esperança não se desvanece e a fé não se perde. Maria também não compreendia muita coisa e não foi por isso que desistiu. No Templo, não conseguiu perceber as palavras de Jesus (cf. Lc 2, 50), ela também não compreendeu Jesus quando dava mais valor à pregação do que à companhia da família (cf. Mc 3, 21). O sacerdote deve, como Maria, abrir-se ao Espírito e deixar que Ele faça o seu trabalho e, com o tempo, compreenderá muitos dos mistérios da sua vida. Para isto acontecer, o presbítero terá de ter uma profunda vida espiritual. Nós sabemos que são muitas as provações do presbítero, as suas noites escuras, securas, desânimos, contrariedades, dúvidas, mas, na união com Maria, ela ajuda-o a reanimar a sua fé, a não cair no desânimo e a não perder o norte. Ela é a luz nas trevas, nas noites escuras é a Lua que alumia. Com Maria tornamo-nos mais humanos e leva-nos a ter relações mais sãs e fortes. Hoje é o tempo favorável, este é o dia da salvação, por isso, pedimos a Deus pela intercessão da Mãe dos sacerdotes, que os sacerdotes não sejam motivo de escândalo, para que o seu ministério não seja desacreditado (cf. 2 Cor 6). Nas vossas tribulações, nas vossas crises, olhai para Maria, ela não abandonou o seu Filho, por isso, também, não nos abandona a nós.

A vida no Espírito traz muitos desafios ao sacerdote. Além da complexidade do mundo que nos envolve, nos põe à prova constantemente, questiona a nossa fé, deparam-se também com um enorme trabalho pastoral, fruto da falta de vocações sacerdotais. O demasiado trabalho também ajuda a que cada sacerdote tenha mais dificuldade em entrar em si e procurar estar com quem sabe que o ama. Muitos encontram-se no ativismo puro e têm dificuldade em meditar e orar nas coisas de Deus. Tudo isto é algo que deve ser bem pensado pelos superiores hierárquicos, procurando soluções para que cada sacerdote tenha tempo para a oração, para entrar no seu mundo interior e, claro, procurar fortalecer mais a relação com Maria.

O sacerdote precisa de estar em sintonia com Deus para que as suas palavras sejam de Deus e não dos homens. Para que os seus tratos sejam de ternura, não de amargura, saibam escutar, estar atentos, tenham compaixão dos que se aproximam de si, sejam misericordiosos, pacientes, disponíveis, guiando, não desorientando, unindo, não dispersando. Procurem não fazer aceção de pessoas, vivam uma vida humilde, amando a verdade, sejam discretos, amem mais o que é pobre e vil. O sacerdote não tem de se expor, tem é que ser audaz e perspicaz com a verdade; fiel ao seu compromisso, deve procurar viver uma vida santa, sem nunca esquecer que a sua entrega, a sua vocação é para sua salvação e dos outros, pois na sua vida deve configura-se com Cristo não com o mundo. Precisa de abrir-se ao diálogo explicando às pessoas as suas dúvidas, os seus anseios, evitando demasiada burocracia. Tudo isto implica estar atento à sua formação intelectual, humana e espiritual. Tem necessidade constante de procurar amizades com outros sacerdotes, com o seu Bispo ser fiel e obediente, nas suas relações ter cuidado com a familiaridade. Encontrará muitos obstáculos nas relações, se não for maduro na vida afetiva, psicológica, espiritual, entra no mundo da duplicidade, o que não é recomendado a um sacerdote, pois, como dizia o Papa Francisco, «a duplicidade de vida de um sacerdote não deve ser tolerada, mas denunciada, à luz do Espírito, pois somente Ele cura as infidelidades dos seus ministros».²⁹⁶ Precisa de excluir urgentemente das suas relações toda a espécie de clericalismo e abuso de poder. Isto, precisamente, porque «o clericalismo, favorecido tanto pelos próprios sacerdotes como pelos leigos, gera uma rutura no corpo eclesial que beneficia e ajuda a perpetuar muitos dos males que denunciamos hoje».²⁹⁷

Ao longo do nosso estudo procuramos apresentar aos sacerdotes que a presença de Maria é essencial nas suas vidas. Ela ajuda-nos, antes de tudo, porque é Mãe. Depois, como está unida inteiramente a seu Filho, e o seu Filho ofereceu-a como nossa Mãe espiritual, ajuda cada um de nós a viver melhor o Evangelho, as virtudes, os desígnios do Reino. Com Maria estamos em Jesus e com Jesus estamos em Maria. Por isso, Maria é um refúgio seguro, auxílio nas fases difíceis, disponível nos momentos de aflição; com ela o sacerdote ultrapassa os medos, tem a sua companhia nas suas cruzes, ajuda-o a renovar o seu sim diário. Maria é a estrela que nos guia, numa nova evangelização, numa melhor prática da oração, numa pastoral mais terna, atenta, educativa, testemunhal. Com ela é possível adquirir muitas virtudes e não cair na desilusão pastoral, na crise de fé, no desleixo litúrgico, na falta de brio, na desordem,

²⁹⁶ Francisco, «Acompanhar a vida espiritual dos sacerdotes e não tolerar a duplicidade», acedido a 10 de setembro de 2023,

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-06/papa-francisco-audiencia-servos-paraclito-junho-2023.html>

²⁹⁷ Francisco, «Carta do Papa Francisco ao povo de Deus», acedido a 11 de setembro de 2023,

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/papa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.html

na falta de organização, na demasiada burocracia, etc. Maria é simples e com ela podemos torna-nos simples, acessíveis, disponíveis, atentos, humildes. Ela entra na nossa história e indica-nos o caminho para a nossa salvação pessoal e a de todos.

Procuramos afirmar que os sacerdotes podem viver a sua vida com um coração semelhante ao de Maria. Por isso, propomos aos sacerdotes que reanimem a devoção e a comunhão com Maria nas suas pregações, e relembrem às pessoas de que Maria está conosco e nos acompanha e, com ela, podemos e devemos ter uma verdadeira relação existencial. Vivemos verdadeiramente no espírito de Maria, se com ela aprendermos a viver uma vida espiritual mais plena, mais teológica, mais humana.

Por último, esperamos que cada sacerdote consiga olhar para Maria, a Virgem Santíssima, a Bem-Aventurada, de maneira diferente, pois o que foi apresentado é válido e bem correto para se chegar à conclusão de que Maria tem uma presença viva e constante na nossa vida espiritual. Com ela é possível uma verdadeira relação vital. Ela ajuda-nos a sermos melhores cristãos e a sermos mais humanos.

Com este estudo desejamos contribuir para que a espiritualidade mariana do sacerdote reafirmando os seus fundamentos evangélicos e confirmando os ensinamentos do Magistério adquira uma nova atualidade espiritual e pastoral na vida e no ministério dos sacerdotes ao serviço da Igreja.

Terminamos com esta oração retirada do diretório para o ministério e vida dos sacerdotes.

Oração a Maria Santíssima

*Maria,
Mãe de Jesus Cristo e Mãe dos sacerdotes
recebei este preito que nós Vos tributamos
para celebrar a Vossa maternidade
e contemplar junto de Vós o Sacerdócio
do Vosso Filho e dos vossos filhos,
ó Santa Mãe de Deus.*

*Mãe de Cristo,
ao Messias Sacerdote destes o corpo de carne
para a unção do Espírito Santo
a salvação dos pobres e contritos de coração,
guardai no Vosso Coração
e na Igreja os sacerdotes,
ó Mãe do Salvador.*

*Mãe da fé,
acompanhastes ao templo o Filho do Homem,
cumprimento das promessas feitas aos nossos Pais,*

*entregai ao Pai para Sua glória
os sacerdotes do Filho Vosso,
ó Arca da Aliança.*

*Mãe da Igreja,
entre os discípulos no Cenáculo,
suplicastes o Espírito
para o Povo novo e os seus Pastores,
alcançai para a ordem dos presbíteros
a plenitude dos dons,
ó Rainha dos Apóstolos.*

*Mãe de Jesus Cristo,
estivestes com Ele nos inícios
da Sua vida e da Sua missão,
Mestre O procurastes entre a multidão,
assististe-l'O levantado da terra,
consumado para o sacrifício único eterno,
e tivestes perto João, Vosso filho,
acolhei desde o princípio os chamados,
protegei o seu crescimento,
acompanhai na vida e no ministério
os Vossos filhos,
ó Mãe dos sacerdotes.*

Amén!

Totus tuus Maria!

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

Sagrada Escritura

Conferência Episcopal Portuguesa. *Bíblia – Os Quatro Evangelhos e os Salmos*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019.

Franciscanos Capuchinhos. *Bíblia Sagrada*. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2006.

Magistério

Benedictus XVI. «Audiência geral». Acedido a 15 de abril de 2023.

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090812.html

———. Carta Encíclica *Deus Caritas est*. Roma, 2005.

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html

Concilium Oecumenicum Vaticanum II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. Roma, 1965.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html

———. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Roma, 1964.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html

———. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Roma, 1965.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html

———. Decreto *Ad Gentes*. Roma, 1965.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html

———. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. Vaticano, 1965.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html

———. Decreto *Optatam Totius*. Vaticano, 1965.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html

Denzinger e Hünermann. *Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

Dicastério para a Cultura e Educação. *A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual*. Roma, 1988.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880325_vergine-maria_po.html

Dicastério para o Clero. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. Nova Edição. Roma, 2013.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html

———. *O dom da vocação presbiteral*. Vaticano, 2016.

<https://www.clerus.va/content/dam/clerus/Ratio%20Fundamentalis/O%20Dom%20da%20Vocacao%20Presbiteral.pdf>

———. *O Presbítero, Mestre da Palavra, Ministro dos Sacramentos e Guia da Comunidade, em vista do Terceiro Milénio*. Roma, 1999.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_19031999_pretres_po.html

———. *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial*. Roma, 2002.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20020804_istruzione-presbitero_po.html

Franciscus. «Acompanhar a vida espiritual dos sacerdotes e não tolerar a duplicidade». Acedido a 10 de setembro de 2023.

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-06/papa-francisco-audiencia-servos-paraclito-junho-2023.html>

———. Bula *Misericordiae Vultus*. Roma, 2015.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html

———. «Carta ao povo de Deus». Acedido a 11 de setembro de 2023.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/papa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.html

———. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Assis, 2020.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html

———. «Discurso aos diáconos permanentes da diocese de Roma, com seus familiares». Acedido a 3 de maio de 2023.

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/june/documents/20210619-diaconi.html>

———. «Discurso da Comemoração do Cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos». Acedido a 2 de maio de 2023.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html

———. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Roma, 2013.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

Ioannes Paulus II. Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*. Vaticano, 2002.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.html

———. *Carta a todos os sacerdotes da igreja com ocasião de Quinta-Feira Santa de 1979*.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1979/documents/hf_jp-ii LET_19790409_sacerdoti-giovedi-santo.html

———. *Carta a todos os sacerdotes da igreja com ocasião de Quinta-Feira Santa de 1988*.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/letters/1988/documents/hf_jp-ii LET_19880325_priests.html

———. *Carta a todos os sacerdotes da igreja com ocasião de Quinta-Feira Santa de 1996*.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/letters/1996/documents/hf_jp-ii LET_17031996_priests.html

———. *Carta a todos os sacerdotes da igreja com ocasião de Quinta-Feira Santa de 2000*.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/2000/documents/hf_jp-ii LET_20000330_priests.html

———. Carta Encíclica *Dives in Misericordia*. Roma, 1980.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_ENC_30111980_dives-in-misericordia.html

———. Carta Encíclica *Redemptoris Hominis*. Roma, 1979.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_ENC_04031979_redemptor-hominis.html

———. Carta Encíclica *Redemptoris Mater*. Roma, 1987.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_ENC_25031987_redemptoris-mater.html

———. Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*. Roma, 1992.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_EXH_25031992_pastores-dabo-vobis.html

———. Exortação Apostólica pós-Sinodal *Pastores Gregis*. Roma, 2003.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_EXH_20031016_pastores-gregis.html

Leo XIII. Carta Encíclica *Fin dal principio*. Roma, 1902.
https://www.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_08121902_fin-dal-principio.html

Paulus VI. «Audiência geral». Acedido a 20 de junho de 2023.
https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1964/documents/hf_p-vi_aud_19641007.html

———. Carta Apostólica *Sabaudiae Gemma*. Roma, 1967.
https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19670129_sabaudiae-gemma.html

———. Carta Encíclica *Sacerdotalis Caelibatus*. Roma, 1967.
https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_24061967_sacerdotalis.html

———. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Roma, 1975.
https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html

———. Exortação Apostólica *Marialis Cultus*. Roma, 1974.
https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html

———. Exortação Apostólica *Signum Magnum*. Roma, 1967.
https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19670513_signum-magnum.html

———. «Homília na peregrinação ao Santuário mariano de nossa Senhora de Bonária na ilha de Sardenha». Acedido a 7 de agosto de 2023.
https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700424.html

Pius X. Exortação Apostólica *Haerent Animo*. Roma, 1908.
https://www.vatican.va/content/pius-x/it/apost_exhortations/documents/hf_p-x_exh_19080804_haerent-animo.html

Pius XI. Carta Encíclica *Ad Catholici Sacerdotii*. Roma, 1935.
https://www.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19351220_ad-catholici-sacerdotii.html

Pius XII. Exortação Apostólica *Menti Nostrae*. Roma, 1950.
https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-xii_exh_19500923_menti-nostrae.html

———. «Radiomensagem “un’ora grave” do Papa Pio XII aos governantes e aos povos do iminente perigo de guerra». Acedido a 14 de junho de 2023.
https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf_p-xii_spe_19390824_ora-grave.html

2. ESTUDOS

Agostinho. *Trindade*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007.

Alberti, Gabriel Richi. «Significado do Concílio Vaticano II para a renovação sacerdotal da nossa época». Em *Para uma teologia fundamental do sacerdócio – Atas do Simpósio promovido pelo Centre de Recherche et d'Anthropologie des Vocations*, Cidade do Vaticano, Sala Paulo VI, 17-19 de fevereiro de 2022, editado por Cardeal Marc Ouellet, 83-98. Volume 1. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.

Asensio, José Arturo Domínguez. *María, Estrella de la Evangelización – Madre de Dios y nuestra*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1991.

Augustin, George. *Colaboradores da vossa alegria – o ministério sacerdotal hoje*. Prior velho: Paulinas Editora, 2015.

Azevedo, Carlos Alberto Moreira. *Ser Padre*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.

Bagatti, Belarmino e Florentino García. *La vida de Jesús en los Apócrifos del Nuevo Testamento*. Jerusalén: Franciscan Printing Press, 1978.

Balthasar, Hans Urs Von. *El corazón del mundo*. Madrid: Ediciones Encuentro, S.A., 2009.

———. *Puntos Centrales de la fe*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1985.

———. «Testemunho e credibilidade». *Communio – Revista internacional Católica*, n.º 2 (março 1988): 167-172.

Balthasar, Hans Urs von, Wolfgang Beinert, Emmanuel Jungclaussen, Aloys Klein, Peter Lippert, Paul Nordhues, Heinrich Petri, Leo Scheffczyk, Hans, Joachim Schulz e Gerhard Voss. *O culto a Maria hoje*. 3.a ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

Bento XVI. *O que é o Cristianismo – Quase um testamento espiritual*. Cascais: Lucerna, 2023.

Bernardo. *Obras completas – Sermões litúrgicos*. 2.a ed. Vol. IV. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006.

Bertetto, Domenico. «Magisterio». Em *Nuevo Diccionario de Mariologia*. Ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo. Traduzido por Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo. 1213-1224. Madrid: Ediciones Paulinas, 1988.

Bianchi, Enzo. *A los presbíteros*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2012.

———. «La vida espiritual cristiana». *Selecciones de Teología* 39, n.º 156 (outubro-dezembro 2000): 291-300.

———. *Ser Presbíteros hoy*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015.

Bifet, Juan Esquerda. «Sacerdotes». Em *Nuevo Diccionario de Mariologia*. Ed. Stefano de Fiore y Salvatore Meo. Traduzido por Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo. 1799-1803. Madrid: Ediciones Paulinas, 1988.

———. *Teologia de la espiritualidad sacerdotal*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1976.

Blanco, Mauricio Martín del. *Dichosa Tú... que has creído*. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2002.

Boas, Alex Villas. «Do poder pastoral ao cuidado pastoral». Em *Uma anatomia do poder eclesialístico*, editado por João Eleutério, 127-168. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2022.

Bock, Ivone Margarida e Maria Angela Almeida. «Mariologia e Ideologia». *Revista de Cultura Teológica*, n.º 7 (abril-junho 1994): 49-61.
<https://doi.org/10.19176/rct.v0i7.14131>

Boff, Leonardo. *O Rosto Materno de Deus – Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

Bouchard, Françoise. *O Santo Cura D'Ars*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2009.

Bouyer, Louis. *El cuarto Evangelio – Introducción al Evangelio de Juan*. Traduzido por Plácido Gil Imirizaldu. Barcelona: Editorial Estela, S.A., 1967.

Brindis, Lorenzo de. *Marial – María de Nazaret «Virgen de la Plenitud»*. Traduzido por Agustín Guzmán Sancho e Bernardino de Armellada. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

Brown, Raymond E. *La Comunidad del Discípulo amado – estudio de la eclesiología Juánica*. 3.ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1991.

Brown, Raymond E., Karl P. Donfried, Joseph A. Fitzmyer e John Reumann. *Maria en el Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982.

Bur, Jacques. *A espiritualidade sacerdotal*. Traduzido por Margarida Maria Osório Gonçalves. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997.

Cabecinhas, Carlos. «A figura de Maria na Espiritualidade Católica». Em *A Virgem Maria na liturgia da Igreja*, editado por Documentos da Igreja e Estudos, 243-264. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

Cardedal, Olegario González de. *Cristología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

Carmelo de Cristo Redentor. *In persona Christi – O sacerdote no coração do Carmelo*. Marco de Canavezes: Edições Carmelo, 2010.

Cipriani, Settimio. «Madre nuestra». Em *Nuevo Diccionario de Mariologia*. Ed. Stefano de Fiore y Salvatore Meo. Traduzido por Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo. 1200-1204. Madrid: Ediciones Paulinas, 1988.

- Checa, Rafael. *La pastoral de la espiritualidad cristiana*. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2000.
- Coelho, Ângela de Fátima. *Dentro da Luz – um itinerário para compreender a mensagem de Fátima*. 2.a ed. Fátima: Santuário de Fátima, 2022.
- Cruz, João da. *Romance*. Em *Obras Completas*, 6.a ed. Marco de canaveses: Edições Carmelo, 2005.
- Dias, Manuel Madureira. *Maria de Nazaré, Mãe de Deus e Mãe nossa*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021.
- Duque, Eduardo. *Valores e Religiosidade em Portugal – Comportamentos e atitudes geracionais*. Porto: Edições Afrontamento, 2022.
- Eleutério, João. «A ministerialidade na Igreja: Subversões e “redescobertas”». Em *Uma anatomia do poder eclesialístico*, editado por João Eleutério, 25-52. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2022.
- Fiores, Stefano de. *María Madre de Jesús – Síntesis histórico-salvífico*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2002.
- . «Maria». Em *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*. Ed. Augusto Guerra. 2.a ed.: 850-867. Madrid: Ediciones Paulinas, 1983.
- Forte, Bruno. *María, la mujer icono del misterio*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015.
- . *Sobre o Sacerdócio Ministerial*. Traduzido por Américo Casado. Lisboa: Edições Paulistas, 1993.
- Franzi, Francesco. «Sacerdotes». Em *Nuevo Diccionario de Mariologia*. Ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo. Traduzido por Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo. 1790-1799. Madrid: Ediciones Paulinas, 1988.
- Gamarra, Saturnino. *Manual de Espiritualidad Sacerdotal*. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2008.
- Greshake, Gisbert. *Ser sacerdote hoy*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.
- Guerreira, Julio Antonio Ramos. *Teologia Pastoral*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.
- Guerrero, Pablo. «Una Iglesia que cuida “fijos los ojos en Él”: La pastoral como cuidado». *Sal Terrae* 109/8, n.º 1269 (setembro 2021): 721-735.
- Jesus, María Eugenio del Niño. *Quiero ver a Dios*. Traduzido por Juan Montero, OCD. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2002.
- Kasper, Walter. *A misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. Traduzido por Beatriz Luiz Gomes. Cascais: Lucerna, 2015.
- . *El sacerdote, servidor de la alegría*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009.

- . *María signo de esperanza*. Maliaño – Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2020.
- Ko, Maria. *Magnificat – el canto de María de Nazaret*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.
- Laurentin, Rene. «La Virgen María tras la publicación del texto conciliar». *Concilium – Revista internacional de Teología* 8, n.ºs 7-10 (julho-dezembro 1965): 152-167.
- Ligório, Afonso Maria de. *Glórias de Maria*. Aparecida-SP: Editora Santuário, 1989. Ebook.
- Martinez, Mons. Francisco Álvarez. «María y la Iglesia: Espiritualidad mariana sacerdotal», *Seminarios – sobre los ministerios en la Iglesia* 106, vol. 33 (outubro-dezembro 1987): 465-475.
- Martini, Carlo Maria. *El Evangelio de María*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2009.
- . *Un tesoro en vasijas de barro*. Traduzido por Ricardo Lázaro Barceló. Estella – Navarra: Editorial Verbo Divino, 2022.
- Martín-Moreno, Juan Manuel. *Personajes del cuarto Evangelio*. 3.ª ed. Henao: Editorial Desclee de Brouwer, S.A.; Universidad Pontificia Comillas, 2010.
- McKenzie, John Lawrence. «María». Em *Dicionário Bíblico*. 6.ª ed.: 585-587. São Paulo: Paulus, 1983.
- Melús, Francisco Maria López. *María de Nazaret la verdadera discípula*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1999.
- Melo, Luís Rocha e. *O vento sopra onde quer*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2001.
- Michl. J. «María». Em *Dicionário de Teologia Bíblica*. Ed. Johannes Baptist Bauer. Traduzido por Helmuth Alfredo Simon. 2.ª ed., vol. II: 660-674. São Paulo: Edições Loyola, 1978.
- Montfort, Luís Maria Grignon de. *O segredo de Maria – sobre a escravidão da Santa Virgem*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- . *Tratado da verdadeira devoção à Virgem Maria*. Anápolis: Fraternidade Arca de Maria, 2002.
- Newman, John Henry. *O coração do mundo – Antologia de Escritos*. Coimbra: Edições Tenacitas, 2021.
- Nínive, Isaac de. *El don de la Humildad*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2020.
- Orozco, Antonio. *Mãe de Deus e nossa Mãe*. Lisboa: Diel – Lda, 1997.
- Paredes, José Cristo Rey García. «María en la espiritualidad de los ministros ordenados». Em *Espiritualidad Sacerdotal – Congreso*, editado por Comisión Episcopal del Clero, 265-282. Madrid: Editorial de la Conferencia Episcopal Española, 1989).
- . *Mariología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.

Peretto, Elio. «Sierva». Em *Nuevo Diccionario de Mariologia*. Ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo. Traduzido por Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo. 1851-1859. Madrid: Ediciones Paulinas, 1988.

Pérez, Ángel Cordovilla. «*Como el Padre me envió, así os envío yo*» – Teología y espiritualidad del Ministerio Apostólico presbiteral. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2019.

Pie, Eliseo Tourón del. «Redemptoris Mater». Em *Nuevo Diccionario de Mariologia*. Ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo. Traduzido por Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo. 1684-1689. Madrid: Ediciones Paulinas, 1988.

Pikaza, Xavier. *A teologia de Lucas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.

———. *La madre de Jesús – introducción a la mariología*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1990.

———. *La Mujer en las grandes religiones*. Bilbao: Editorial Desclee de Brouwer, 1991.

Pimentel, João Paulo. *O Sacerdócio – um serviço de amor*. Lisboa: Paulus Editora, 2012.

Pinckaers, Servais. *La vida espiritual*. Valencia: Editorial Edicep: 1994.

Pocher, Linda. «O “Princípio Mariano” na Igreja: Implicações antropológicas e eclesiais da presença e do papel de Maria na história da salvação». Em *Para uma teologia fundamental do sacerdócio*, editado por Cardeal Marc Ouellet, 11-26. Volume 2. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.

Potterie, Ignacio de la. *La verdad de Jesús – Estudios de cristología joanea*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1979.

———. *Maria en el misterio de la alianza*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.

Pozo, Cándido. *Maria en la Escritura y en la fe de la Iglesia*. 3.a ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1979.

———. *María, nueva Eva*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.

Puerto, Mercedes Navarro. *Maria, la mujer – ensayo psicológico-bíblico*. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1987.

Rahner, Karl. *María, Madre del Señor*. Barcelona: Editorial Herder, 1967.

Relatos de um peregrino russo ao seu pai espiritual. Traduzido por Maria Teresa Ferreira. 4.a ed. Prior Velho: Paulinas Editora, 2021.

Rodríguez, Marcelo Merino. *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica – Nuevo Testamento 4b – Evangelio según San Juan (11-21)*, editado por Thoma C. Oden. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2013.

Rojo, Ezequiel García. *Edith Stein con María al pie de la Cruz*. Burgos: Grupo Editorial Fonte, 2019.

Rupnik, Marko. *El Discernimento*. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2015.

Schönborn, Cardeal Christoph. *A alegria de ser padre*. Prior velho: Paulinas Editora, 2010.

Serra, Aristide. «Bíblia (Juan)». Em *Nuevo Diccionario de Mariologia*. Ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo. Traduzido por Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo. 347-368. Madrid: Ediciones Paulinas, 1988.

Servais, Jacques. *Hans Urs Von Balthasar – textos de Ejercicios Espirituales*. Bilbao, Santander: Ediciones Mensajero, S.A.; Editorial Sal Terrae, 2009.

Siliuto, Mercedes Méndez. «La espiritualidad del educador». *Sal Terrae* 106/2, n.º 1230 (fevereiro 2018): 133-145.

Staid, Ennio Domenico. «Rosario». Em *Nuevo Diccionario de Mariologia*. Ed. Stefano de Fiores y Salvatore Meo. Traduzido por Alfonso Ortiz García, Eloy Requena Calvo e José María Corzo. 1731-1741. Madrid: Ediciones Paulinas, 1988.

Teresa de Jesus. *As Moradas*. Em *Obras Completas*. 5.a ed. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2015.

———. *Livro da Vida*. Em *Obras Completas*. 5.a ed. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2015.

Thuan, Francisco Xavier Nguyen Van. *O Caminho da Esperança – testemunhar com alegria a pertença a Cristo*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007.

Toniolo, M. Ermanno. *Raggi di Luce - Per una vita vissuta con Maria nella Chiesa*. Roma: Centro di Cultura Mariana, 2013.

Uriarte, Juan María. *Una espiritualidad sacerdotal para nuestro tiempo*. 2.a ed. Maliaño – Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2020.

Weil, Simone. *À porta do farol faz escuro*. Traduzido por Manuel Simões. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1991.

Documentos da internet

Amato, Angelo. «A santidade é a forma mais alta do humanismo». Acedido a 16 de agosto de 2023.

https://www.snpcultura.org/a_santidade_e_a_forma_mais_alta_de_humanismo.html

Masciarelli, Mons. Michele Giulio. «L'esercizio del presbiterato con Maria». Acedido a 9 de agosto de 2023.

<https://www.latheotokos.it/programmi/PresbiteratoMasciarelli.pdf>